

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO – FAALC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDO DE LINGUAGENS
– PPGEL**

NATHALIA FLORES SOARES

LEITURAS CRÍTICAS BIOGRÁFICAS FRONTEIRIÇAS:
Heloisa Buarque de Hollanda, uma intelectual da exterioridade.

**CAMPO GRANDE – MS
DEZEMBRO - 2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO – FAALC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDO DE LINGUAGENS
– PPGEL**

NATHALIA FLORES SOARES

**LEITURAS CRÍTICAS BIOGRÁFICAS FRONTEIRIÇAS:
Heloisa Buarque de Hollanda, uma intelectual da exterioridade.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob orientação do Prof. Dr. Edgar Cézar Nolasco como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens pela linha de pesquisa Representação, Cultura e Literatura.

Área de Concentração: Literatura, Estudos Comparados e Interartes.

**CAMPO GRANDE – MS
DEZEMBRO- 2021**

NATHALIA FLORES SOARES

LEITURAS CRÍTICAS BIOGRÁFICAS FRONTEIRIÇAS:
Heloisa Buarque de Hollanda, uma intelectual da exterioridade.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Edgar César Nolasco (Orientador / Presidente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGEL/UFMS

Profa. Dra. Damaris Pereira Santana Lima
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Letras/UFMS

Prof.^a Dr.^a Marta Francisco de Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof.^a Dr.^a Vânia Maria Lescano Guerra (Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Dedico este trabalho a minha avó, minha aliada da vida toda. O ser humano mais revestido de encanto.

AGRADECIMENTOS

Um bom amigo certa vez me disse que a gratidão é um dos sentimentos mais bonitos do mundo. Nesse sentido, quero agradecer primeiramente à Deus por ter me sustentado até aqui para que pudesse delinear este trabalho.

Em segundo lugar, agradeço à minha avó Maria Eulália por ser o melhor ser humano que conheço e por ter me proporcionado todas as oportunidades para chegar onde cheguei. Eu nunca terei palavras suficientes para expressar minha gratidão à senhora por tudo o que fez e faz por mim. Eu te amo com todo o meu coração.

Agradeço à minha família como um todo (Lene, Marilda Jean), em especial, meu pai (Mateus) e minha mãe (Raquel) por sempre acreditarem em meu potencial. Agradeço ao meu avô Mateus por sempre sonhar junto comigo e principalmente, por ter as melhores expectativas para minha vida. Obrigada a toda minha família por acreditar e auxiliar esta pesquisadora que vós fala.

Agradeço ao meu parceiro da vida Ronner Amorim por nunca ter soltado minha mão durante todo este tempo, você faz parte das minhas melhores escolhas e sonha comigo os sonhos mais altos. Felicidade é partilhar a vida e a escrita com você. Eu te amo.

Não posso esquecer por um só momento de agradecer como todo meu respeito e sensibilidade ao meu orientador professor Edgar César Nolasco. O senhor me deu a possibilidade de ser quem sempre sonhei, agradeço por ser um bom amigo político e orientador, obrigada por apostar as fichas em mim e sobretudo, por confiar no meu trabalho.

Agradeço as professoras componentes da banca examinadora, obrigada por aceitarem meu convite e por todos os ensinamentos, vocês são mulheres as quais admiro muito.

Agradeço a todos os membros do NECC (Marina, Júlia, Vinícius, Dênis, Thiago, Viviane, Fábio, Amaury e Barbára) por todas as conversas, conceitos, cafés, tardes que se transformaram por vezes em noites compartilhadas com vocês. Vocês foram peças essenciais para que este trabalho pudesse se concretizar.

No tocante ao NECC, agradeço em especial ao Pedro Henrique de Medeiros por sempre me motivar a escrever, ler, por me ajudar a me tornar pesquisadora. Agradeço

por nunca medir esforços em me ouvir ou ler meus escritos. Obrigada por aguentar meus anseios e por ser esse aliado sensível nesta jornada. Amo você.

Agradeço as minhas boas-amigas-aliadas, Talita, Anne, Thamyris, Larissa, Aline Antonini e Isabelle Jablonski por sempre me ouvirem falando do mestrado e por desejarem as melhores coisas para minha vida/pesquisa.

Agradeço à CAPES por ter me proporcionado bolsa durante o mestrado.

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) por me permitirem realizar este sonho através da educação pública e gratuita de qualidade.

Por fim, agradeço a todos os professores, amigos, que perpassaram esta etapa da minha vida, os admiro e luto para que haja um mundo justo em que o trabalho professoral seja valorizado!

RESUMO

Esta pesquisa se assenta em uma leitura biográfico-fronteiriça partindo da obra *Escolhas* (2009), da intelectual e professora Heloisa Buarque de Hollanda. Para tanto, me valerei do viés possibilitado pela crítica biográfica de Eneida Maria de Souza (2002), da crítica biográfica fronteiriça de Edgar César Nolasco (2013) e da epistemologia descolonial presente nos escritos de Walter Mignolo (2003). Nesse sentido, utilizarei uma metodologia eminentemente bibliográfica assentada na crítica biográfica fronteiriça engendrada por conceitos como desprendimento, desobediência epistêmica, razão subalterna, memórias subalternas latinas, dentre outros. Portanto, na esteira do recorte teórico supracitado, pretendo delinear um ensaio biográfico da intelectual a partir de seu projeto intelectual com os corpos marginais. A dissertação será dividida em três momentos, o I capítulo intitulado: **“DO OUTRO LADO DO PENSAMENTO COLONIAL: Escolhas da desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda”**, o qual se baseia em uma teorização dos principais conceitos que elegem a epistemologia fronteiriça. No II capítulo, **“MEMÓRIA DESCOLONIAL: por uma conceituação fronteiriça”**, tratarei da questão da memória e do arquivo da exterioridade em Heloisa Buarque de Hollanda. Por fim, no III capítulo intitulado **“UMA AULA DE ESCOLHAS: a desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Callado”** se trata de uma leitura comparatista de ordem crítica biográfica fronteiriça, acerca da obra *Uma aula de Matar* (2010) a qual ficcionaliza a vida de Heloisa Buarque de Hollanda.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Biográfica Fronteiriça; *Escolhas*; Heloisa Buarque de Hollanda; Desobediência

RESUMEN

Esta investigación se basa en una lectura biográfica-fronteriza a partir de la obra *Escolhas* (2009), de la intelectual y profesora Heloisa Buarque de Hollanda. Para ello, utilizaré el sesgo posibilitado por la crítica biográfica de Eneida Maria de Souza (2002), la crítica biográfica de frontera de Edgar Cézar Nolasco (2013) y la epistemología descolonial presente en los escritos de Walter Mignolo (2003). En este sentido, utilizaré una metodología eminentemente bibliográfica basada en la crítica biográfica de frontera engendrada por conceptos como despredimiento, desobediencia espiritual, razón subalterna, memorias subalternas latinas, entre otros. Por tanto, a raíz del mencionado marco teórico, pretendo esbozar un ensayo biográfico de la intelectual a partir de su proyecto intelectual con cuerpos marginales. La disección se dividirá en tres capítulos, el primero: **“DO OUTRO LADO DO PENSAMENTO COLONIAL: Escolhas da desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda**, que se basa en una teorización de los principales conceptos que eligen la epistemología fronteriza. En el segundo capítulo, **“MEMÓRIA DESCOLONIAL: por uma conceituação fronteiriça”**, abordaré el tema de la memoria y el archivo de la exterioridad en Heloisa Buarque de Hollanda. El tercer capítulo titulado **“UMA AULA DE ESCOLHAS: a desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Callado”** es una lectura comparativa de una frontera biográfica crítica, sobre la obra *Uma classe de Matar* (2010) que ficcionaliza la vida de Heloisa Buarque de Hollanda.

PALABRAS-CLAVE: Crítica Biográfica Fronteriza; *Escolhas*; Heloisa Buarque de Hollanda; Desobediencia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Turma da universidade das quebradas ano 2019	27
Figura 2. Coivara de sombras	51
Figura 3. Minhas/ nossas escolhas	54
Figura 4. Foto- epígrafe de minha avó	78
Figura 5. Retrato de minha avó quando criança.....	79
Figura 6. Retrato de minha avó na juventude.....	81
Figura 7. Foto de minha primeira apresentação de trabalho	83
Figura 8: Foto com meu orientador	85
Figura 9: Uma paisagem biogeográfica.....	99
Figura 10: Uma foto minha e de minha avó paterna.....	101
Figura 11: Retrato meu e de minha avó materna	101
Figura 12: Uma foto minha e de minha mãe	103
Figura 13: Retrato com meu pai.	103
Figura 14: Eu e meu avô paterno.....	104
Figura 15: Meu retrato quando criança.....	107
Figura 16: Uma foto minha no rio formoso.	107
Figura 17: Reunião com Heloisa Buarque.....	109
Figura 18: Reunião no NECC.....	109
Figura 19: E-mail Heloisa Buarque de Hollanda.....	110
Figura 20: Jornais da época do concurso.....	127
Figura 21: Heloisa Buarque.....	145

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – ENTRE FRONTEIRAS, ESCOLHAS E EXTERIORIDADES: Heloisa/ Nathalia, a diferença é o Sul.	11
--	----

CAPÍTULO I – DO OUTRO LADO DO PENSAMENTO COLONIAL: <i>Escolhas</i> da desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda.....	15
--	----

1.1 <i>Escolhas</i> desobedientes: o espaço marginal como (re)existência.....	16
1.2 A ordem é naturalizar-se biograficamente.....	20
1.3 Minhas/nossas fronteiras descoloniais: sensibilidades compartilhadas por mulheres.....	30
1.4 Crescemos na diferença: uma teorização da razão subalterna.....	36
1.5 Lugares periféricos: recursos culturais da opção descolonial.....	43
1.5.1 – Uma paisagem biogeográfica da ferida aberta feminina.....	48
1.6 Adentrar o mundo a partir das sensibilidades aliadas.....	56
1.7 Uma corpo-política do conhecimento feminino: questionar pelos sentidos, pelos corpos e pelo sul.....	62
1.8 Por uma sociologia do desprendimento.....	71

CAPÍTULO II – MEMÓRIA DESCOLONIAL: por uma conceituação fronteiriça.....	74
---	----

2.1 Narrativas da memória: exterioridades femininas	75
2.1.2 A língua de Eulália: uma breve história de rê-existência.....	78
2.1.3 Ser – um – no- outro: Duetos originários do eu.....	82
2.2 (Des)arquivar memórias aliadas da fronteira – sul	91
2.3 Por uma escrita arquivística memorial deste chão latino	99
2.3.1 Da criança fronteira a mulher pesquisadora: meu Norte é o Sul.....	105

CAPÍTULO III – UMA AULA DE ESCOLHAS: a desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Callado.....	110
---	-----

3.1 Uma aula de escolhas: uma proposta comparatista biográfica fronteiriça.....	111
3.2 Do compromisso com a literatura comparada: quando a realidade é ficcionalizada na/pela diferença.....	116
3.3 Semelhanças na diferença: obras ficcionalizadas em vidas.....	123
3.4 Fisiologia da comparação: por grafias de vidas da fronteira- Sul.....	133
3.5 Por uma crítica comparatista indisciplinada.....	137

CONCLUSÃO – A FRONTEIRA SUL É MINHA ESCOLHA.....	139
---	-----

REFERÊNCIAS.....	140
-------------------------	-----

INTRODUÇÃO –

ESCOLHAS PARA A VIDA

Heloisa/Nathalia, a diferença é o Sul.

Além do sentimento aprazível que posso oferecer da fronteira, ofereço também o seu outro lado: minha fronteira é porosa, traiçoeira e pantanosa. NOLASCO. *Pântano*, p, 57.

Porque apostamos nossa vida em alguns pensamentos, e alguns pensamentos se lançam na vida.

GIULIANO. *¿Podemos hablar los no europeos?*, p. 18

Tenho sim, uma agonia de fazer junto, porque eu não acho graça em acumulação proprietária do saber.

HOLLANDA. *Onde é que eu estou?*, p. 23

Este trabalho corpo-político se trata de uma escolha que fiz há quatro anos atrás, de um desses pensamentos como bem colocou Giuliano, que se lançam na vida, Heloisa Buarque de Hollanda, se lançou em minha vida. Me constituiu enquanto crítica biográfica fronteira, apostei na escolha dessa intelectual quando a conheci entrei em contato com suas memórias, histórias, publicações e sobretudo, como sua vida. Todas essas sensibilidades, renderam agora, uma dissertação. A pesquisa que faço é da ordem do bios e da vida, me complementa e mostra o caminho em direção ao Sul que habito. Fazer pesquisa é uma forma de conhecer meu lugar no mundo.

Como outrora afirmou Nolasco *o fato de que a teorização é um sintoma de meu corpo*¹, a vida de Heloisa se constroi em ressonância com meu corpo e com meu bios, incorporando-se em minha paisagem fronteira. A qual se constitui enquanto minha condição única para que minha teorização pudesse abarcar todas as minhas sensibilidades locais e biogeográficas. Haja vista que viver nas fronteiras é sentir, a frase de Nolasco vêm martelando em minha cabeça há dias, e acredito que ao longo da escrita deste irá aparecer várias vezes, afinal, *aquilo que é importante para minha teorização deve ser indispensável para minha vida*². Nesse sentido, Heloisa se lança em minha vida de modo que se torna peça chave para minha teorização. Vida e obra, corpo e lugar, ser e sentir, caminham juntos nessa teorização rumo a exterioridades do saberes adivindo do sul global.

É nesse sentido e assentada em um paradigma outro que essa dissertação se construiu, do precipitado de encontros com meus aliados, das conversas dentro de meu

¹ NOLASCO. *Podemos fazer teorização da fronteira sul?*, p. 7?

² NOLASCO. *Podemos fazer teorização da fronteira sul?*, p. 8?

grupo de pesquisa e , sobretudo, pelo projeto intelectual de Heloisa Buarque de Hollanda. Minha condição de mulher fronteira, assim como a condição de Heloisa enquanto intelectual dos trópicos será constantemente teorizada ao longo deste trabalho. Não posso deixar de destacar que minhas sensibilidades de pesquisadora estão crivadas em uma ferida aberta, não cicatrizada, a ferida da fronteira Sul. Como asseverou Edgar Nolasco: lugar onde o sol se põe.³

Ao que cerne a metologia que elenquei para teorizar sobre nossas vidas, ela se divide em três capítulos e ve sua maior representação na crítica biográfica fronteiriça. Seguindo a orientação a baixo:

No capítulo I, DO OUTRO LADO DO PENSAMENTO COLONIAL: Escolhas da desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda. Os conceitos-chave que irão fomentar a discussão neste capítulo são: *desobediência*, *fronteira*, *exterioridade*, *desprendimento*. Elenco os conceitos citados por compreender que a tarefa do crítico biográfico fronteiriço se constrói em direção ao Sul com base na opção descolonial, bem como, entendo que para melhor teorizar acerca do projeto de Heloisa só posso me valer de uma prática da razão subalterna. Nesse sentido, uma prática assenta na exterioridade dos saberes também me é indispensável para compreender qual o trabalho proposto por Buarque de Hollanda com as periferias do Brasil, as quais também estão alocadas no fora dos centros de poder hegemônicos. Assim como a fronteira Sul que habito.

Toda a teorização feita até versa sobre minha paisagem biogeográfica em ressonância com a de meus amigos-autores, os quais me ajudam a tecer o fio teórico que irá respaldar minha teorização fronteiriça.

No capítulo II, MEMÓRIA DESCOLONIAL: por uma conceituação fronteiriça desenvolverei a partir da noção de memórias subalternas latinas um arquivo pautado na exterioridade da fronteira Sul, amalgmando minhas memórias e as memórias de

³ NOLASCO. Memórias Subalternas latinas, p. 66

minha aliada hospitaleira (PESSANHA, 2018) Heloisa Buarque de Hollanda. Irei me assentar na contramão do arquivo moderno por compreender que o mesmo não incorpora em si as especificidades da memória fronteiriças, as quais foram soterradas pelo projeto mundo colonial moderno. Entendo que memórias são cruciais para o fazer biográfico fronteiriço, haja vista que são elas as responsáveis por desenterrar nossas sensibilidades censuradas em prol da colonialidade do poder. Em nossas memórias temos acesso ao íntimo de nosso *bios*, memórias são políticas, são partes do corpo. Nesse sentido, quero denotar como as memórias de Heloisa atravessam a minha vida e me auxiliam a teorizar acerca das sensibilidades femininas.

O capítulo III, UMA AULA DE ESCOLHAS: a desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Callado. O terceiro e último capítulo se constrói enquanto uma leitura comparatista assentada na criticidade de fronteiras, irei comparar as pontes metafóricas entre fato x ficção em contraste nos livros *Uma aula de Matar* (2009) e *Escolhas* (2009). Este momento final da dissertação está baseado em uma proposta comparatista biográfica fronteiriça, pois, compreendo que a literatura comparada atual me respalda para fazê-lo. Descolonizar a literatura também é necessário para a minha teorização e para a prática da razão subalterna, Me valerei de conceitos como: semelhanças na diferença, paradigma outro e pensamento abissal. Como forma de comparar vidas alheias de um ponto de vista crítico, utilizarei as elucubrações propostas por Silviano Santiago em obra recente, *Fisiologia da Composição* (2020), com o intuito de mostrar como as grafias de vidas são uma forma de teorização para o ofício crítico.

Posto isso, toda a teorização que irá se seguir, está para o lugar dos afetos e das sensibilidades, como uma forma de viver melhor para todos ⁴. Nesse sentido, os que me leem irão encontrar um pouco de minha vida teorizada, do meu *bios*, da minha fronteira e sobretudo, de minha aliada hospitaleira, Heloisa Buarque de Hollanda.

⁴ NOLASCO. Podemos fazer teorização da fronteira Sul? p.2

CAPÍTULO I –

DO OUTRO LADO DO PENSAMENTO COLONIAL: Escolhas da desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda

estou atrás
do despojamento mais inteiro
da simplicidade mais erma
da palavra mais recém-nascida
do inteiro mais despojado
do ermo mais simples
do nascimento a mais da palavra
CESAR. *Estou atrás*, p. 69.

1.1 ESCOLHAS DESOBEDIENTES: o espaço marginal como (re)existência

Revisitando essas escolhas, acho que minha carreira valeu a pena. Dar visibilidade e legitimidade a produção de fronteiras foi o que mais me moveu politicamente nesses 50 anos.

HOLLANDA. Fórum de literatura brasileira contemporânea, p. 221.

A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizados de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo [...] decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir.

ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 135, tradução minha.

[...]milhões de pessoas que se agrupam em projeto para ressurgir, reemergir e re-existir. Isto já é não só resistir, porque resistir significa que as regras do jogo são controladas por alguém a quem resistimos. Os desafios do presente e do futuro consistem em poder imaginar e construir uma vez que nos liberamos da matriz colonial de poder e nos lançamos ao vazio criador da vida plena e harmônica.

MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

As epígrafes apostas ilustram, a seu modo, o que pretendo propor com a execução deste trabalho, tendo em mente não só as *Escolhas* (2009) de Heloisa Buarque de Hollanda, mas também as minhas. Penso a partir da condição periférica, sul-fronteiriça de mulher pesquisadora apoiada com base fundamentada no projeto intelectual de um dos maiores nomes referentes aos estudos culturais e feministas deste país. Para tanto, levo em consideração a necessidade de se pensar em uma teorização *outra*, que incorpore as produções das mulheres e a escrita feminina, no bojo das discussões presentes na autobiografia *Escolhas*. Dessa perspectiva, ensejo uma discussão que busque denotar o caráter marginal e de desobediência epistêmica da intelectual citada.

O importante a ser levado em consideração para a execução dessa proposta é sempre ter em mente que minha opção é descolonial, por entender que apenas por meio

dessa opção chego à noção de *desobediência epistêmica*.⁵ Incorporo esse posicionamento epistêmico desde o título e o compreendo como condição necessária para para desenvolver este trabalho, além de teorizar acerca do projeto intelectual, mais especificadamente, em sua atuação com as produções periféricas vindas das favelas do Rio de Janeiro e como se constroem enquanto re-existência na Universidade das Quebradas⁶. Proponho, no entanto, uma teorização outra, embasada na fórmula proposta e suplantada pelos nomes de autores que convidarei à minha conversa epistêmica na sequência que vai em direção a *aprender a teorizar para desteorizar para assim re-teorizar*⁷.

A pesquisa de Heloisa Buarque de Hollanda me possibilita delinear o proposto, pensando em uma articulação de cunho descolonial, desobediente, alicerçada na contramão da razão colonial. Entendo o trabalho desenvolvido por Heloisa pela pesquisadora durante os 50 anos de carreira como uma das mais genuínas formas de se aplicar a desobediência epistêmica, haja vista a atuação polêmica da autora em um ambiente universitário estritamente moderno, colonial e preconceituoso que se constrói enquanto espaço de vaidades elitistas. Desse modo, pretendo ressaltar uma *identidade em política*⁷ a partir do papel que a intelectual desempenha na academia.

Ademais, meu compromisso enquanto crítica biográfica fronteira é re-pensar o projeto intelectual de Heloisa, ilustrado pela autobiografia *Escolhas*, e teorizá-lo de modo *outro*. Nesse sentido, não me sinto autorizada a deixar de lado exemplos de ordem prática acerca da vida dessa intelectual, que muito dialogam com os conceitos propostos por mim até o momento. As escolhas da professora visam uma aproximação entre os saberes da academia e os saberes das culturas urbanas periféricas, assim a Universidade das Quebradas se constrói enquanto um ótimo exemplo.

⁵ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 01.

⁶ O projeto Universidade das Quebradas trata-se de um projeto de extensão criado por Heloisa Buarque de Hollanda no âmbito da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O projeto funciona como uma troca de saberes entre a academia e as sensibilidades locais dos loci periféricos. O projeto acontece durante todo o ano e visa ampliar o dialogo entre centro x periferia.

⁷ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 02.

Dessa perspectiva, posso pensar em uma pluralidade, bem como, em uma troca efetiva de conhecimento entre *os dois lados da linha*⁸, simultaneamente, de modo a coexistirem no mesmo espaço por meio da troca de saberes e do ideal de *co-presença*⁹, espaço esse que foi rechaçado pelo pensamento moderno. Desse modo, teorizo sobre o projeto intelectual de Heloisa, de maneira outra, pelo prisma de uma epistemologia fronteira e da descolonialidade que não reinscreve e repete a *velha doxa triunfante da sapiência moderna*¹⁰, mas que, pelo contrário, busca subvertê-la, desobedecê-la e descolonizá-la.

Apoiada na premissa de Said de que “o mundo nos encurrala”, compartilho meus bios com minha aliada hospitaleira, de que somos indivíduos femininos em um mundo onde ainda impera a lógica patriarcal. Nessa lógica, em que o indivíduo de sexo masculino sempre teve primazia sobre os corpos femininos, minha proposta segue em direção a um pensamento fronterizo e a uma nova consciência, compartilhada pelas experiências de mulheres como Heloisa Buarque de Hollanda. Persisto, assim, em re-teorizar acerca das produções que emergem de lugares outros, como por exemplo, de meu próprio biolocus, a fronteira Sul de Mato Grosso do Sul, distante dos grandes centros do país. Afinal, minhas sensibilidades locais e epistêmicas estão crivadas nesse lugar outro, que emerge da *exterioridade*.¹¹

Desse modo, a proposta delineada está alicerçada na legitimidade dos saberes marginais e periféricos, ressaltando suas sensibilidades locais e culturais, focando no *fazer comunal*¹² como maneira de ampliar e re-teorizar essa epistemologia que leva em conta os corpos da exterioridade, pensando em uma *reflexão crítica periférica*¹³ de forma a re-existir para além do pensamento colonial.

No tocante a metodologia de execução do trabalho — e na tentativa de englobar

⁸ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p.23.

⁹ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p.23.

¹⁰ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 13.

¹¹ NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 81.

¹² MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p.15.

¹³ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p.85.

o máximo de conceitos, visando-os como fundamento à minha escrita — optei pela epistemologia crítica biográfica fronteiriça e, considerando o desenvolvimento dos conceitos, organizei o trabalho em oito momentos assim constituídos: desobediência epistêmica, identidade em política, de pensamento fronteiriço, co-presença e ecologia dos saberes, exterioridade e paisagens, corpo-política e lugares periféricos. Para tanto, tomei como base autores como: Boaventura de Sousa Santos, Edgar César Nolasco, Walter Mignolo, Edward W. Said, Juliano Garcia Pessanha, Ramón Grosfoguel, Gloria Anzaldúa, Eneida Maria de Souza, Homi K. Bhabha, Hugo Achugar e de forma complementar as obras de Heloisa que serão escolhidas com o intuito de complementar minha teorização ao longo do processo de escrita.

1.2 – DESOBEDIÊNCIA COMO RE-EXISTÊNCIA: a ordem é se naturalizar

Se minha vida acadêmica foi sempre marcada por uma ambiguidade estrutural, uma divisão hesitante entre minha carreira como professora e uma atração irresistível por intervenções artísticas, políticas e jornalísticas no espaço não acadêmico, a partir desse momento a ambiguidade se torna a norma.

HOLLANDA. *Escolhas*, p.102

Um dos objetivos da opção decolonial é a de nos naturalizarmos em vez de nos modernizar-nos. Quando a sensibilidade/pensamento fronteira surgiu, entrou em vigo a opção decolonial; e ao aparecer como opção, revelou que a modernidade [...] é tão só outra opção e não o desenvolvimento “natural” do tempo.

MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p.26.

para quem se encontra e ou habita esse espaço fronteiro é tomar o caminho do *desprendimento*, da *opção descolonial* e da *desobediência epistêmica*(MIGNOLO). Para uma gramática expositiva da fronteira, assim como para uma gramática da descolonialidade como quer Mignolo, *o pensamento fronteiro é a condição necessária para pensar descolonialmente*.

NOLASCO. *Por uma gramática pedagógica da fronteira sul*, p. 16.

Penso, escrevo e falo a partir de uma fronteira que é tão real quanto epistemológica, tendo em vista essa condição, só uma prática teórico-crítica — construída a partir de fronteiras que atravessem meu *biolocus* — pode me respaldar enquanto crítica biográfica fronteira e pesquisadora do projeto intelectual marginal de Heloisa Buarque de Hollanda. Ao referir-me a meu lugar no mundo, quero destacar o meu grupo de pesquisa, o Núcleo de Estudos Culturais Comparados - NECC, que re-existe na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e, ao longo de 10 anos produz pesquisa de qualidade, teorizando a partir de fronteiras em direção ao sul. Minha pesquisa não é uma exceção, pois se essa teorização é possível hoje é graças a uma rede de relações que o NECC me possibilitou durante 4 anos e que hoje me ajuda a teorizar acerca de uma prática *outra* fundamentada em uma epistemologia de cunho fronteiro.

Compreendo que essa prática *outra* delineada para esta pesquisa deve estar sempre sustentada por uma noção de *desobediência epistêmica*, e em uma gramática pedagógica que se delineie a partir da fronteira-Sul, visto que a epistemologia que grassa no mundo é a responsável por limitar, excluir e renegar à condição de

exterioridade os corpos fronteiriços, os quais me incluo. Emerjo da fronteira que habito, de um lócus periférico, quando utilizo as teorizações de Nolasco, Mignolo e Santos para afirmar que a ordem é se naturalizar, compreendendo que o devo fazer a partir de meu lugar enunciativo. Acerca dessa proposta de uma pedagogia descolonial, Edgar Nolasco pondera:

Dois caminhos que nos levariam a uma aproximação, ou porta de entrada, para a formulação e compreensão de uma gramática pedagógica fronteiriça: o caminho das *sensibilidades biográficas* (o corpo do indivíduo fronteiriço, o aliado hospitaleiro, o sulista, o andariego, o pantaneiro, o bugre, o boliviano, o pantaneiro, o sul-matogrossense fronteiriços), que constituem a *corpo política*, e o das *sensibilidades locais* (a fronteira-sul epistemológica), que constituem a *geopolítica*¹⁴

A própria relação estabelecida entre mim e Heloisa é totalmente perpassada por meu lócus, se considerarmos que, embora a intelectual escreva do grande eixo Rio-São Paulo, nossas distâncias não são somente de ordem geográfica, são epistemológicas, pois quando assumo meu papel de crítica biográfica fronteiriça, investigadora de vidas alheias, estou exercendo meu compromisso com a descolonialidade. Dessa maneira, consigo pensar em uma noção de *co-presença radical*¹⁵ pelo fato de que, mesmo escrevendo em lados opostos da linha, pesquisamos e teorizamos acerca das mesmas questões: a periferia, a fronteira e os feminismos da diferença.

Considero, portanto que minha única condição enquanto pesquisadora é uma forma subalterna de pensar outra, meu *olhar emerge sempre da exterioridade*¹⁶, assim como a intelectual norteadora desse trabalho. Entendo, assim, que o pensar moderno ainda é vigente dentro da academia e, por essa razão, trago à baila o projeto intelectual desempenhado por Heloisa nas periferias do Rio de Janeiro para minha discussão, por pautar-me em uma opção descolonial, assim como os autores elencados, que de igual maneira, compreendem que o pensamento moderno ainda existe no ambiente acadêmico.

¹⁴ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 12. Grifos do autor.

¹⁵ Conceito proposto por Boaventura de Souza Santos em ensaio intitulado: Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Delinearei melhor o proposto por Santos ao longo deste trabalho, o qual se voltará para a noção de “Ecologia dos saberes”

¹⁶ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p.13.

Por entender o projeto de Heloisa, atravessado por esse olhar fronteiriço, manifesto a necessidade de conceituar o que aqui estou chamando de exterioridade. Assim, evoco para essa conversa epistêmica, uma pedagogia outra, presente nas teorizações do professor Edgar Cézar Nolasco, que assim pondera acerca do conceito de exterioridade:

pensar a fronteira-sul enquanto um espaço fronteiriço é tomá-la como uma *exterioridade* com relação aos centros desenvolvidos, com relação ao pensamento moderno, com relação às teorias itinerantes que migram para as bordas, com relação ao discurso moderno disciplinar, entre outros. Ressalvadas todas as diferenças aqui entre a arraia e a fronteira-sul lembramos que — assim como *habitar a arraia* faz toda a diferença para a vida daqueles que dela dependem — todos aqueles indivíduos que habitam ou que passam a *habitar a fronteira* trazem sua diferença inscrita em seu *corpo fronteiriço*.

Pensar a exterioridade é minha condição única para não repetir o projeto moderno. A minha leitura acerca das obras de Buarque de Hollanda, enquanto desobediente epistêmica, é totalmente contaminada pela exterioridade, pois não pretendo repetir as teorias estudadas pela autora, pelo contrário, quero avançá-las a partir de meu lócus. Entendo que ao realizar esse trabalho — apenas uma epistemologia pautada no pensamento fronteiriço — é-me viável, por envolver minhas sensibilidades locais e pelo meu olhar de pesquisadora estar sempre voltado para as margens, que, por conseguinte, é o lugar onde vivo.

A opção descolonial surge como uma forma de teorizar acerca desse outro que foi convertido em subalterno pelo projeto imperial moderno, no me incluo por habitar uma região fronteiriça, contudo, entendendo a importância desta pesquisa para minha autonomia enquanto pesquisadora. Dessa perspectiva, procuro em Buarque de Hollanda a parte que falta em meus escritos como uma maneira de enriquecê-los e mostrar que a fronteira-sul deste país colossal produz ciência e pesquisa. Como Hollanda assevera: “A grande diferença é que esse novo “outro” surge com uma razoável autonomia e vem das bordas metropolitanas, bem mais próximo e familiar do que os “nativos” das guerras de descolonização.”¹⁷

Nesse sentido, assumo minha teorização como sendo um lugar sempre em

¹⁷ HOLLANDA. *Onde é que eu estou?*, p.162.

construção que estabelece confrontos e se lança em direção ao novo. Demarco discursivamente a polifonia e a pluralidade do *lócus* enunciativo do qual faço parte, de modo a revelar minhas sensibilidades locais, assumindo o compromisso ético e político de pensar na atuação desobediente da professora em meio às vaidades do contexto acadêmico moderno.

Como forma de exercer minha autonomia, canibalizo e adapto a fala de Heloisa à minha condição fronteiriça, penso da exterioridade dos grandes centros, minha condição de nativa é fronteiriça, sou naturalizada a partir do lugar de onde existo, contudo, minha guerra também é a guerra pela descolonização dos saberes hegemônicos. Compartilho das mesmas sensibilidades de Nolasco quando afirma que: “Logo, *pesquisar a partir de onde se pensa* faz toda a diferença para aquele pesquisador que sabe, sente e pensa que a inserção de seu *bios* na origem de sua reflexão crítica faz toda a diferença”¹⁸

Esta teorização ressalta minha transitoriedade por espaços do conhecimento inexplorados até então. As *Escolhas* de Heloísa Buarque de Hollanda me preenchem e me atravessam, por meio da transferência que existe entre nós pretendo olhar além do projeto mundo colonial moderno, olhar para além de uma academia machista e racializada. Para tanto, conto com o *auxílio dos autores propostos*, revisito e naturalizo-me por meio dos conhecimentos que emanam das margens e da fronteira que habito e me construo enquanto crítica biográfica fronteiriça.

A decolonialidade requer desobediência epistêmica, porque o pensamento fronteiriço é por definição pensar na exterioridade, nos espaços e tempos que a autonarrativa da modernidade inventou como seu exterior para legitimar sua própria lógica de colonialidade.¹⁹

Esta afirmação de Mignolo, ancora-me para pensar em meu discurso crítico, que é construído a partir de um *lócus* epistemológico fronteiriço, portanto, ao me referir a intelectual em questão como desobediente epistêmica, falo de mim enquanto crítica biográfica. Desse modo, é-me indispensável atribuir o viés da desobediência à

¹⁸ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p.13.

¹⁹ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 30.

teorização referente, tendo em vista que Heloisa escreve de lugares totalmente distantes do meu, contudo, nosso corpo, intelectualidade e sensibilidades se aproximam por pensarmos nos corpos da exterioridade, por irmos contra toda e qualquer ideologia messiânica.

Na esteira dessa argumentação, entendo que exista uma necessidade inadiável de questionar as bases epistemológicas modernas, bases essas que versam na academia e na própria historiografia literária que foi responsável por fazer com que as mulheres fossem entendidas como menores intelectualmente. O projeto intelectual da autora se insere como forma de re-existência acadêmica.

Passei a rever sistematicamente a ideia de uma monocultura do saber e de uma hegemonia da ciência moderna e da alta cultura, e a me concentrar na questão da legitimidade dos saberes marginalizados por essa mesma hegemonia.²⁰

Utilizo as palavras de Heloisa, minha *aliada hospitaleira*, para ilustrar a discussão que estou propondo. nesse sentido, vejo que a universidade precisa servir de espaço para reconhecimento de culturas e saberes outros, que emergem das margens e fronteiras do intelecto. Buarque de Hollanda me ensina, assim, a re-existir, desobedecer e mudar o ambiente acadêmico com olhos de quem se pauta na exterioridade dos saberes.

Dito isso, começo a delinear os conceitos expostos ao longo da introdução. Minha escolha quanto a desobediência epistêmica para nortear meu trabalho não é de graça, ao longo dos dois anos em que me debrucei a pesquisar o projeto de Heloisa, compreendi que sua atuação profissional que está sempre na contramão dos ditames universitários tradicionais. O viés descolonial atribuído por mim ao projeto da autora tem o intuito de estabelecer um diálogo entre a universidade das quebradas e a opção descolonial.

Nesse sentido, entendo que a desobediência da autora está fundamentada em uma noção de *identidade em política*²¹, por contrariar o discurso pluritópico e

²⁰ HOLLANDA. *Onde é que estou?*, p. 73.

²¹ MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p.289.

universalizante da modernidade. Nesse sentido, Mignolo afirma que o projeto mundo colonial se pauta em uma *política de identidade* ²² que, por sua vez, argumenta em favor do homem branco, heterossexual e europeu como representação da *aparência natural do mundo*²³, acerca disso pondera:

A identidade em política é relevante não somente porque a política de identidade permeia, como acabei de sugerir, todo o espectro das identidades sociais, mas porque o controle da política de identidade reside, principalmente, na construção de uma identidade que não se parece como tal, mas como a aparência “natural” do mundo. Ou seja, ser branco, heterossexual e do sexo masculino são as principais características de uma política de identidade que denota identidades²⁴

Na esteira das proposições do autor vejo que as políticas idenitárias foram responsáveis por tornar corpos periféricos, negros, femininos e ameríndios entendidos como menores perante a aparência natural do mundo. Com essas considerações em mente, volto à afirmação de que o projeto de Heloisa está pautado em uma identidade política, é justamente em contrapartida às políticas de identidade, quando a professora evoca para dentro do meio acadêmico sujeitos marginais, residentes em favelas do Rio de Janeiro, sem fazer distinção de raça ou gênero, pelo contrario, utiliza suas identidades naturais e suas *sensibilidades locais*²⁵ para enriquecer a produção cultural e literária. Acerca do conceito de identidade em política o autor disserta:

e a identidade em política é crucial para a opção descolonial, uma vez que, sem a construção de teorias políticas e a organização de ações políticas fundamentadas em identidades que foram alocadas (por exemplo, não havia índios nos continentes americanos até a chegada dos espanhóis; e não havia negros até o começo do comércio massivo de escravos no Atlântico) por discursos imperiais pode não ser possível desnaturalizar a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno [...]

Vale ressaltar que defendo a opção descolonial, assim, as leituras que fiz acerca do projeto de Buarque de Hollanda como uma desobediência e, por conseguinte, uma identidade em política, perpassam esses lugares. Faço-o como uma forma de especificar o que estou argumentado em favor, por meio do projeto de extensão universidade das quebradas, com base no exposto por Mignolo, quando afirma que o projeto se constrói como uma organização política fundamentada na naturalização das identidades,

²² MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p.289.

²³ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p.289.

²⁴ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p.289.

²⁵ Conceito proposto por Walter Mignolo o trabalharei ao longo da escrita do subtítulo 1.3

tornando-se assim um exemplo concreto do caráter desobediente que eu e Heloisa assumimos enquanto intelectuais tupiniquins.

Na sequência, atendo-me a noção de *co-presença radical*, mencionada anteriormente, no desejo de explicitar como a intelectual trabalha com seus privilégios de classe, para ressaltar a produção intelectual advinda das margens, de modo que coexistam simultaneamente os dois *lados da linha*, neste trabalho expressos por universidade e periferia. Todos os conceitos citados estão presentes em ensaio intitulado: “Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes” de Boaventura de Sousa Santos.

Opto por começar definindo a ideia das linhas globais que dividem o mundo:

[...] linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível.²⁶ Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro²⁶

Dado o exposto, Santos nos apresenta os dois lados da linha. Um lado seria a hegemonia imperial, a aparência natural do mundo e o outro lado, renegado ao esquecimento, seriam as margens, as histórias locais. A universidade das quebradas se constrói como esse espaço inclusivo, onde o lado hegemônico (universidade) entra em diálogo com o outro lado da linha (a periferia).

²⁶ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p.71.



Figura 1: Turma Universidade das Quebradas ano 2019

Fonte: <https://universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/>

Contextualizo o Projeto de **Universidade das Quebradas** com uma foto da turma do ano de 2019, evidenciando que esse projeto se constitui em uma forma de experiência acadêmica na área da cultura, que busca consolidar a troca de saberes culturais, sociais e políticos entre as quebradas (favelas do Rio de Janeiro) com a universidade. Os encontros ocorrem no Laboratório de Tecnologias Sociais da UFRJ e todos os alunos apresentam produções a partir das histórias e memórias locais. A UQ como é chamada, desobedece aos parâmetros tradicionais (vestibulares, ENEM) de ingresso na UFRJ, inserindo a periferia dentro da academia por meio de produções culturais, por meio de processo seletivo gratuito — voltado a artistas que produzem a partir do lócus periférico — e consiste no envio de uma produção do artista.

Desse modo, uma das maiores marcas da desobediência é ressaltar o que Walter Mignolo (2017) chama de *identidade em política*, considerando que projetos como a UQ se constroem enquanto uma marca da identidade em política de Heloisa, haja vista que

os quebradeiros²⁷ participam ativamente do processo de ganho intelectual e cultural, deixando lado uma estigmatização e uma política idenitária que lhes foi imposta, mas criando conteúdo e ressaltando a identidade em política por meio de suas produções.

Por conseguinte, estou argumentado a favor da universidade das quebradas como uma das maiores trilhas da desobediência epistêmica deixadas por Heloisa, existe uma teoria política por trás do projeto da UQ, as ações do quebradeiros são fundamentais para ressaltar não só suas sensibilidades, mas também o lócus onde habitam.

Assim como Heloisa, minha pesquisa busca ressaltar uma identidade em política atrás do lócus, do qual emerge meu discurso, construído a partir de um lócus epistemológico fronteiro. Dessa maneira, ao falar da autora em questão, falo de mim, crítica biográfica fronteira, que escreve fora dos grandes eixos, mais precisamente na fronteira-Sul, geostórica e epistemológica, com os países limítrofes Paraguai e Bolívia, o que torna minha pesquisa um ato de re-existência e desobediência. Nesse sentido, compartilho das teorizações de Nolasco quando afirma que:

[...] uma teorização que encampa as sensibilidades biográficas e locais, o ser, o sentir e o fazer, o geostórico, a ignorância, a ecologia dos saberes, a fronteira-sul, o desprendimento crítico, todos enfim como estratégias para se pensar e ancorar a epistemologia fronteira que se erige daqui (de onde as pesquisas e o “fazer científico” estão sendo propostos), desse lócus específico de uma exterioridade fronteira²⁸

Dado o exposto, reitero as elucubrações do professor por compreender que o ser/sentir/saber sensível são de extrema importância para a opção descolonial. Assim, erijo meu discurso de um lugar específico, carregado de cultura e sensibilidades ricas para a pesquisa, pois entendo — na esteira dos pensamentos de Mignolo — que prezando por vidas alocadas nas exterioridades e dando lugar às histórias locais produzidas por mulheres, LGBTQI+, negros e índios, estamos caminhando para o futuro por meio da opção descolonial²⁹

²⁷ Quebradeiros é o nome pelo qual carinhosamente são chamados os alunos da universidade das quebradas.

²⁸ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 20-21.

²⁹ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.

1.3 MINHAS/NOSSAS FRONTEIRAS DECOLONIAIS: sensibilidades compartilhadas por mulheres.

[...] a vida mais intensa e produtiva sempre ocorre nas fronteiras de suas áreas individuais, não nos espaços onde estas áreas tornam-se encerradas em sua própria especificidade.

HOLLANDA. *Onde é que eu estou?*, p. 173.

Mais uma vez, a meta das opções descoloniais não é dominar, mas esclarecer, ao pensar e agir, que os futuros globais não poderão mais ser pensados como um futuro global em que uma única opção é disponível; afinal, quando apenas uma opção é disponível, “opção” perde inteiramente o seu sentido.

MIGNOLO. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*, p.18.

Início este texto corpo-político, utilizando as mesmas palavras de Darwish: “O mundo nos encurrala, pressionando-nos em direção à última passagem, e nós dilaceramos nossas pernas para atravessá-las.”³⁰ Em consonância com o eu-lírico do autor, penso a partir de um contexto de opressão colonial vivenciado por mulheres, que o mundo também nos encurrala, nos sangra. As epígrafes elencadas têm justamente o propósito de auxiliar nessa teorização, haja vista que o fato de mulheres serem excluídas por conta de seu gênero, advém do fator colonial, da obscuridade proporcionada pela modernidade.

Darwish disserta de maneira poética acerca das situações que, enquanto mulher fronteira, sinto em meu corpo-corpus feminino, última passagem é como a fronteira que habito e sou habitada, minhas sensibilidades são perpassadas pela terra vermelha da fronteira-Sul de Mato Grosso do Sul. A partir do poema, também sou capaz de trazer à tona as sensibilidades de minha aliada, Heloisa Buarque, mulher, professora e uma das maiores intelectuais do país, que sente em seu corpo feminino todos os resquícios da colonialidade presente nos gêneros, qual seja, ser professora em um ambiente acadêmico elitista e em sua maioria compartilhado por homens.

Concordo plenamente com Heloisa quando afirma que, a vida mais intensa ocorre nas fronteiras. Por pensar desse modo, vejo e sinto em meu corpo feminino — que emerge da exterioridade — que a luta de fronteiras é uma luta pela autonomia de direitos que nos foram negados pelo projeto mundo colonial, uma luta pela valorização de nossas sensibilidades locais, desse modo, o pensamento fronteiro é a única maneira de re-existência. Como assevera Mignolo:

Existe una epistemología territorial e imperial que inventó y estableció tales categorías y clasificaciones. De tal forma, una vez

³⁰ SAID *apud* DARWISH. *Israel está mais seguro?*, p. 6.

que caes en la cuenta de que tu inferioridad es una ficción creada para dominarte, y si no quieres ni asimilarte ni aceptar con resignación la «mala suerte» de haber nacido donde has nacido, entonces te desprendes. Desprenderse significa que no aceptas las opciones que se te brindan.³¹

De fato, existe uma epistemologia que foi responsável por alocar nós mulheres em segundo plano, a mesma epistemologia que inventou discursivamente a categoria do outro (anthropos) para se referir a corpos da exterioridade. Assim, para que a valorização das mulheres, dos gays, dos negros e dos sujeitos marginais aconteça, é necessário o desprendimento, o desprender-se das epistemologias imperiais e excludentes e ir em direção ao Sul. Como exposto por Mignolo, compreendo essas categorias e classificações como um dos maiores contribuintes para a racialização e a exclusão de mulheres em variados contextos da sociedade.

Diante dessas reflexões, entendo que estudar autoras como Heloisa Buarque de Hollanda, se constrói enquanto o fazer descolonial, pois há diferenças entre mim e autora, contudo, é nas diferenças que ganhamos por meio do desprendimento que possibilita ressaltar minha identidade enquanto pesquisadora fronteiriça. Seguir em direção à descolonialidade demanda conhecimentos acerca de conceitos de suma importância, para que a teorização delineada seja visível, como exposto por Mignolo: *“un pensamiento que hace visible la geopolítica y corpopolítica de todo pensamiento que la teología cristiana y la egología”*³²

Fazer com que a geopolítica e a corpo-política se tornem visíveis é, portanto, um trabalho em constante processo, tendo em vista que a geopolítica trata de levar em consideração os vários *loci* territoriais e as histórias locais. Por outro lado, a corpo política insere o corpo fisicamente, discursivamente, não o separando do pensamento como fez o cogito cartesiano. Essas premissas são caras ao fazer descolonial por conta de toda uma história de apagamento e silenciamento de subjetividades, é por essa razão que argumento em favor do desprendimento como indispensável para se pensar descolonialmente. De acordo com Mignolo : *“Desprenderse significa modificar las reglas*

³¹MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 178.

³² MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

Nesse contexto, as mulheres se encontram sempre em uma luta de fronteiras, pela igualdade e pela valorização de seus corpos. O olhar destinado a nós é sempre em segunda instância, a necessidade de mostrar as contribuições epistemológicas produzidas por sujeitos da exterioridade ou como exposto por Walter Mignolo *el pensamiento fronterizo es la condición necesaria para pensar descolonialmente*³⁴, onde incluo os escritos de Hollanda sobre o feminismo decolonial, para me auxiliar a pensar as teorizações fronteiriças pautadas na diferença.

A valorização do diferente também se projeta rumo ao descolonial, levando-me, dessa forma, à compreensão de que a epistemologia que melhor me representa é o pensamento fronteiriço, responsável por me fazer pensar diferente do humanitas (colonizador), em direção ao que Gloria Anzaldúa outrora chamou de nova consciência. Na esteira dessas afirmações, minha pesquisa segue rumo ao sul, de modo a consolidar o pensamento fronteiriço que me é tão caro por abranger todas as minhas sensibilidades, destacando que o faço por meio da crítica biográfica fronteiriça realizada ao estudar a autobiografia de Heloisa.

O que chamo de crítica biográfica fronteiriça se baseia nas elucubrações do professor Edgar César Nolasco, base epistemológica que fundamenta, há três anos, a pesquisa que desenvolvo sobre a autobiografia Escolhas (2009) e que Nolasco assim define:

Até aqui, procurei pontuar tão somente duas questões as quais vejo como essenciais para a discussão que proponho e que atende pela rubrica de Crítica Biográfica Fronteiriça. Trata-se do que passo a denominar de (bios=vida + lócus=lugar) *biolócus*. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do *bios* (quer seja do “objeto” em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta). Nessa direção, pensar a partir da fronteira-Sul faz, sim, toda a diferença colonial.³⁵

Na busca de ilustrar a necessidade de se pensar em uma epistemologia outra,

³³ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 180.

³⁴ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p.181.

³⁵ NOLASCO. Crítica Biográfica Fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 59.

demarco meu discurso com sujeitos reais e concretos, na fronteira que habito e influo o exercício crítico de minha escrita, que não é somente geográfica. Nesse sentido, o enfoque se volta para a crítica biográfica fronteiraça, já referida, enquanto teorização pensada a partir de meu lócus enunciativo, que envolve minhas sensibilidades locais.

Na esteira do que afirma Mignolo, compreendo que o pensamento fronteiraço é a única forma de nos desprendermos do imperialismo colonial:

Nos desprendemos de la humanitas, nos volvemos epistemológicamente desobedientes, y pensamos y hacemos descolonialmente, habitando y pensando en las fronteras y las historias locales confrontándonos a los designios globales.³⁶

Desse modo, entendo que o projeto de Heloisa Buarque de Hollanda caminha em direção ao desprendimento e à desobediência aos ditames modernos, persegue os sinais que possam levá-lo a novos lugares de reflexão, de engajamento político, de agitação cultural, para compreender melhor o Brasil, repensar nossa cultura, demarcar o papel do intelectual e dialogar com corpos que emergem da exterioridade. Dado isso, reitero meu compromisso enquanto pesquisadora fronteiraça de teorizar sobre o projeto da autora — a partir do prisma da desobediência epistêmica, proporcionado pela descolonialidade — de forma a melhor compreender que a trilha deixada por Heloisa se bifurca em contextos e situações distintas.

Por isso, o pensamento e a ação descoloniais focam na enunciação, se engajando na desobediência epistêmica e se desvinculando da matriz colonial para possibilitar opções descoloniais – uma visão da vida e da sociedade que requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais.³⁷

As reflexões de Mignolo, possibilitam-me entender que toda a carreira de Heloisa se engaja em uma noção de desobediência epistêmica, ou como a autora prefere dizer: *são ensaios de movimento que produzem sentido*.³⁸ Uma carreira inteira, construída passo a passo, na iminência constante da seleção, do olho aberto no presente, projetando, ao futuro, imagens possíveis de si e do outro.

Desse modo, as imagens e paisagens evidenciadas pelo projeto intelectual da professora me são úteis para teorizar com base em um pensamento fronteiraço, pois

³⁶ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 181.

³⁷ MIGNOLO. *Colonialidade*, p.06.

³⁸ HOLLANDA. *Escolhas*, s/p.

somos mulheres encurraladas pelo *lado mais escuro da modernidade*³⁹ e, entender a colonialidade como o lado obscuro da modernidade, requer um posicionamento descolonial. O projeto colonial tratou de excluir corpos, etnias e variedades (Ou linguísticas???) em prol de uma hegemonia cristã, falocêntrica e européia, ou seja, tivemos não só nosso intelecto colonizado, como também nossos corpos femininos (Heloisa/Nathalia) entendidos como inferiores pela lógica colonial.

Com base na epistemologia fronteiriça sou capaz, portanto, de reivindicar não só meus direitos epistêmicos, mas também minha existência, meu corpo feminino ultrajado por padrões imperiais e compreendo melhor minha pesquisa acerca de Heloisa. Vejo-me, assim, como participante ativa no desenvolvimento de uma teorização que preza por vidas da exterioridade, pois como afirma Mignolo: *a epistemología fronteiriça emerge da exterioridade (não o exterior, mas o exterior inventado no processo de criar a identidade do interior, ou seja, a Europa cristã) do mundo moderno/colonial*⁴⁰

Diante disso, é possível afirmar que muitas discussões acerca da necessidade de emergência de uma epistemologia outra foram e ainda são amplamente discutidas no âmbito acadêmico, tais como a pós-modernidade, o pós-colonialismo, o pós-orientalismo e o pós-ocidentalismo⁴¹. Cada um desses conceitos possui suas especificidades, contudo, a finalidade é a mesma, tentar superar o projeto moderno colonial de forma democrática⁴² para que a hegemonia do saber imperial seja dissuadida em prol das diferenças e das histórias locais dos sujeitos alocados na exterioridade.

Contudo, é no pensamento fronteiriço que o sujeito subalterno vê sua maior representação, porque se constroeu com base nas sensibilidades, no embate com epistemologias homogeneizantes, na valorização da cultura local e das histórias sensíveis de cada lócus. É nesse sentido que o projeto de Heloisa é tão caro para mim e para a minha pesquisa, a pesquisadora trabalha com o sujeito marginal, periférico,

³⁹ MIGNOLO. Colonialidade, s/p.

⁴⁰ MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.

⁴¹ MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 10.

⁴² MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 10.

pratica ativamente a escuta atenta das histórias locais.

A intelectual se inscreve, assumindo um lugar sempre em construção que estabelece confrontações e se desafia ao novo. Joga discursivamente, demarcando a polifonia e a pluralidade do *locus* enunciativo do qual faz parte, trabalhando com as sensibilidades dos sujeitos pelo crivo da diferença. Faz com que seus discursos e espaços na sociedade passem a ser reconhecidos e, desse modo, aproxima a escrita autobiográfica das novas narrativas produzidas pelo movimento e alocadas em espaços ditos fronteiriços/marginais.

Nesse sentido, busquei elucidar questões compartilhadas por mim e por Heloisa sobre uma opção descolonial, tendo em mente que ser mulher, fronteiriça e pesquisadora em um contexto hegemônico moderno é, como bem afirma Anzaldúa, una herida *abierta*⁴³. Sangramos, somos encurraladas, contudo, nossa desobediência se sobressai, nos tornando resistentes e convictas de nossas teorizações, afinal, *El pensamiento fronterizo es, dicho de otra forma, el pensamiento de nosotros y nosotras*⁴⁴, o pensamento que melhor representa nossas escolhas (Nathalia/Heloisa) e que segue sempre em direção da valorização das vidas que re-existem nas bordas latino americanas.

1.4 CRESCEMOS NA DIFERENÇA: uma teorização de razão subalterna.

Ninguém é excluído porque ele ou ela é pobre. Empobrece porque foi excluído.

MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p. 244.

⁴³ANZALDÚA, *Borderlands*, p.42.

⁴⁴MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p.181.

Desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer obedecer. Habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e resubjetivar-se.

MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p.19.

Como lidar com essa literatura que vem de fora, rouca, potente, que percebe a palavra como fonte de poder, que traz um projeto transformador explícito e bem diferente da literatura política como a conheço, que coloca na mesa as figuras do artista cidadão e de um novo leitor responsável pelo destino de sua comunidade, que tem um idioma próprio.

HOLLANDA. *Onde é que eu estou?*, p.72.

As epígrafes elencadas acima expressam em parte o que me proponho a discorrer neste subtítulo. É justamente por isso que me pauto em epistemologias de ordem descolonial, uma vez que é a partir dessa opção que me desprendo enquanto menina-mulher que habita a fronteira. Firmo-me na desobediência epistêmica e na crítico-biográfica fronteira, por melhor evidenciarem minha *sensibilidade do mundo*. De acordo com Mignolo: “no caminho e em processo de desprendimento e para nos desprender precisamos ser epistemologicamente desobedientes.”⁴⁵

Firmada nas ideias de Mignolo, compreendo que a opção descolonial é um caminho em processo. Caminho este necessário para o desprendimento das epistemologias modernas, contudo, pesquisadores como eu, das exterioridades e fronteiras, necessitam da desobediência para demarcar seu posicionamento nessa trilha rumo ao desprendimento. Meu corpo e meu bios merecem destaque em minhas teorizações para que de fato eu esteja elegendo a opção descolonial como uma opção de vida, como elucida Nolasco: “O *bios* se inscreve nesse lócus enunciativo por meio de um discurso histórico que antecede a tudo. Precisamos aprender a falar do bios e do corpo; afinal uma pesquisa tem alma”⁴⁶

No contexto dessas argumentações, o desprendimento e a desobediência funcionam como conceitos fundamentais rumo ao fazer descolonial. Mignolo afirma que a categoria de *anthropos* (outro) criada discursivamente pelo projeto colonial moderno e

⁴⁵ MIGNOLO. Desafios descoloniais hoje, p. 20.

⁴⁶ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p 19.

envolve sujeitos fronteiriços, assim como eu, é de extrema importância para que tenhamos uma consciência sensível acerca do lugar que habitamos e que sigamos rumo ao desprendimento. Em relação a isso, o autor argentino pondera: “Nós, *anthropos*, que habitamos e pensamos nas fronteiras, estamos no caminho e em processo de desprendimento e para nos desprender precisamos ser epistemologicamente desobedientes.”⁴⁷

Dessa perspectiva, o caminho que trilha em direção a minha casa epistemológica fronteira, demanda desprendimento e desobediência, que vem de fora, da exterioridade. Meu corpo se engasta na fronteira, como na epigrafe de Mignolo e meu desejo é ressaltar — a partir de minha pesquisa acerca da intelectual Heloisa Buarque de Hollanda — uma identidade em política que vai em busca de *legitimar que outros futuros mais justos e igualitários possam ser pensados e construídos para além da lógica da colonialidade*⁴⁸

Desse modo, convido *minha aliada hospitaleira* ⁴⁹para essa conversa epistêmica, porque seu projeto está carregado de uma sensibilidade do mundo que vai em busca de um pensamento pluritópico, ensejando trazer à superfície as produções periféricas, que sempre foram alocadas no subsolo. Entendo que esse fator advém do processo de colonização, haja vista que, como Mignolo disserta, foi o responsável por nos converter no “outro” que habita as bordas metropolitanas do conhecimento:

anthropos, ou seja, o que na maioria dos debates contemporâneos sobre a alteridade corresponde a categoria de “outro”. O “outro”, entretanto, não existe ontologicamente. É uma invenção discursiva. Quem inventou o “outro” senão o “mesmo” no processo de construir-se a si mesmo? Tal invenção é o resultado de um enunciado. Um enunciado que não nomeia uma entidade existente, mas que a inventa.⁵⁰

Nesse processo de criação do mesmo, a categoria do outro corresponde a um

⁴⁷ MIGNOLO. Desafios descoloniais hoje, p. 23.

⁴⁸ MIGNOLO. Desafios descoloniais hoje, p. 25.

⁴⁹ Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro polo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo *objeto* para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo. PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.71.

⁵⁰ MIGNOLO. Desafios descoloniais hoje, p.18.

dos mecanismos do projeto mundo colonial para continuar relegando corpos negros, gays e femininos a exterioridade. Um exemplo coerente de projetos e epistemologias que emergem da exterioridade seria a própria Universidade das Quebradas por denotar a importância das produções marginais, sem deixar de lado o lugar de onde são produzidas as favelas desses pais colossais, invisíveis aos olhos da elite. Endosso as palavras de Buarque de Hollanda:

percebemos que a meta de sua participação era rejeitar a identificação de sua produção com as noções vigentes de exclusão e carência, com a qual definitivamente não mais se identificavam, e colocar a periferia no lugar do contemporâneo.⁵¹

Os alunos da universidade das quebradas possuem seus corpos engastados no lócus em que habitam, sentem na favela e produzem a partir da favela, contudo, a visão que sempre lhes fora lançada, é como o “outro” desfavorecido, pobre, negro, uma construção discursiva que trata de fortalecer o estereótipo moderno dos sujeitos que habitam as favelas. Como na epígrafe de Mignolo, empobrecerem por serem excluídos dos centros de produção acadêmica.

O fato é que existe uma epistemologia de ordem territorial e colonial que contribui para o pensamento de inferioridade das periferias e das fronteiras, como o intelectual argentino pondera: “uma vez que percebe que sua inferioridade é uma ficção criada para dominá-lo, e se não quer ser assimilado nem aceitar com a resignação ‘a má sorte’ de ter nascido onde nasceu, então desprenda-se.”⁵² No projeto idealizado por Heloisa, pode-se observar a reação dos ditos quebradeiros à essa ficção inventada com o intuito de diminuí-los, ao evidenciarmos que os artistas não assimilam mais esse estereótipo e decidem produzir a partir de suas histórias locais.

Assim como no projeto, recuso essa “visão” moderna estereotipada que foi atribuída ao lugar onde habito: a fronteira sul de Mato Grosso do Sul, sentindo e produzindo as pesquisas com base em minha sensibilidade sobre o mundo. Desprendo-me, assim, dos conceitos modernos de teoria e a substituo por “teorização” por compreender que essa é dinâmica e está sempre em produção, levando em

⁵¹ HOLLANDA. *Onde é que eu estou?*, p.167-168.

⁵² MIGNOLO. *Desafios descoloniais hoje*, p.19.

consideração não só o contexto de produção, mas o lócus no qual vem sendo produzida.

Acerca disso Mignolo disserta:

[...]uma das versões da teorização que antevejo e defendo é a de pensar a partir da fronteira e sob a perspectiva da subalternidade. Nesse caso, a partir da fronteira do conceito moderno de teoria e daquelas formas anônimas de pensamento silenciadas pelo moderno conceito de teoria: pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas.⁵³

Na esteira das argumentações de Mignolo, compreendo que pensar a partir da fronteira e das periferias requer uma teorização que se pautem em uma noção geopolítica, ou seja, em histórias locais que contemplem as sensibilidades. Por conseguinte, o que procuro fazer com o projeto intelectual de Heloisa é pensar em uma teorização que represente a importância de minha pesquisa calcada em minha fronteira, a qual representa toda a minha sensibilidade de mundo.

Contudo, antevejo a necessidade de demarcar as *semelhanças na diferença* que possuo com minha aliada hospitaleira. Uma das principais diferenças se pauta em nossa distância geográfica, a intelectual escreve do Rio de Janeiro, dissertando acerca das periferias que estão alocadas nos morros e nas favelas daquele contexto social. Por outro lado, escrevo e falo de Mato Grosso do Sul, atravessada por uma sensibilidade de fronteiras, da mestiçagem Brasil/Paraguai, e minha investigação epistemológica traz uma teorização compartilhada por minhas histórias locais.

Por *semelhanças na diferença*, Mignolo entende que:

Enquanto a noção de *semelhanças-e-diferenças* constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se construiu a própria idéia da civilização ocidental (relegando as diferenças aos bárbaros, selvagens, canibais, primitivos, subdesenvolvidos etc), a ideia de *semelhanças-na-diferença* evoca a recolocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas, não numa direção única (a da noção restrita dos processos civilizadores como a marcha triunfal da modernidade), mas em todas as direções e temporalidades regionais possíveis.⁵⁴

Conforme o exposto pelo autor, pensar em *semelhanças e diferenças* é uma noção ainda pautada na modernidade colonial, haja vista que essa concepção nunca incluiria os sujeitos das exterioridades, suas sensibilidades e seus bios, sempre ficaríamos atrás, na comparação com os grandes centros hegemônicos do saber. Como

⁵³ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.158.

⁵⁴ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 278.

exemplo, utilizo a literatura (Brasileira x Europeia) —em que nossa literatura sempre ficaria atrás da europeia, se buscássemos semelhanças e diferenças entre autores sem levar em conta os contextos de produção, no entanto, a não consideração das sensibilidades e da cultura local, invalidam a comparação.

Em contrapartida, a noção de semelhanças na diferença funciona como um ganho cultural, sensível e social. Pensar a literatura latina americana com base em seu contexto histórico e em todas as sensibilidades que emergem dos vários *loci* de enunciação, promove a valorização do diferente e vai em direção a um desprendimento frente as grandes literaturas hegemônicas.

Nesse sentido, não me seria enriquecedor pensar em uma noção de semelhanças e diferenças com minha aliada, tendo em vista que esse fato sempre me deixaria com uma desvantagem em relação à Heloisa. Nossa temporalidade é distinta — não só pelo lugar de onde a autora escreve, mas também pelos anos de profissão que possui — entretanto, considerando que meu projeto intelectual ainda está em construção, a partir da noção de semelhanças na diferença, de igual maneira, enriquecemos nossos projetos intelectuais.

Exposto isso, passo a exemplos concretos do que Mignolo vem chamando de semelhanças na diferença, ainda embasada no texto intitulado “A política do hip hop nas favelas brasileiras”, do projeto universidade das quebradas, em que Heloisa disserta acerca dos movimentos de hip-hop que emergem nas favelas. O fato é que, no início, os artistas utilizavam a cultura norte-americana — lugar onde surgiu o movimento — como um espelho, tentando somente reproduzir o modelo original no Brasil. Estavam ainda calcados em uma noção moderna de semelhanças e diferenças que não leva em consideração o lugar e as condições culturais de produção dos artistas.

Tendo isso em mente, os artistas começaram a observar a impossibilidade da cópia fiel ao modelo. Iniciaram então um processo de adaptação do hip hop, processo esse que levava em conta as condições da comunidade, procurando inserir ao máximo o número de crianças e jovens, um recurso cultural para enriquecer a vida na

comunidade. Acerca disso Heloisa afirma:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte-americana [...] A partir da necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip-hop, podemos observar nas comunidades hip-hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas.⁵⁵

Observa-se então, uma mudança que se torna enriquecedora, investe-se em histórias locais como uma forma de ressignificar o movimento, levando em conta as semelhanças, mas sobretudo, as diferenças em que são produzidos, de modo a transformar o lugar em que vivem. Essa prática outra é de extrema importância para o pensar descolonial, em que os artistas aprendem o modelo, mas com as adequações a um contexto de produção cultural próprio.

Procurro argumentar em favor da razão subalterna como formado fazer descolonial, para tanto, utilizei minha pesquisa em relação ao projeto de Heloisa Buarque de Hollanda para elucidar tais fatos, bem como ao projeto universidade das quebradas. Opto, assim, por encerrar minha breve reflexão com as palavras de Mignolo, para quem a razão subalterna é aquilo que surge como resposta à necessidade de repensar e *conceituar de modo outro as histórias narradas*.⁵⁶, negando as narrativas que me foram impostas e discursivamente foram responsáveis por me alocarem fora da interioridade moderna. Dessa perspectiva, afirmo que é só por meio dessa prática outra que estou delineando, que não rechaça mas inclui e está inteiramente pautada na exterioridade dos saberes que emergem desse chão latino⁵⁷

⁵⁵ HOLLANDA. A política do hip hop nas favelas brasileira, p.2.

⁵⁶ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p.143

⁵⁷NOLASCO. Quando as teorias itinerantes esbarram nas teorias do sul, p. 36.

1.5 LUGARES PERIFÉRICOS: recursos culturais da opção descolonial

Al establecer el escenario en términos de la geo y corpo-política, parto de la noción familiar de “conocimientos localizados”. Sí, es cierto, todos los conocimientos se localizan en alguna parte y todo conocimiento es construido. Pero eso es sólo el comienzo. La pregunta es: ¿quién, cuándo, por qué está construyendo conocimiento? MIGNOLO. Desobediencia Epistémica (II), Pensamiento Independiente y Libertad De-Colonial, p. 10.

É a desigualdade de poder e de saber que transforma a reciprocidade da descoberta na apropriação do descoberto. SANTOS. O fim das descobertas imperais, p.179.

Lugares periféricos são sempre *lugares específicos*, mas nem todos os lugares são periféricos. Pensar a partir da periferia implica pensar a partir dos projetos globais que se cristalizam, de forma hegemônica, na cultura; significa, também, em transculturar tais projetos globais em projetos locais [...]
NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p.87

As passagens em epígrafe se aproximam do que venho pensando sobre as fronteiras e periferias do Brasil. De certa forma esses estudiosos me respaldam, enquanto teorização descolonial, por me tirarem de meu lugar de conforto e fazerem com que eu reflita sobre as epistemologias que grassam no mundo e que não contemplam corpos engastados em periferias e fronteiras.

Opto por começar com os pensamentos de Santos quando o autor versa sobre a dinâmica imposta em “descobrir”. Para tanto, é-me necessário entender que vivo em uma condição de exterioridade e pesquiso acerca do projeto intelectual de Heloisa, que teoriza sobre os espaços e produções periféricas do Rio de Janeiro, enquanto minha teorização se volta para a fronteira Sul de Mato grosso do Sul, como condição de pensar a exterioridade. Nessa dinâmica, Santos discorre sobre as descobertas de ordem natural, selvagem, bem como da situação do oriente perante as descobertas ocidentais. O autor afirma que: “Se o Oriente é para o ocidente o lugar da alteridade, o selvagem é o lugar da inferioridade. O selvagem é a diferença incapaz de se constituir em alteridade. Não é o outro porque não é sequer plenamente humano.”⁵⁸.

Compreendo que o oriente está para a alteridade, possuindo assim o seu devido respeito por não ter sido descoberto/ou colonizado, por conseguinte temos no “outro lado da linha” os países colonizados como o Brasil, que é cunhado com o estereótipo de selvageria desde sua descoberta. Dessa maneira, o colonizador inventou os indivíduos brasileiros discursivamente, tornando-os menos humanos, menos civilizados e cerceou seu espaço geográfico.

Na esteira desse argumento, vejo a necessidade de pensar nas consequências deixadas pela descoberta e colonização, que ainda imperam nas relações políticas,

⁵⁸ SANTOS. *A gramática do tempo*, p.185.

culturais e sociais no Brasil, como explicitado por Santos “o que é descoberto está longe, abaixo e nas margens.”⁵⁹. O fato é que o estatuto de descoberta demanda que alguém seja o descobridor e que o descoberto esteja a seu mando, a descoberta, portanto, em uma perspectiva moderna, exclui e não leva em consideração as sensibilidades suscitadas pelo lugar de onde se pensa.

Entendo que somente uma política outra e um pensamento outro podem dar conta de inverter a lógica da descoberta colonial, tendo em vista que deve-se pensar em categorias *geopolíticas e corpo-políticas*⁶⁰ de configuração do conhecimento e das sensibilidades do mundo, silenciadas pelo lado mais escuro da descoberta colonial. Trago a baila as considerações de Mignolo em relação à corpo política e à geopolítica:

Mi humilde afirmación es que la epistemología occidental escondió su propia geo y corpo-política [...] la tarea del pensamiento decolonial es develar los silencios epistémicos de la epistemología occidental y afirmar los derechos epistémicos de las opciones decoloniales racialmente devaluadas, para permitir, desde el silencio, construir argumentos que confronten a aquéllos que toman a la “originalidad” como el criterio máximo para el juicio final⁶¹

Vastas são as consequências decorrentes da epistemologia ocidental, a maior delas, que ainda versa em países colonizados, é a exclusão do corpo e do espaço geográfico. Utilizo como base meu lócus fronteiriço, em que são excluídos os corpos que aqui habitam, em favor da demarcação geográfica e de interesses políticos. De acordo com as afirmações de Mignolo, a tarefa do pensamento descolonial é revelar essas vozes da exterioridade silenciadas por muito tempo, bem como, afirmar os direitos epistêmicos das opções descoloniais.

Argumento em favor do corpo e da geopolítica de maneira a melhor compreender o lócus onde habito e desenvolvo minha pesquisa, haja vista que Heloisa Buarque de Hollanda não denota em seu projeto a opção descolonial como escolha única para sua teorização. Não obstante, penso de onde falo e empreendo o viés descolonial á leitura e pesquisa acerca do projeto de Heloisa, tendo sempre em mente que escrever do outro é escrever de si.

⁵⁹ SANTOS. *A gramática do tempo*, p.182.

⁶⁰ MIGNOLO. *Colonialidade*, p. 06.

⁶¹ MIGNOLO. *Desobediencia Epistémica (II)*, Pensamiento Independiente y Libertad De-Colonial, p.13.

Alicerçada nas proposições de Mignolo, entendo que o projeto mundo colonial foi responsável por colonizar espaços geográficos em prol de uma ideologia messiânica como o catolicismo, pois o que se conhecia no mundo era apenas uma teopolítica baseada nas leis da igreja e assim incluía-se a terra e todos os corpos que ali habitavam. Substituía-se, dessa maneira, a cultura local pela do colonizador e aplicava-se a prática teológica como pedagogia da salvação. O que Mignolo está chamando de geopolítica, vai na contramão dessa ideologia, já que valoriza o local e as sensibilidades e compreende que o espaço geográfico também contribui na formação de uma epistemologia decolonial.

Ao falar em geopolítica, reporto-me ao lugar onde desenvolvo minha pesquisa e ao projeto Universidade das Quebradas, considerando que este e aquela estão em busca da valorização das produções que emergem do lugar onde habitamos, mesmo que de maneiras distintas e alocados em lugares geográficos espacialmente distantes. O fato é que Heloisa Buarque teoriza sobre a ocupação desses espaços enquanto meio de produção acadêmica, por compreender que “dar visibilidade e legitimidade a produção de fronteiras foi o que mais me moveu politicamente nesses 50 anos”

O estudo de fronteiras, para além da lógica imperial de demarcação de terras, moveu Heloisa durante os 50 anos por entender que nas fronteiras do capitalismo (periferias) a arte e a cultura são produzidas enquanto um recurso que objetiva modificar o estereótipo de violência imposto pelo capital sobre as favelas do Rio de Janeiro. Nesse sentido, o professor Marcos Bessa-Oliveira, avança as teorizações de Mignolo e introduz o conceito de biogeografias, que conversa epistemologicamente com o que Heloisa e eu em minha condição fronteiriça, temos em comum.

a partir da noção de paisagens *biográficas* como episteme para uma arte decolonial do *ser, sentir, saber* – *bio*-sujeito, geo-espço, grafias-narrativas = *biogeografias* fronteiriças. Ou seja, que todo o lugar – geográfico – faz emergir arte, cultura e conhecimento a partir do sujeito – *bio* – e que essas não são melhores nem piores que outras práticas, sujeitos e lugares, mas são diferentes graças as suas especificidades *biogeográficas*⁶²

De acordo com as proposições de Bessa-Oliveira, depreendo que as

⁶² BESSA-OLIVEIRA, *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p.32.

biogeografias argumentam em favor das especificidades *biolocalis* como uma forma de fazer com que a arte, a cultura e a política — que emergem desses lugares outros rechaçados pela modernidade — possam ser pensadas como uma biogeografia que contribui para a mudança de paradigma, presente na maneira de olhar para favelas e periferias do Brasil. Conforme o autor.

Pensar as fronteiras para além das ideias de limites estabelecidos por discursos hegemônicos políticos e econômicos [...] faz evidenciar características que estão implícitas nessas práticas, sujeitos e lugares como biogeografias fronteiriças.⁶³

Penso acerca desses limites estabelecidos pelas grandes narrativas hegemônicas que imperam em nossa sociedade até os dias atuais, em que a Literatura e as produções intelectuais que emergem de lugares outros não podem ser encaradas como supérfluas, pois têm a obrigação de participar avidamente do processo de consolidação do pensamento. Em consonância com Bessa, trago à baila os conceitos do professor Edgar César Nolasco, quando o discute acerca dos ditos lugares periféricos:

Uma reflexão crítica periférica, por sua natureza de fora do lugar e sua estratégia transdisciplinar, só pode se situar e, por conseguinte, ancorar seu discurso na margem do saber instituído e dos discursos acadêmico e disciplinar, como forma de barrar um pensamento totalizante vindo de fora.⁶⁴

Nesse sentido, penso nas teorizações de Heloisa e em produções que vêm de espaços periféricos. Em sua obra *Cultura como recurso* (2012) a intelectual propõe atribuir ao conceito de cultura uma nova significação, fazendo com que essa seja vista como instrumento de mudança e de relação social, contudo, para que se possa pensar em quem são os sujeitos envolvidos nesse processo, deve-se olhar primeiramente para o lugar onde esses saberes são produzidos.

Essa tendência contemporânea de Literatura não-moderna constitui uma um espaço de enfrentamento cultural. É por meio da escrita, atravessada pelo lugar de fala dos sujeitos, que a cultura irá funcionar com um recurso de mudança, reivindicação e denuncia social. Nas palavras de Nolasco, constitui-se em “defender uma forma de

⁶³ BESSA-OLIVEIRA, *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p.31.

⁶⁴ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 87.

pensar nas e *a partir das* margens periféricas do mundo, visando transformar as demais epistemologias que migraram dos grandes centros ou de fora do país e rearticulá-las da perspectiva periférica.”⁶⁵. Busco defender que o conhecimento pode emergir de um lugar incerto, efêmero, da exterioridade, mas que não anula o processo de ganho intelectual. É preciso pensar em epistemologias outras que contemplem essas novas estéticas e tendências, para que o indivíduo, estereotipado como marginal, seja reconhecido como produtor efetivo de conhecimento. Sobre essa questão, Heloisa pondera: “A missão política da literatura marginal traduz um empenho radical dos autores em termos do compromisso com a transformação social”⁶⁶

1.5.1 Escolhas do corpo: uma paisagem biogeográfica da ferida aberta feminina.

La frontera entre Estados Unidos y México es una herida abierta donde el Tercer mundo se araña contra el primero y sangra. Y antes de que se forme costra, vuelve la hemorragia, la savia vital de dos mundos que se funde para formar un tercer país, una cultura de frontera. Las fronteras están diseñadas para definir los lugares que son seguros y los que no lo son, para distinguir el *us* (nosotros) del *them* (ellos). Una frontera es una línea divisoria, una fina raya a lo largo de un borde empinado. Un territorio fronterizo es un lugar vago e indefinido creado por el residuo emocional de una linde contra natura. ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 42

Coivara de Sombras

I

⁶⁵ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 88.

⁶⁶ HOLLANDA. *Cultura como recurso*, p.46.

As horas queimam seus trigais, corvos, flores, brancas e urubus
sob minha sombra.

Entre minha sombra e meu corpo,

Chamas vermelhas se esparramam e me projetam com a um filme
de chão.

É tempo de coivara de sombras:

as que queima o real e as transformam em ficção.

Logo, erros e acertos, em brasa concederão a cinzas tudo o que
fizemos

E nos exibirão a nós mesmos, sem trailers verdes, nus

na floresta cega que nascerá do fogo para assumir o lugar real

AQUINO. *Antologia poética sul-mato-grossense*, p. 268.

Nesse prisma que estamos discernindo, por meio do meu lócus de enunciação enquanto membro do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados e na condição de mulher, estabeleço esse diálogo epistêmico com Buarque de Hollanda com o fito, cada vez mais crítico, de promover os corpos-fronteiriços por meio das paisagens epistêmicas em que nos encontramos. Compreendo que sou preenchida por todas as sensibilidades de meu/nosso corpo que estão contaminados em minha escrita, desse modo, a proposta que respalda a articulação deste texto se fundamenta do outro lado da linha — na contramão das teorias modernas e excludentes — por meio da *defesa do diferente*. Para tanto, buscarei traçar uma paisagem biográfica descolonial que engobe meu corpo e meu bios, alocados na exterioridade do projeto moderno mas, precisamente na fronteira-Sul de Mato grosso do Sul.

Dito isso, meu objetivo é pensar em uma paisagem que se ordene a partir do Sul, por meio de um pensamento outro que revele de maneira conceitual e artística a paisagem biográfica onde vivo, em diálogo com minha pesquisa acerca da autobiografia *Escolhas* (2009) de Heloisa Buarque. Dessa perspectiva, convido para essa *conversa epistêmica*⁶⁷ espaços da crítica biográfica fronteiriça que me possibilitem adentrar o campo das artes em conjunto com a decolonialidade, como o conceito de *paisagens/sujeitos biogeográficos*.⁶⁸

⁶⁷ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos Globais*, p. 13.

⁶⁸ BESSA-OLIVEIRA, 2013, 2016, 2018, 2019.

Para tanto, utilizarei duas imagens que, de certa maneira, estão espelhadas nas epígrafes e que me auxiliaram a discutir meu corpo de mulher fronteira e pesquisadora, por compreender que *há uma biografia do sujeito em todo local geográfico*⁶⁹.

Como expresso nas epígrafes, optei por delinear uma paisagem que ressalte a ferida aberta nas fronteiras e nos corpos femininos, bem como, o eu-lírico do poeta Lobivar Matos que se faz pertinente ao que cerne a metáfora da coivara como os corpos que sobram do fogo. Fogo esse que pode ser entendido como a colonização, ou seja, o que sobra do corpo feminino após a queima patriarcal dos direitos por meio do projeto imperial moderno?

De antemão penso que estas questões podem ser respondidas em partes por uma ideia de *não-corpo*, expressa por Bessa-Oliveira como : o “*não-corpo*” *aqui está para a tentativa de pensar um corpo que se consolida livre de disciplina, normas, regras e técnicas*.⁷⁰ Os corpos femininos, assim como o meu e o de Heloisa, necessitam ir em direção a uma não disciplinarização corporal para consolidar-se como *uma forma subalterna de pensar outra*⁷¹ distinta das restrições imperiais modernas, que insistem em classificar o corpo padrão com base no espelho europeu.

Ainda na esteira destes pensamentos, é necessário demarcar o lugar ocupado pelo *não-corpo*, lugar esse que servirá como aparato primordial para minha discussão acerca de uma *paisagem biogeográfica*. Heloisa Buarque de Hollanda, minha aliada intelectual, compartilha do mesmo corpo feminino que eu de maneiras distintas, pois estamos alocadas em polos opostos dentro da vastidão do território brasileiro. Expresso-me eu, mulher, fronteira, habitante do estado de Mato Grosso do Sul, a partir de meu lócus enunciativo que está afastado dos grandes eixos, pois as paisagens suscitadas por este chão latino são totalmente distintas do eixo Rio-São Paulo. Como expresso nas palavras do professor e crítico biográfico Marcos Bessa-Oliveira:

Enquanto nos lugares situados geográfico e historicamente como fora dos centros, caso de MS – de exterioridade –, os “*não-corpos*” algumas vezes

⁶⁹ BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens Biográficas Pós-Coloniais*, p. 133.

⁷⁰ BESSA-OLIVEIRA. o corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção!, p. 92.

⁷¹ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 2.

emergem e encenam-se com mais facilidade e eficiência porque se desvinculam mais claramente do conceito de corpo democrático, dócil e político, por exemplo, construídos também em disciplinas ocidentais.⁷²

O não corpo ao qual posiciono-me a favor, se encena sobre e a partir da exterioridade, tendo em vista que, por muito tempo, o corpo feminino foi padronizado e excluído. A luta incessante dos corpos femininos se engasta em diferentes tipos de luta, a re-existência desse mesmo corpo é um ato político, haja vista que foi subjugado. Assim, para repensá-lo é imprescindível olhar para além dos pensamentos modernos que dualizam o corpo como útil e descartável. Aníbal Quijano ilustra essa distinção em seu texto intitulado “Colonialidade, poder, globalização e democracia” (2002):

Para o que interessa aqui, entre seus elementos principais é pertinente destacar sobretudo o dualismo radical entre “razão” e “corpo” e entre “sujeito” e “objeto” na produção do conhecimento; tal dualismo radical está associado à propensão reducionista e homogeneizante de seu modo de definir e identificar, sobretudo na percepção da experiência social⁷³

Toda a discussão que estou propondo em relação ao corpo, tem sua importância justificada no fato de que um corpo é perpassado por sensibilidades, emoções e sensações. Dessa maneira, a construção de uma paisagem biogeográfica não pode estar desarticulada do corpo de quem se dispõe a criá-la, afinal, minha paisagem é perpassada por minhas sensibilidades e por meu corpo feminino. Há uma *ferida aberta* (ANZALDÚA, 2007) em meu corpo que não posso simplesmente - ignorar, uma vez que este corpo feminino de mulher fronteira grita e se arranha em um emaranhado de preconceitos homogeneizantes que insistem em defini-lo, contudo, minha definição está na contracorrente das experiências sociais modernas, está pautada no pensamento de fronteira que me preenche e me atravessa enquanto mulher e pesquisadora.

Reiterada a importância do corpo para minhas elucubrações, passo a ideia de paisagem, exposta em duas imagens que elenquei como metáforas de minhas biogeografias e da ferida aberta nos corpos de mulheres. Dado o exposto, a primeira imagem funciona de modo a teorizar acerca do que sobrou de nossos corpos colonizados?

⁷² BESSA-OLIVEIRA. o corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção!, p. 94.

⁷³ QUIJANO. Colonialidade, poder, globalização e democracia, p. 5.



Figura 2 – Um pequeno pedaço de terra após uma queimada, uma tentativa de se fazer uma coivara, as brasas representam as sobras dos corpos femininos após o fogo da colonização, pequenos fogos porém resistentes e brilhantes, autoria de Nathalia Flores Soares, foto realizada no dia 10/06/2020

Fonte: acervo pessoal

Utilizei a metáfora da coivara presente no poema de Lobivar Matos, que tem por definição a queimada de grandes pedaços de terra e se constrói enquanto imaginário compartilhado por Sul-mato-grossenses. Lobivar nos transmite em seu texto uma imagem do corpo que resta após a queimada, das sombras suscitadas por ela mesma, unindo natureza e lugar, essa junção em si já resulta em uma paisagem, como posto por Bessa-Oliveira:

O lugar e a Natureza, por conseguinte, quero entendê-los que são paisagens inventadas; é questão de pertencimento de alguém ao lugar que modifica essa noção binária e conceitual do locus geográfico.(BESSA-OLIVEIRA, 2013, p..263)

Compartilho dos pensamentos do professor Bessa-Oliveira, considerando que a paisagem que estou tentando criar— a partir da coivara como metáfora dos corpos femininos queimados pelo fogo da colonização — se insere, sobretudo como meu pertencimento ao lugar em que habito. Essa paisagem inventada por mim, misturando escrita e imagem, ressalta simbolicamente minhas experivências evocadas pelo lugar geográfico e epistemológico, constroe-se como fotografias-metáforas de um

ser/saber/sentirsensível desses corpos no mundo (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 106).

Compreendo que minha metáfora se constrói enquanto arte, ao passo que denuncia minhas sensibilidades femininas e as de Heloisa, como outrora havia a autora afirmado: “as autobiografias femininas raramente expressam o sentimento de uma singularidade contundente, mas que com frequência, exploram a experiência de uma identidade compartilhada com outras mulheres” (HOLLANDA, 2009, p. 31). De fato, a escrita feminina do eu ressalta diferentes sentimentos entre homens e mulheres.

A imagem elencada representa, ao seu modo, o que sobrou dos corpos femininos alocados na exterioridade deste país colossal, como exposto no poema: *Apenas imagens estalando quentes, de tudo que ainda não fui/ Fotografias recortadas do fogo, sob minha sombra, sob minha alma* (AQUINO, 2013, p. 268.). Também se constrói enquanto minha autobiografia de mulher fronteiriça, em que as cinzas expressas pelos restos de queimada funcionam como uma forma de fazer valer minha proposta epistêmica. Sei que nós mulheres ainda hoje sofremos as dores da colonização que insiste em classificar nossos corpos, reduzir nossa intelectualidade e nos alocar sempre em segundo plano.

O fogo exposto por Lobivar Matos funciona, para mim, como metáfora falocêntrica do colonial, queima, catequiza e homogeneíza o que pode. Contudo, as sombras deixadas pela queimada se fazem presente, enquanto arte sensível de um lócus específico, construindo assim o que estou chamando de paisagem biogeográfica, como exposto nas palavras do professor mineiro: “paisagens biográficas, como opção descolonial, são uma combinação de afetos, sentimentos, condenação racional e compreensão dos princípios sobre os quais foi construída” (BESSA-OLIVEIRA, 2013, p.251)

Dito isso, passo para a noção de *ferida aberta* (ANZALDÚA, 2007), exposta na segunda imagem, onde busquei compor um cenário imagético em que a obra alvo de minha pesquisa entrasse em contato com o chão latino de Mato Grosso do Sul. Quero, dessa maneira, evidenciar a ferida aberta como um marco não só na luta de fronteiras,

mas também na luta dos corpos femininos, como expressa Bessa-Oliveira: *a ferida biográfica brasileira aberta pelo discurso colonizador e mantida aberta pelo discurso estético moderno* (BESSA-OLIVEIRA, 2016, p.326)

Compreendo que, mesmo de forma inconsciente, as mulheres partilham uma identidade coletiva, o que faz com que surjam movimentos como o feminismo, uma maneira de reivindicar direitos comuns a todas as mulheres, ou seja, por meio das semelhanças, ressaltar as diferenças que ainda existem entre a classe feminina e lutar por um espaço coletivo onde possam expressar livremente suas singularidades. Heloisa pondera:

O fato é que a autobiografia, enquanto gênero literário, coloca sérias questões do ponto de vista das relações entre os gêneros masculino e feminino. Ou mesmo que, certamente, qualquer texto sobre o “eu” levanta diferentes questões para homens e mulheres.⁷⁴

Encontro-me em um *lócus fraturado*¹ que se constrói fora dos grandes centros, fazendo com que o olhar destinado a mim, seja sempre em segunda instância, por isso, a necessidade de mostrar as contribuições epistemológicas produzidas por sujeitos que habitam o fora do pensamento patriarcal colonial moderno incluindo o feminismo e as teorizações fronteiriças pensadas na diferença.



Figura 3 – Minha/nossas escolhas (Nathalia/Heloisa) representadas sob o chão sul-mato-grossense em

⁷⁴ HOLLANDA. *Escolhas*, p. 30

direção á uma rachadura como metáfora da ferida aberta em lutas de fronteiras e corpos, autoria de

Nathalia Flores Soares, foto realizada no dia 10/06/2020.

Fonte: acervo pessoal

Ainda na esteira das reflexões suscitadas pela imagem, o diálogo que estabeleço com Gloria Anzaldúa se pauta na teorização da ferida aberta, representada pela rachadura, como uma forma de simbolismo da ferida colonial que o homem branco, europeu e falocêntrico abriu no corpo-corpus feminino.

Por outro lado, de acordo com as teorizações fronteiriças pensadas na diferença, julgo relevante revisitar algumas reflexões sobre fronteiras. As fronteiras possuem desenhos que definem os lugares seguros e os ilegais, se constroem enquanto linhas divisórias entre o nós, no caso das mulheres, entre elas e os homens. Há um abismo entre essas fronteiras, como uma trincheira que somente pode ser atravessada por meio de uma ponte epistêmica que se respalde na diferença, nos movendo para o fora das formações cristalizadas do projeto imperial. As mulheres em situação fronteiriça, segundo Anzaldúa, são:

un amasiamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e escuro e lhes dá novos significados.⁷⁵

Por tanto, busquei desenhar com imagens e palavras minha paisagem biogeográfica, que se constrói enquanto complementadora do eu e de minha pesquisa, compartilhando das mesmas impressões de Bessa-Oliveira, quando afirma que: *tenho a impressão de que não estou enganado em pensar de outra forma, somos todos retratos das paisagens do “fim do mundo”* (BESSA-OLIVEIRA, 2013, p.258). Dada à conjectura atual do Brasil, compreendo que também sou parte das paisagens do fim do mundo, pois é por meio da escrita e da leitura que sou avivada e posso pensar melhor meu lócus geográfico, minhas fronteiras.

Busquei trazer certa poeticidade ao meu texto, justamente pelo fato de que o cenário não é dos mais favoráveis, tendo em vista que como ressalta o professor Bessa-

⁷⁵ ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 138

oliveira, *a biografia revela o seu próprio eu. Você narra e é narrado o tempo todo no meio social cultural* (BESSA-OLIVEIRA, 2013, p.265). O fim do mundo parece bater à porta com suas paisagens, meu corpo fronteiriço sente e é perpassado por todas essas questões, haja vista que cada sujeito é único em sua especificidade biogeográfica.

Por conseguinte, o intuito desta teorização voltou-se para o fora da interioridade moderna, interioridade essa responsável por limitar todo o pensamento feminino, marginal e fronteiriço, alocando pensamentos e corpos em condição de exterioridade. Na esteira das proposições de Nolasco, minhas sensibilidades locais e epistêmicas estão crivadas nesse lugar outro que emerge da exterioridade, meu c

ompromisso enquanto crítica biográfica fronteiriça é olhar para o projeto intelectual de mulheres latino-americanas pelo prisma de uma epistemologia descolonial, que não reinscreve e repete a *velha doxa triunfante da sapiência moderna*⁷⁶, mas, que pelo contrário, busca descolonizá-las.

1.6 CORPO E CORAÇÃO: adentrar o mundo a partir das sensibilidades aliadas.

O eu e o nós embaralhados, identificados, numa referência bem mais forte que a ação que se segue.

HOLLANDA. Onde é que eu estou?, p.148.

As emoções são a porta que dá para o caminho da vida e são esse mesmo caminho na luta. E os corpos estão tanto no centro das lutas como as lutas estão no centro dos corpos. Os corpos são corpos performativos e assim, através do que fazem, renegociam e ampliam ou subvertem a realidade existente.

SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.138.

Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo *objeto* para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo.

PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.

[...] é apenas a partir de um certo tipo de estar-com (o ser-um-no-outro) e da estada na estufa imunológica que posso adentrar o mundo e nele me enraizar. [...] O enraizamento no mundo é assunto inter-humano e depende das relações de proximidade em

⁷⁶ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 13.

receptáculos que paradoxalmente contêm a si mesmos.

PESSANHA. *Recusa do não lugar*, p.116.

No delinear deste trabalho, , foi possível entender que a lógica moderna foi responsável por limitar as fronteiras do pensamento humano e tratou de excluir os corpos e as emoções das lutas por direitos epistêmicos. Entendo também que a dualidade sujeito x objeto não me é suficiente, visto que Heloisa Buarque de Hollanda se constrói enquanto minha animadora, minha aliada, sendo assim, minha condição de pesquisadora é criada a partir de Heloisa.

Na direção desse pensamento, compreendo que, de fato, as epistemologias do norte, trataram de cercear e excluir corpos, fazendo com que o pensamento intelectual e as lutas por resistência sejam condicionados à mão de poucos e envoltos em uma distância epistemológica (sujeito/objeto),⁷⁷ enquanto categorias profissionais que deixam de lado a compreensão e a intervenção na luta pela resistência.

Nessa perspectiva, a importância das colocações de Santos — ao que concerne ao meu projeto intelectual e ao de Heloisa — está em poder compartilhar experiências e lutar pelo direito de prezar por nossos corpos femininos e por nossa sensibilidade, mais especificadamente no âmbito acadêmico, que ainda hoje se constitui como âmbito moderno de vaidades e títulos. Santos afirma que: “O caráter performativo de muitos dos conhecimentos que se ancoram nas ecologias de saberes reforça a renegociação, ou mesmo a subversão, da realidade, o que é necessário para que a luta continue.”⁷⁸

A obra de Santos também adentra meu mundo de forma a contribuir para minha luta enquanto mulher, pois a ecologia dos saberes e as epistemologias do sul, tratam de renegociar minha condição e a de Heloisa, enquanto mulheres pesquisadoras. No meu caso possui uma força maior que move minha luta, tendo em vista que meu corpo feminino habita a exterioridade do grande eixo econômico do país. sou criada enquanto pesquisadora a partir de Heloisa, minha fada bebível.⁷⁹ O projeto intelectual da professora sustenta minha escrita, por essa razão a utilização da lógica sujeito x objeto

⁷⁷ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.141.

⁷⁸ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.143.

⁷⁹ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.72.

não me é concedida.

Nesse sentido, o projeto intelectual da autora vai em direção ao reconhecer antes de conhecer⁸⁰, o que significa pensar nas condições das periferias, margens e fronteiras, reconhecê-las e compreendê-las enquanto uma epistemologia outra. Heloisa busca dar visibilidade e reconhecimento às fronteiras do intelecto, de forma que o indivíduo estereotipado enquanto “marginal” possa ser entendido como corpo coletivo social⁸¹ que participa avidamente do processo de aquisição e produção cultural e intelectual.

Heloisa ao narrar sua vida acadêmica em *Escolhas* (2009), além de nos mostrar sua trajetória intelectual de resistência dentro e fora da academia, apresenta seus projetos intelectuais que se constroem enquanto trabalho pedagógico que aborda a complexa rede de produções recentes que emergem do Brasil, como meio de fundamentar o significado social e político das vidas dos indivíduos da exterioridade.⁸² Contudo, as lutas dos corpos oprimidos, representados por Heloisa, pelo simples fato de ser mulher, nunca são compreendidas facilmente e resultam nas mais atrozes consequências que, no caso dela própria se constituiu em uma perseguição moral e política dentro da UFRJ na realização do aclamado concurso da década de 1990, confirmando as palavras de Santos de que “o horror das consequências é sempre mais concreto do eu o horror das causas”⁸³. A preocupação não era a causa da perseguição de Heloisa, muito menos a veracidade de suas afirmações, o que importava era a consequência: retirar do jogo de xadrez moderno da academia a professora desobediente que evocava para esse ambiente os corpos marginais.

Argumentando em favor disso, trago as teorizações de Boaventura de Sousa Santos (2019) quando afirma que as narrativas são sustentadas pelos corpos que as escrevem.⁸⁴ Desse modo, não posso entender as teorizações erigidas por Heloisa, ao longo de seus 50 anos de carreira, como simples alvos de comparação ou como meros

⁸⁰ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.147.

⁸¹ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.136.

⁸² SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.147.

⁸³ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.146.

⁸⁴ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.137.

objetos de análise, para tanto, me remeto ao conceito de *corazonar* proposto por Santos, ao afirmar que para se fazer pesquisa é necessário pensar de forma “*híbrida, alquímica emoções/afetos/razões, o sentir/pensar inscrito nas lutas sociais.*”⁸⁵ É somente por meio dessa sensibilidade que as lutas são capacitadas no interior de seus corpos, na maneira sensível em que habitamos no mundo. Minha pesquisa tem alma, possui emoção e afeto, assim como todo o projeto de autoras como Heloisa, pois sinto e penso teorizações acerca de seu projeto, enquanto uma fusão de nossos corpos femininos. Nas palavras de Santos:

*Corazonar é o ato de construir pontes entre emoções/afetos, por um lado, e conhecimentos/razões, por outro[...] Uma vez que a mudança do nosso entendimento da luta acompanha a par e passo a mudança do nosso entendimento de nós mesmos.*⁸⁶

É por meio da lógica sensível do *corazonar* que posso construir as pontes metafóricas e a proximidade entre nós duas, o fato é que *há sempre mudança*⁸⁷. Entendo essas mudanças, as leio e as incorporo em minha interioridade, e que nas palavras do filósofo Juliano Pessanha⁸⁸ “Não se trata evidentemente de análise, mas de atividade sintética de imersões e de empréstimos de ser que permanecem invisíveis para a linguagem objetivante e para a dogmática individualista.”⁸⁹

Na esteira das proposições de Pessanha, sou levada a inferir que a lógica moderna é responsável por impedir que as fronteiras se estabeleçam por meio da construção de barreiras como: eu/outro ou sujeito/objeto. Por isso, pauto-me em epistemologias de ordem descolonial, firmo-me na desobediência epistêmica e na crítico-biográfica fronteira e recuso a respaldar-me a partir da colonialidade ocidental moderna. Desse modo, prefiro considerar o outro e o objeto como duetos formadores do eu⁹⁰, adentrando o mundo a partir dos autores que leio e teorizo e, se existo no mundo,

⁸⁵ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.153.

⁸⁶ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.154.

⁸⁷ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p.154.

⁸⁸ É graduado em filosofia pela Universidade de São Paulo (1986), mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009) e doutor em Filosofia na Universidade de São Paulo (2017). Autor de *Recusa do não-lugar* (Ubu- 2018), da trilogia *Sabedoria do nunca* (1999), *Ignorância do sempre* (2000) e *Certeza do agora* (2002), também publicou *Instabilidade perpétua* (2009), todos reunidos em nova edição sob o título *Testemunho transiente*

⁸⁹ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.74.

⁹⁰ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.73.

existo a partir da fronteira-Sul, a qual perpassa todas minhas sensibilidades.

Faço de Heloisa Buarque de Hollanda minha própria obra, canibalizo-a enquanto crítica biográfica fronteiriça, emano da relação que mantenho com ela, amplio meu conhecimento por compreender que posso aliar minha imagem e meu *bios* com a autora. Assim, tomo-a e trago-a para minha teorização de tal maneira que possa misturar meu próprio eu como constituinte efetivo, sendo levada a entender que não preexisti distante de meus aliados ou nas palavras de Pessanha: “Começo girando e me adensando sobre um outro que sou eu mesmo, então meu corpo se espalha sobre o mundo. É que o gesto nascido e brotado afirmativamente do meu corpo encontra um aliado que sintoniza com ele.”⁹¹

Sou capaz de trazer Juliano Pessanha para essa discussão e utilizar seus conceitos para minha teorização, porque entendo que a crítica biográfica por meio de afinidades eletivas, possibilita-me montar meu perfil literário e crítico biográfico. É por conta dessas ponderações que as teorizações de Pessanha me são de grande valia, pois assentada na sensibilidade suscitada pelo autor cresço enquanto pesquisadora, bem como meu corpo, esse que habita na diferença colonial e na fronteira, encontra aliados hospitaleiros que o sustentam.

Por meio das sensibilidades, do transferencial e do fenômeno onde crio e sou criado por aquilo que encontro ⁹², entendo que me realizo nas faltas de minha aliada. Sou preenchida pelo sopro teórico e sensível envolto no gesto de canibalizar o aliado.

E o que é um aliado hospitaleiro? Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro polo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo objeto para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo.⁹³

Quando penso com base nas ideias de Pessanha, entendo que nasci para o mundo da pesquisa por ter encontrado Heloisa Buarque de Hollanda. Não faço essa

⁹¹ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21.

⁹² PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.103.

⁹³ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.71.

associação de graça, pauto-me na crítica biográfica e nas teorizações descoloniais como maneira de sustentar minhas teorizações, considerando que é a partir das minhas/nossas escolhas que construo uma relação metafórica que só consegue se entrelaçar por meio de uma epistemologia outra, assentada em uma escrita que se amiga a partir do fora do projeto colonial moderno. Nesse sentido, compartilho da mesma noção de Nolasco ao propor razões de princípio e razões do coração:

[...] duas razões que se complementam, posto que ambas permitem juntas uma leitura circunscrita ao campo da crítica biográfica: *razões de princípio* e *razões do coração* [...] Tais razões são sempre da ordem, da lei, do direito, da ética, do compromisso e do amor, e estão sempre relacionados ao papel e lugar do crítico biográfico.⁹⁴

Minha aliada hospitaleira ocupa não só um lugar crítico em minha teorização, mas também ocupa um lugar da interioridade, do afeto e do amor, entendendo-as como formadoras do eu. A discussão é suplantada por uma epistemologia de cunho crítico biográfico fronteiriço e descolonial que não leva em conta somente as semelhanças, mas também, as diferenças que fazem com que as relações metafóricas me construam e me atravessem.

Aproximo-me pelo meu corpo de menina-mulher-fronteira, e onde falta Heloisa Buarque de Hollanda, evoco seu espectro por meio de minha posição de crítica e pelo excesso de vida que minha animadora me sopra, nas palavras de Pessanha: *pelo pacto pneumático*⁹⁵

⁹⁴ NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 36.

⁹⁵ PESSANHA. Recusa do não-lugar, p. 111.

1.7 UMA CORPO-POLÍTICA DO CONHECIMENTO FEMININO: questionar pelos sentidos, pelos corpos e pelo Sul.

O pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno. É uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica.

GROSGUÉL. para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p.407.

O projecto de uma epistemologia do Sul é indissociável de um contexto histórico em que emergem com particular visibilidade e vigor novos actores históricos no Sul global, sujeitos colectivos de outras formas de saber e de conhecimento que, a partir do cânone epistemológico ocidental, foram ignorados, silenciados, marginalizados, desqualificados ou simplesmente eliminados, vítimas de epistemicídios tantas vezes perpetrados em nome da Razão, das Luzes e do Progresso. NUNES. O resgate da epistemologia, p.233.

Ahora entre los dioses ajenos con armas de magia me encuentro.

ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p.52.

A densidade da História não determina nenhum de meus atos.Eu

sou meu próprio fundamento.É superando o dado histórico, instrumental, que introduzo o ciclo de minha liberdade.

FANON. *Peles negras/mascaras brancas*, p.190.

A leitura implica sempre em escolhas. Assim sendo, minhas escolhas e de Heloisa Buarque de Hollanda são compartilhadas, a canibalizo e a tenho como minha aliada, por compreender que o projeto intelectual da autora funciona, para mim, como complementar. Assim como as leituras de Heloisa, os autores elencados para esta conversa epistêmica, de alguma maneira, compõem meu imaginário teórico, social e político.

As epígrafes selecionadas para iniciar este subtítulo ilustram, a seu modo, meu argumento em favor da opção descolonial como uma opção de vida, que vai na direção oposta das epistemologias cognitivas imperiais e se volta pra os estudos subalternos como uma resposta crítica aos fundamentalismos universais.⁹⁶ Dessa perspectiva, proponho-me a argumentar em favor dos estudos feministas, como uma crítica epistemológica ao mundo patriarcal-colonial-moderno, —utilizando minha experiência enquanto mulher que se acosta na fronteira de Mato Grosso do Sul, essa ferida aberta de um país onde tudo acontece fora dos grandes centros do eixo (Rio-São Paulo), bem como, a atuação de Heloisa enquanto feminista pautada em uma opção descolonial.

Em consonância com essa afirmação, pondero sobre a atuação de minha aliada, enquanto feminista, como uma desobediência à norma imperial que grassa no mundo, visto que a intelectual sofreu várias perseguições no meio acadêmico, por ser a única mulher a concorrer ao aclamado concurso da Escola de Comunicações da UFRJ. Desse modo, o feminismo se intensifica e se torna imprescindível para sua atuação profissional e pessoal. Evoco as teorizações de Nunes quando disserta sobre as contribuições do feminismo para a epistemologia do sul, compreendendo a crítica feminista como *um exercício de tradução que poderá ajudar a identificar as preocupações comuns, mas também as concepções divergentes que movem os dois campos em diálogo*.⁹⁷

⁹⁶ GROSGOUEL. para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p.385.

⁹⁷ NUNES. O resgate da epistemologia, p.237.

O fato é que o feminismo pode ser entendido como uma primeira mudança perante o mundo patriarcal. Em livro lançado recentemente, Heloisa reflete sobre a situação do feminismo dito descolonial, bem como a importância de sua urgência:

como construir um feminismo sem levar em conta as epistemologias originárias? Sem absorver as gramáticas das lutas e dos levantes emancipatórios que acompanham nossas histórias? Como podemos reconsiderar as fontes e conceitos do feminismo ocidental? Uma nova história, novas solidariedades, novos territórios epistêmicos impõem urgência em ser sonhados⁹⁸

Considero as palavras de Hollanda como uma perspectiva epistêmica que está alocada nas sensibilidades locais e nas histórias originárias das mulheres latino-americanas, dessa perspectiva, somente um pensamento de fronteira que se paute em um campo epistêmico mais abrangente dará conta de sublinhar as distintas subjetividades dos corpos femininos, defendidas pela autora. As palavras de Grosfoguel corroboram com esse ponto de vista, quando afirma “uma perspectiva epistêmica descolonial exige um cânone de pensamento mais amplo do que o cânone ocidental”⁹⁹

A autora busca ampliar esse cânone feminista ocidental, por compreender que as subjetividades suscitadas pelo feminismo clássico foram responsáveis por excluir as histórias originárias dos corpos femininos, alocadas na exterioridade do pensamento moderno. O fato é que existe uma matriz de poder colonial que comanda e hierarquiza as histórias locais e os saberes, desse modo, as sensibilidades das mulheres latino americanas são sempre da ordem do fora.

Pautada nessa mesma linha, elejo a opção descolonial e o pensamento de fronteira como forma de compreender as subjetividades femininas compartilhadas por intelectuais mulheres do dito terceiro mundo. É a minha condição de mulher fronteiriça que me conecta com minhas complementadoras de forma simbiótica, formamos duetos que originam o que estou chamando de feminismo decolonial. Grosfoguel afirma que: Esta questão não tem a ver apenas com valores sociais na produção de conhecimento nem com o facto de o nosso conhecimento ser sempre parcial. O essencial aqui é o locus da enunciação, ou seja, o lugar

⁹⁸ HOLLANDA. *Pensamento feminista: perspectivas descoloniais*, s/p.

⁹⁹ GROSGOUEL. para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p.385.

geopolítico e corpo-político do sujeito que fala.¹⁰⁰ Amparo-me nas posições de Grosfoguel como forma de contribuir para minha argumentação, haja vista que um dos mecanismos da matriz de poder colonial é a exclusão do lócus de enunciação, do corpo e da geopolítica do sujeito que fala. Em consonância com o autor, o que estou defendendo é o direito de se pensar corpo-politicamente e geopoliticamente na condição de nós mulher que sofremos, pois habito e sou atravessada pela fronteira em que habito.

Há um mito ocidental, patriarcal, moderno e colonial que paira em todas as relações que versam no mundo, sejam elas políticas, culturais ou sociais, é por meio da sistematização e da organização de vários mundos em um só que a matriz colonial de poder vê a possibilidade de continuar atuando no mundo e intermediando as relações. Esse mito está presente nas relações ao que cerne a sexualidade, homossexuais e mulheres têm seus corpos constantemente desconsiderados em prol de uma hierarquização sexual, em que o indivíduo masculino-branco-europeu vem em primeiro lugar sobre os demais sujeitos. Exposto isso, ancoro-me na opção descolonial uma vez mais, como nas teorizações do intelectual porto-riquenho, para que eu possa repensar o mundo colonial/moderno a partir da diferença colonial altera importantes pressupostos dos nossos paradigmas¹⁰¹

Mudar o paradigma ou como em espanhol cambiar el mundo, não é uma tarefa fácil, contudo, é só a partir da diferença colonial que me contemplo enquanto pesquisadora e mulher que fez da fronteira sul de Mato Grosso do Sul seu lugar de luta, na busca de desmistificar o império cognitivo excludente. Portanto, estudar e pesquisar acerca das teorizações de Heloisa Buarque de Hollanda é aprender o mundo compartilhado por mulheres a partir da diferença. É única e exclusivamente desse modo que consigo melhor me compreender enquanto mulher que luta e sangra na tentativa de crescer em um mundo cruel e sanguinolento. Compartilho, assim, do mesmo ideal feminista de minha fada bebível quando assume que:

Um caminho possível em busca de uma perspectiva decolonial brasileira seria uma análise radical da especificidade da questão de nossa mestiçagem, priorizando suas implicações em termos dos processos constitutivos das desigualdades sociais.¹⁰²

Concordo com as proposições da autora em que a descolonialidade se constrói enquanto meu caminho possível para interpelar o projeto moderno, priorizar as histórias locais, a mestiçagem e a situação de mulheres que habitam as fronteiras desse país colossal. Destarte, desde o momento em que compreendi a opção descolonial como uma teorização mais abrangente entre os vários mundos e diferenças que existem em nossa sociedade, pude melhor compreender o lugar em que vivo e minha pesquisa. Eu e minha aliada estamos distantes fisicamente, mas podemos compartilhar vivências,

¹⁰⁰ GROSFOGUEL. para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p.386

¹⁰¹ GROSFOGUEL. para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p.397.

¹⁰² HOLLANDA. *Pensamento feminista: perspectivas descoloniais*, s/p.

teorizações e ir além dos conceitos epistêmico e moderno de conhecimento que existe nas universidades.

Acerca dessas argumentações, trago à baila as teorizações de Grosfoguel quando afirma que:

Estes conceitos precisam de ser descolonizados e tal só pode ser conseguido por meio de uma epistemologia descolonial que assuma abertamente uma geopolítica e uma corpo-política do conhecimento descoloniais como pontos de partida para uma crítica radical¹⁰³

Pauto-me nas teorizações do autor por pensar em um mundo onde o conceito de mulher possa ser descolonizado. O indivíduo feminino foi, durante muitos anos, estigmatizado pela matriz de poder colonial como inferior, somente trabalhava com serviços domésticos, sendo considerado inferior intelectualmente e fisicamente. Não fazia parte das decisões da sociedade e não podia tomar partido político, o que vemos hoje é uma virada radical nessa concepção e no conceito de “mulher”, como nas palavras de Anzaldúa agora *todas las partes de nosotras valén*¹⁰⁴.

O fato é que, o pensamento fronteiriço funciona como uma resposta às epistemologias imperiais¹⁰⁵, uma resposta que emerge do outro lado da linha, do lado mestiço, subalterno. Neste caso, estou argumentando a favor do pensamento fronteiriço como uma resposta ao machismo colonial, bem como estou defendendo o feminismo como uma mudança de paradigma radical das relações hierárquicas que existem na sociedade. Para tanto, utilizo como aporte minha pesquisa, para que minha teorização se consolide como uma mudança não só da ordem intelectual mas da ordem da vida.

Dessa forma, o pensamento fronteiriço demanda uma epistemologia outra, por isso opto pelo conceito de Santos, acerca das epistemologias do Sul, como um caminho possível para dissuadir as barreiras impostar pelo saber imperial cognitivo. Em consonância com esses argumentos, Nunes afirma que as epistemologias do sul funcionam como *um recurso para o resgate da epistemologia, para a sua reconstrução radical como epistemologia do Sul e como parte da emergência de um pensamento pós-abissal*¹⁰⁶. A emergência do pensamento pós-abissal, bem como do feminismo descolonial estão pautadas no resgate das epistemologias dos povos originários e na

¹⁰³ GROSGOUEL. para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p.389.

¹⁰⁴ ANZALDÚA. *Bordelands/la frontera*, p.147.

¹⁰⁵ GROSGOUEL. para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p.407.

¹⁰⁶ NUNES. O resgate da epistemologia, p.230.

criação de projetos intelectuais abrangentes e dinâmicos, que coexistam radicalmente, conforme afirma o autor: *para abordar um mundo que é mais do que o mundo ocidental e uma compreensão do mundo que não se esgota*¹⁰⁷.

A epistemologia que Nunes pretende resgatar é a do Sul, assim, em consenso com as argumentações de Santos, o autor versa sobre a possibilidade de um diálogo entre as epistemologias modernas e as do sul, tendo em mente que a opção descolonial não repete à velha doxa moderna e não tem pretensão alguma de se impor como conhecimento universal. De acordo com o projeto de Heloisa, o feminismo clássico (pensado na Europa e Estados Unidos) se insere como universal abstrato, por não contemplar as sensibilidades distintas de mulheres e os vários loci de enunciação. A descolonialidade surge, então, como a possibilidade de representação de vidas engastadas na fronteira e de projetos intelectuais que estão longe demais das capitais, como no meu caso. Por esse prisma, a rubrica feminismo descolonial, como nas palavras de Heloisa, é uma das formas de fazer com que: “o valor político da memória e da arte ganhe a cena nas periferias”¹⁰⁸

Não me desvencilhando de todos os textos citados, evoco o espectro de Mignolo em posfácio intitulado “*Después de America <Latina> una vez más*” por compreender a necessidade de possuir um respaldo teórico diversificado para que a teorização que estou propondo se consolide como um campo intermediado pelas várias vozes que se entrecruzam no processo de escrita. Nesse posfácio, Mignolo disserta sobre a ideia de américa latina e sobre o processo de desmontagem colonial pelo qual continuamos lutando, afirmando que o pensamento descolonial não pensa mais a partir da Europa, mas sim com base nas histórias locais dos lugares nos quais os povos habitam, clamando por uma diferença de ordem epistemológica no processo de assimilação do conhecimento. Mignolo assevera: *una diferencia epistémica que sostiene sus reclamaciones de intervención política y económica; y, sobre todo, conquistar la dignidad*

¹⁰⁷ NUNES. O resgate da epistemologia, p.231.

¹⁰⁸ HOLLANDA. *Pensamento feminista: perspectivas descoloniais*, s/p.

*por sus propias manos.*¹⁰⁹

Alicerçada pelos pensamentos de Mignolo, utilizo o projeto intelectual de Heloisa sobre o feminismo descolonial para estabelecer uma discussão de ordem epistemológica com os vários autores que escolhemos para dialogar, na tentativa de situar os corpos femininos para além do império cognitivo europeu e norte-americano. Desse modo, a *diferença epistêmica* é imprescindível para que nós mulheres sustentemos nossas lutas cotidianas e possamos ter a dignidade de nossos corpos levada em consideração. Em suma, não há mais espaço para violência, para o patriarcado, uma vez que mulheres se levantem contra toda essa matriz colonial, em busca de uma política que preze por nossas vidas, *uma consciência outra está em formação – uma nova consciência mestiza, una conciencia de mujer. Una conciencia das fronteiras*¹¹⁰

O que nós mulheres temos vivido, desde a formação da sociedade, é como uma luta de fronteiras, uma luta de carne/corpos, lugares espaciais, uma luta pelo direito de ser tratada com dignidade e recuso a *generosa assimilação*¹¹¹ que me foi imposta na pele e feriu minha dignidade, pelo fato de ter nascido mulher. Em vista disso, meu trabalho enquanto pesquisadora é dissuadir as barreiras que me impedem de ressaltar minhas sensibilidades, decidindo agir, ao em vez de apenas reagir, e agir demanda me posicionar na outra margem do rio, do outro lado da linha, em direção ao *aprender a desaprender y de aprender a ser*.¹¹² Aprender meu valor enquanto mulher, o valor de Heloisa e todas nós que lutamos incessantemente pela conquista de nossos direitos, a fim de nos desprendermos das amarras patriarcais modernas e trilhar um caminho rumo a uma nova consciência. Consciência essa que se projeta para o futuro.

Em relação a isso, Heloisa pondera: “Ficou clara a forma de articulação das mulheres pela memória, por meio da qual se conectam, se identificam e produzem uma

¹⁰⁹ MIGNOLO. Posfácio a la edición en español, p. 204.

¹¹⁰ ANZALDÚA. *Bordelands/la frontera*, p.133. [tradução minha]

¹¹¹ MIGNOLO. Posfácio a la edición en español - después de América 'Latina', una vez más, p.205.

¹¹² MIGNOLO. Posfácio a la edición en español - después de América 'Latina', una vez más, p.205.

proposta de consciência diferencial que toma o lugar da consciência identitária.”¹¹³

Constatamos assim que a rearticulação de mulheres é necessária para que as barreiras da desigualdade sejam dissuadidas, por meio de um pensamento descolonial que leve em conta as memórias e histórias locais de corpos femininos e que se pautem na diferença, é o melhor meio de consolidar a proposta de minhas teorizações. Mignolo afirma que a opção descolonial é uma visão do futuro que conecta projetos políticos e se origina de várias nações¹¹⁴.

Apesar de toda a discussão de nível teórico que evoquei, neste percurso, não posso deixar de lado minhas sensibilidades e recordações de minhas primeiras leituras acerca de Heloisa Buarque de Hollanda. Quando me deparei com a escrita de minha aliada em sua obra *Escolhas* (2009) compreendi que a escrita autobiográfica suscita diferentes questões para homens e mulheres¹¹⁵, questões essas, que me tirariam de meu lugar de conforto e me fariam ressignificar as várias esferas de minha vida pessoal, inclusive o lugar onde habito, a fronteira sul de Mato Grosso do Sul.

Assim como nas teorizações de Anzaldúa, entendo que uma fronteira é mais que uma demarcação política de terra, minha subjetividades estão inseridas nessa fronteira, pois enquanto mulher sangro na fronteira e a tensão se apodera de mim e de meu corpo na busca por direitos iguais. Nas palavras da chicana.

a frontera é una herida abierta donde el Tercer mundo se araña contra el primero y sangra. Y antes de que se forme costra, vuelve la hemorragia, la savia vital de dos mundos que se funde para formar un tercer país, una cultura de frontera.¹¹⁶

Assim também são os corpos femininos, feridas abertas por um projeto moderno, cruel e violento, sangramos na tentativa de consolidar nossa luta, entretanto, é por meio da mudança de paradigma por parte de corpos femininos que se cria uma força vital. O fazer comunal das mulheres em re-existência é capaz de mudar o mundo e desvencilhar-nos das tradições modernas em busca da consolidação de nosso sonho.

¹¹³ HOLLANDA. *Pensamento feminista: perspectivas descoloniais*, s/p.

¹¹⁴ MIGNOLO. Posfácio a la edición en español - después de América ‘Latina’, una vez más, p.213.

¹¹⁵ HOLLANDA. *Escolhas*, p.31.

¹¹⁶ ANZALDÚA. *Bordelands/la frontera*, p.42.

A minha luta, a luta de Heloisa sempre foram lutas interiores, a ingenuidade não nos é mais útil para mudar os panoramas que versam no mundo. Dessa maneira, compreendo nossa existência por meio do combate em um processo de escuta atenta de todas as subjetividades femininas, visando o futuro, como outrora dissertou Franz Fanon, *o passado não nos pode guiar na atualidade*¹¹⁷ esse *trabalho* corpo-política-feminino vai em direção ao futuro. Ainda em sintonia com as ponderações de Fanon, não posso ser prisioneira da história, história essa de aniquilação das mulheres, eu sou mulher, *eu sou o meu próprio fundamento é superando o dado histórico, instrumental, que introduzo o ciclo de minha liberdade.*¹¹⁸

Minha/nossas escolhas vão em direção à liberdade e à autonomia de nossos loci de enunciação, de nossos corpos, tendo em vista que estou cansada de despertar “em um mundo onde as coisas machucam; um mundo onde exigem que eu lute; um mundo onde sempre estão em jogo o aniquilamento ou a vitória.”¹¹⁹ Não quero a dualidade, quero a liberdade, quero sentir a dimensão aberta das sensibilidades dos corpos femininos, questionar pelos olhos de mulheres o mundo a minha volta, assim como o autor, “no mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente.”¹²⁰ Não sou prisioneira de projetos globais, recrio-me na fronteira em que vivo, a partir de minha pesquisa sobre uma das maiores intelectuais de estudos feministas deste país colossal.

Meu desejo é sempre ser interrogada por meu corpo feminino da exterioridade, que me representa enquanto ser pensante em um mundo onde as aparências são tudo. Isto posto, que minha consciência descolonial seja o meu/minha opção de vida, sei que *tempestades de pancada, torrentes de escarro escorrem pelas minhas costas*¹²¹, contudo não posso fugir da luta que cravei e escolhi para mim mesma, não me deixarei atolar nas dimensões colossais dessa sociedade preconceituosa que insiste em negar minha existência. Parafraseando a música de Belchior, tenho vinte e dois anos de luta e

¹¹⁷ FANON. *Peles negras, mascaras brancas*, p.186.

¹¹⁸ FANON. *Peles negras, mascaras brancas*, p.190.

¹¹⁹ FANON. *Peles negras, mascaras brancas*, p.189.

¹²⁰ FANON. *Peles negras, mascaras brancas*, p.189.

¹²¹ FANON. *Peles negras, mascaras brancas*, p.190.

de sangue e de América do Sul, pela força desse destino, continuarei seguindo, pesquisando e buscando sensibilizar o outro pela luta que trago *enraizada* em meu peito.

1.8 ESCOLHAS EMERGENTES: por uma sociologia do desprendimento

Tomar distancia no significa descartar o echar a la basura de la historia toda esta tradición tan rica, y mucho menos ignorar las posibilidades históricas de emancipación social de la modernidad occidental. Significa asumir nuestro tiempo, en el continente latinoamericano

SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p.20.

Desaprender não significa esquecer. Significa lembrar de um modo diferente.

Santos. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

Á guisa de conclusão deste trabalho corpo-político, argumento em favor das

epistemologias que emergem do Sul, como modo de resolver os impasses epistemológicos advindos da modernidade e por isso valho-me das epígrafes para ilustrar a discussão que ensejo traçar rumo ao desprendimento. Boaventura de Sousa Santos me introduz a ideia de descolonização por meio da reinvenção do poder, a qual aconteceria por meio do pensamento fronteiriço e culminaria no fim do império cognitivo, contudo, compreendo que ainda é necessário um grande trabalho para que se possa pensar em soluções não-modernas na solução de nossa condição fronteiriça.

O fato é que existem epistemologias hegemônicas que fundamentam todo o pensar ocidental, para a prática descolonial é imprescindível a criação de teorizações outras por meio de metodologias do desconforto¹²², enquanto sentimento ocasionado pela desobediência à forma hegemônica colonial metodológica. Como afirma Boaventura: Meu trabalho e minha pesquisa partem sempre em direção do desprendimento e desconforto, tendo sempre em mente que minha aliada hospitaleira Heloisa Buarque de Hollanda me possibilita pensar na lógica da diferença e ensaiar uma teorização que valorize as margens e fronteiras do conhecimento.

Em consonância com as teorizações de Santos, desaprender não significa ignorar sensibilidades, histórias locais e um passado que moldou o ocidente. Significa tomar uma distância saudável de modo a assumir *nuestro tiempo, en el continente latinoamericano, como un tiempo que revela una característica transional*¹²³. A maioria de nós latinos americanos estamos caminhando de maneira inédita rumo a descolonização, uma vez que compreendemos nosso *lócus* e nosso *bios*, nossas pesquisas e projetos intelectuais ressaltam a opção descolonial e nos dão um horizonte a partir e sobre as fronteiras que atravessam nossas vidas.

As ditas epistemologias do Sul nascem nesse interim de fronteiras, de modo a nos guiar face ao desprendimento das amarras europeias. A metodologia inédita trata

¹²² SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 123.

¹²³ SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.

de reiterar-nos enquanto sujeitos da exterioridade em nossos caminhos descoloniais, como afirma Santos:

La sociología de las ausências y la sociología de las emergencias marcan la distancia con relación a la tradición crítica occidental. A partir de ellas es posible delinear una posible alternativa, a la cual he llamado epistemología del Sur.¹²⁴

Os conceitos de Santos, evocados acima, são importantes para que eu pense em uma metodologia do Sul, tendo em vista que a *sociologia das ausências* assim como outros conceitos com os quais trabalhei, colaboram de maneira magistral para minha linha de raciocínio, haja vista que Santos chama de sociologia das ausências a chance de tornar possível o que foi posto como impossível pelo projeto mundo colonial moderno, ou seja, tornar possível o pensamento fronteiriço. Desse modo, vejo a possibilidade de crescimento de minha própria pesquisa rumo ao fazer descolonial, considerando que as ausências deixadas pela hegemonia moderna não me representam mais.

Ainda na esteira desses pensamentos, evoco para a discussão outro conceito também cunhado por Santos acerca das sociologias das emergências, as quais representam de fato o que eu e minha aliada buscamos fazer por meio da pesquisa acadêmica: pensar em futuros, culturas e políticas que prezem pela vida e que sejam pensadas a partir de locis específicos de enunciação:

La sociología de las emergencias consiste en sustituir el vacío del futuro según el tiempo lineal (un vacío que tanto es todo como es nada) por un futuro de posibilidades plurales y concretas, simultáneamente utópicas y realistas, que se va construyendo en el presente a partir de las actividades de cuidado.¹²⁵

As epistemologias do Sul têm emergência em construir futuros realistas e plurais que representem as exterioridades, minha pesquisa se inclui, nesse contexto, como um modo de *sociologia das emergências*, assim como o trabalho de Heloisa Buarque de Hollanda se constrói na medida em que se faz necessário emergir uma teorização periférica. Somos esse duo-simbiótico ligado por meio das ausências e emergências, o que falta em mim, encontro em minha aliada e vice-versa, juntas trilhamos um caminho rumo a um futuro plural.

¹²⁴ SANTOS. *Descolonizar ele saber, reinventar el poder*, p. 27.

¹²⁵ SANTOS. *Descolonizar ele saber, reinventar el poder*, p. 20.

Finalmente, entendo que esse futuro que ensejo só me é possibilitado graças ao Sul que habito. O desprendimento, a desobediência me são indispensáveis para representar minha condição de mulher fronteiriça, meu corpo que se engasta nessas margens e nessa terra vermelha da fronteira-Sul. Quero me desprender do colonialismo e pensar em possibilidades outras que prezem pela minha vida e pela de Heloisa. Vejo que nós, corpos da exterioridade já avançamos muito rumo ao processo de descolonização, podemos falar, sentir, ser e principalmente nos desprender, como nas palavras de Mignolo: *Si, podemos, debemos y lo estamos haciendo*¹²⁶.

¹²⁶ MIGNOLO. Si, podemos, p. 159.

CAPÍTULO II –
MEMÓRIA DESCOLONIAL:
por uma conceituação fronteiriça

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. **Escrever** é também abençoar uma vida.

LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p.134

2.1 Narrativas da memória: exterioridades femininas

A mulher do deserto
tem espinhos
os espinhos são seus olhos
se te aproximas, te arranha.

A mulher do deserto
tem largas e afiadas garras.

ANZALDÚA. *Borderlands*, s/p.

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguir saber do que nem ao menos sei? assim: como se me lembrasse. Com um esforço de *memória*, como se nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva

LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 385.

As passagens as quais logo na abertura deste capítulo não foram escolhidas por acaso, as escritoras ao seu modo me fornecem o impulso para tecer o fio memorialístico o qual estou buscando. Como toda leitura trabalha na esfera das escolhas, antevejo na esteira de Clarice que a escrita por outro lado, trabalha no campo das lembranças. Tenho diante de mim não só o impulso que preciso para escrever, como também o esforço realizado e ativado por meio da leitura, de modo a desencadear minhas memórias de menina mulher fronteiriça.

Retomando o eu-lírico de Anzaldúa me vejo em uma condição atravessada por meu lócus, não sou do deserto, sou uma mulher da fronteira-sul deste país colossal. Meu corpo sofre, sente e sangra neste chão latino. Minhas garras são afiadas, bem como a teorização que irei propor a seguir acerca de minhas memórias e de outras mulheres-fronteiras que me atravessam e me sopram o fôlego inserindo-se de uma forma indispensável em meu imaginário sensível e intelectual.

Com base no que argumentei até aqui, e tendo em mente meu papel enquanto *crítica biográfica fronteiriça* sei que minhas memórias constituem quem sou enquanto pesquisadora. Desde muito cedo viajo por entre as paisagens desta minha fronteira, aprendi desde muito jovem a colecionar memórias de todas as pessoas, lugares e sentimentos que hora ou outra se fixaram no meu imaginário sensível. Moldando o que Walter Mignolo magistralmente definiu como *histórias locais*, entendo, no entanto, que por vezes a memória trai e se ficcionalizam em lembranças no interior de nossa

existência, por isso irei de maneira sensível narrá-las em confronto com meu *bios* e meu *lócus*, os quais são extremante específicos e relevantes para dar continuidade a toda a teorização que irá se seguir.

Minha vida como um todo é atravessada pelas figuras de grandes mulheres, nas mais belas memórias elas estão presentes, concordo com o poeta Herberto Helder quando diz que “ as mães são as mais altas coisas que os filhos criam”¹²⁷ eu não sou exceção a essa afirmação, ao contrário da mão, penso que a mais alta coisa que criei foi minha avó. Minha memória não difere, quero narrar um pouco de como esta pesquisadora menina-mulher-fronteira se forma em consonância com outras mulheres da exterioridade.

Assim, ao me enveredar pela escrita da memória, não posso deixar de dar destaque a duas figuras importantes que ocupam um lugar especial não só neste trabalho, mas na minha vida como um todo. A primeira se trata de minha matriarca, como mencionado anteriormente. A segunda, Heloisa Buarque de Hollanda. É a partir da autobiografia *Escolhas* (2009) que me constituo enquanto pesquisadora e posso pensar melhor acerca do lugar de onde erijo minhas teorizações. Nesse sentido, devo deixar claro que Heloisa não se constitui para mim somente enquanto objeto de estudo, nos constituímos como *díviduos, aliadas hospitaleiras, dois em um*.

Nesse sentido, os conceitos evocados a cima, merecem uma justificativa por se tratarem de uma mudança de paradigma para com a lógica moderna ocidental sujeito x objeto. Prefiro adotá-los em minhas teorizações por pressupor uma aproximação da ordem do *bios* entre crítico e obra, neste caso Nathalia/ Heloisa. A dimensão afetiva das teorizações contribui para descolonizar as barreiras imperiais propostas pela lógica moderna. Juliano Garcia Pessanha define o uso dos termos da seguinte maneira:

Falar de indivíduo e de sujeito elide o *divíduo*: o indivíduo nasce do *divíduo*, nasce das visitas e das lentas estadias de hóspedes duradouros. A própria interioridade humana é o precipitado de um encontro.¹²⁸

¹²⁷ HELDER. *Poesia toda*, s/p.

¹²⁸ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 72.

Como proposto por Pessanha, percebo que ao falar de Heloisa, falo de mim, o precipitado de nosso encontro mesmo que seja de maneira metafórica, se enraíza em minhas memórias e me constitui enquanto pesquisadora. É através deste pacto realizado no interim de minhas teorizações fronteiriças que toco e sou tocada de maneira singular pelas elucubrações da intelectual paulistana. O fato é que quando penso estar escrevendo sobre a autobiografia de Heloisa, na verdade teço minha própria autobiografia, minhas próprias memórias, como outrora afirmou Piglia: “A crítica é a forma moderna da autobiografia. A pessoa escreve sua vida quando crê escrever suas leituras.”¹²⁹ Dessa forma, sustento meu trabalho enquanto crítica, de quem se dispõe a investigar vidas alheias e teorizar sobre suas/nossas memórias.

Quero propor uma discussão acerca das narrativas de minhas/nossas memórias fronteiriças, as quais estão pautadas na exterioridade dos grandes saberes hegemônicos. Seguirei um *paradigma outro*¹³⁰ por compreender que somente a partir de um pensamento crítico articulado entre minhas relações biolocais (*bios* + *lócus*) poderei teorizar acerca das memórias fronteiriças que atravessam minhas histórias e sensibilidades locais que há muito vêm sendo ignoradas pelo projeto mundo colonial moderno. Para tanto, me deterei em conceitos que irão tratar de ressaltar e pontuar a importância das memórias fronteiriças para o fazer descolonial. Me deterei em conceitos como: *Exterioridade*, *memórias subalternas latinas*, *história local*, *desobediência epistêmica*, *herança* e *arquivo*. Conceitos esses abalizados por autores como: Edgar Cézar Nolasco, Walter Mignolo, Giuliano Facundo, Boaventura de Sousa Santos, Eneida Maria de Souza, Juliano Garcia Pessanha, Jacques Derrida, Hugo Achugar, entre outros que irão aparecer ao longo da escrita.

¹²⁹ PIGLIA. *Formas breves*, p. 118.

¹³⁰ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 23.

2.1.2 A língua de Eulália: uma breve história de rê-existência

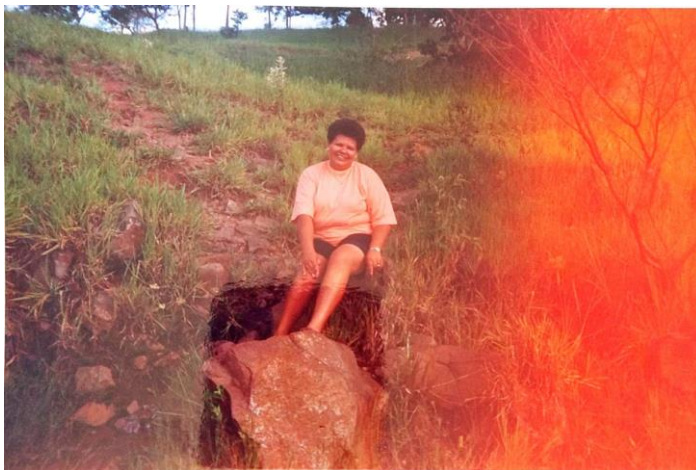


Figura 4 – Uma foto-epígrafe de Dona Eulália sentada em meio as paisagens fronteiriças de Sidrolândia. A imagem funciona como primeira exumação de minhas memórias com minha avó e faz toda a diferença para a teorização a seguir. Minha mulher cacto/fronteira, exemplo de uma vida toda.

Fonte: Acervo pessoal.

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora

ANZALDÚA. *Falando em línguas*, p. 230.

É com base nas epígrafes que tento vasculhar em minha memória o início da vida de minha avó, uma clássica mulher fronteiriça, nascida e criada nos arrabaldes de Sidrolândia – Mato Grosso do Sul, em uma fazenda que talvez já nem exista mais. Estou dando destaque a figura de minha avó, pois vejo sua trajetória de vida como o que outrora Mignolo chamou de *desobediência epistêmica*¹³¹. Como demonstrado pela foto que elenquei logo na abertura deste subtítulo, meu desejo é demonstrar como minha Maria se constrói em ressonância com as paisagens verdes do cerrado, em conjunto com a terra vermelha de nossa fronteira. Quero incorporá-la nesta minha trajetória enquanto pesquisadora, por entender que me construo em ressonância com a figura materna que ela me evoca desde sempre.

Em seu texto “Desobediencia epistêmica”, Mignolo afirma que a *opção descolonial demanda ser epistemicamente desobediente*¹³² como até aqui defendi que

¹³¹ MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 287.

¹³² MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 323.

as memórias da exterioridade estão atreladas a um conceito maior que é a opção descolonial, não poderia deixar de lado a desobediência. É nesse sentido que minhas memórias com minha avó irão se inserir no prisma da exterioridade.

Agora mais do que antes, evocando a sensibilidade de minhas memórias, quero dizer que a trajetória de desobediência de minha avó, se inicia aos 20 anos quando se forma professora, como uma alternativa para fugir do que lhe foi imposto desde muito jovem, ser empregada doméstica das grandes casas de fazendeiros e comerciantes de Sidrolândia. Fato esse que era comum, pois minha avó, índia, não poderia ter outro ofício que não servir os grandes donos de tudo. Mas quem diria, se tornar professora em meados dos anos 70? Como nas palavras magistrais de Anzaldúa, seguido pelo conceito de Mignolo, quem deu permissão para que ela pudesse praticar tal ato?

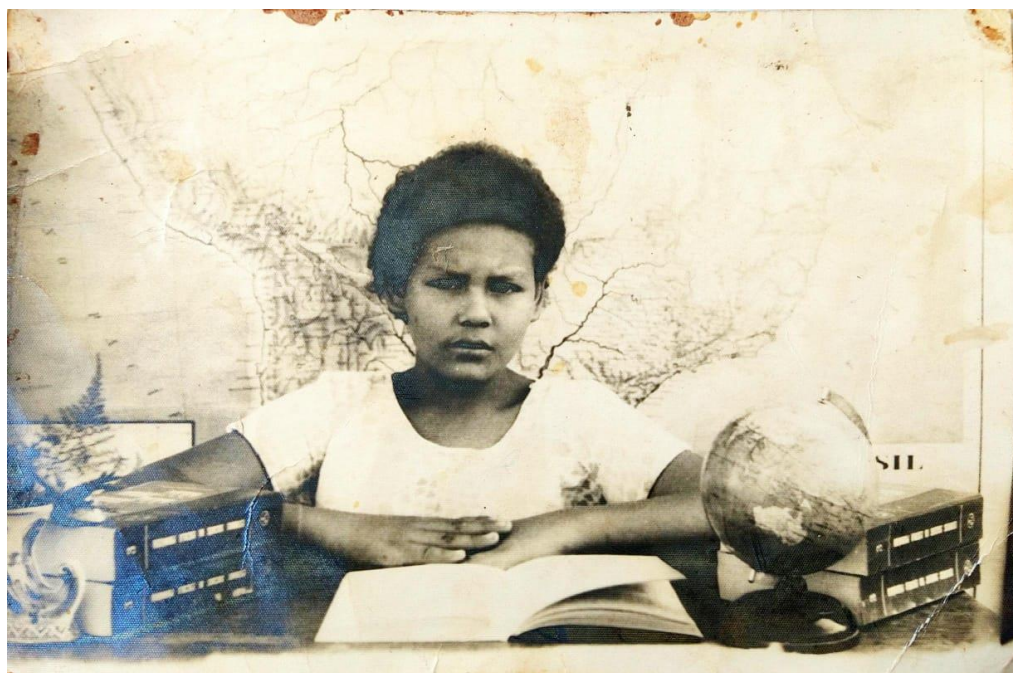


Figura 5– Minha matriarca em foto tirada na escola. Uma foto simbólica que marca o início de uma vida de re-existências nessa fronteira sanguinolenta.

Fonte: Acervo pessoal.

A partir da foto exposta, retirada do baú de um desses baús que toda avó tem e que guardam memórias, intento narrar a história de minha matriarca, por entender que sua vida corrobora para minha teorização acerca do que estou chamando de desobediência epistêmica. Ao ir contra o que sempre lhe foi imposto, Dona Eulália mesmo que sem saber já praticava um ato de desobediência em favor da opção descolonial. Na esteira de Mignolo, não só fez o que era preciso para resistir, mas para

re-existir enquanto ser humano sensível, como uma forma de mudar o paradigma que outrora lhe fora imposto. Em “Desafios decoloniais hoje”, o autor argentino argumenta em favor da re-existência da seguinte maneira:

A sociedade política globais está constituída não por milhares, mas por milhões de pessoas que se agrupam em projeto para ressurgir, reemergir e re-existir. Isto já é não só resistir, porque resistir significa que as regras do jogo são controladas por alguém a quem resistimos.¹³³

Como posto por Walter Mignolo, acredito que minha avó também faz parte destas milhares de pessoas que buscaram formas de ressurgir, reemergir e re-existir. Procurando sempre por alternativas que se projetassem para o futuro, mesmo com todos os desafios imbricados em sua escolha, ela de modo ou outro conseguiu resistir as amarras coloniais as quais impõe que indígenas devem sempre estar controladas pelas amarras patriarcais. Vasculhando minhas memórias, percebo que bem antes de me ater a dimensão das teorizações descolonais, tive um exemplo de mudança de paradigma dentro de minha própria casa, minha vó, essa mulher fronteira que me ensinou a ler dentro de nossa modesta casa do interior e que me sopra o folêgo de vida e me ensina que o caminho é a desobediência, é por meio da figura dela que compreendo uma vez mais que a opção descolonial é uma opção de vida, a qual preza pela minha vida e de meus aliados.

¹³³ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.



Figura 6 – Retrato jovem de minha avó quando iniciou o magistério. Aqui já dava sinais de desobediência em meio a terra vermelha onde nos enraizamos e desobedecemos ao paradigma moderno.

E por que me ative sensivelmente a exumar essas memórias? Como afirma Nolasco: *É a soma de tudo isso que vai resultar em uma epistemologia específica dos lugares subalternos.*¹³⁴ Estou plenamente de acordo com as palavras de Nolasco, a soma destas sensibilidades memorialísticas causa em mim uma impressão biográfica, é através destas memórias, bem como de minha avó que me tornei a pesquisadora que sou hoje. Se estou aqui é graças ao apoio e incentivo desta mulher fronteiriça.

¹³⁴ NOLASCO. Memórias Subalternas latinas, p. 67.

2.1.3 Ser – um – no- outro: Duetos originários do eu

Por uma questão de tempo e oportunidade, abro mão da minha dignidade e vou contar apenas uma fatia da minha vida, aquela que pertence à minha origem em Letras.
HOLLANDA. *Onde é que eu estou?*, p. 64.

[...] nasce criativamente do encontro com aliados íntimos [...] nas quais o encontrado é uma criação minha, que simultaneamente me constitui e me cria, que emerge o repertório existencial e o si mesmo.
PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 115.

As passagens que escolhi para ilustrar a narrativa memorialística que irá se seguir, representam muito bem como me sinto em escrever sobre minha aliada Heloisa, e assim como ela, por uma questão de oportunidade iriei contar de maneira sensível minha trajetória enquanto pesquisadora, que não por acaso nasce do precipitado de meu encontro com Heloisa. Criando meu repertório intelectual e se constituindo como o que me escapa na completude de minhas memórias.

Ao iniciar a narração de minhas *memórias subalternas latinas*¹³⁵, devo começar dizendo o motivo de minha existência enquanto pesquisadora: Heloisa Buarque de Hollanda, há cinco anos me debruço em pesquisar sua autobiografia intelectual *Escolhas* (2009) e não por acaso, se trata de um memorial. O que de fato é

¹³⁵ NOLASCO. *Memórias Subalternas Latinas*, s/p.

imprescindível para a teorização de minhas memórias, pois estudar Heloisa me possibilita ser quem sou enquanto pesquisadora e mais ainda, marcar meu lócus enunciativo. Na foto que se segue vejo uma vez mais minha primeira comunicação enquanto pesquisadora, ainda muito nervosa e tímida me propus a aceitar o desafio de pensar sobre meu bi lócus.

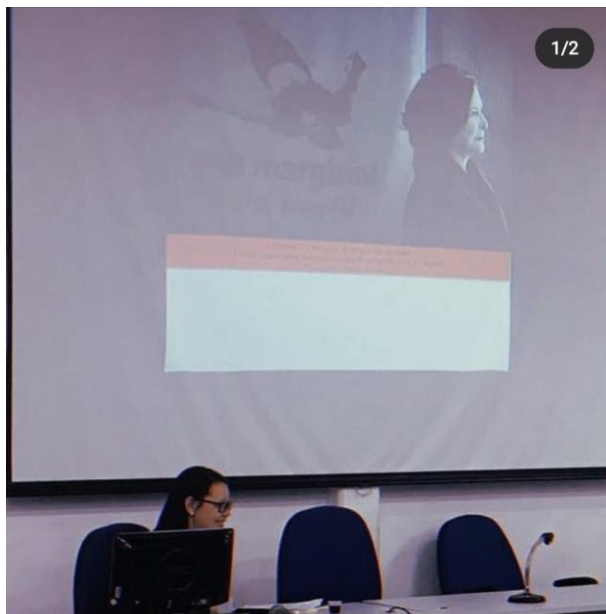


Figura 7– Foto de minha primeira comunicação enquanto pesquisadora pelo PIVIC/CNPQ, o começo de uma jornada de estudos e apresentações. Como estou escrevendo sobre memórias, ao rever esta imagem, me lembro do professor Edgar Nolasco me dizendo ao final de minha apresentação a seguinte fala: “Onde falta Heloisa, Nathalia preenche, onde falta Nathalia é Heloisa quem preenche”. E assim começo a me construir em consonância com minha aliada, nos completamos em nossas faltas e diferenças desde 2017.

Fonte: Acervo pessoal

Com base nas faltas e preenchimentos as quais menciono a cima, vejo que a preocupação de Buarque de Hollanda em teorizar sobre as periferias e margens deste país, ao passo que se distancia de meu lócus fronteiriço também me complementa, teorizamos acerca de periferias distintas, mas ao fazê-lo estamos prezando pelos corpos, sensibilidades e histórias locais que foram relegadas ao esquecimento pela matriz hegemônica de poder. Ganhamos na diferença neste caso, pois ao teorizar sobre as exterioridades presentes do Rio de Janeiro, Heloisa endossa minha própria discussão acerca do local em que habito, minha própria exterioridade enquanto pesquisadora que sofre, sente e vive na fronteira -Sul de mato grosso do Sul, dessa maneira não só ocupo meu lugar enquanto crítica biográfica fronteiriça, mas faço também o que Edgar Nolasco

chamou de *reinserção do bios e do lócus no cerne de minha discussão*¹³⁶

Além de pesquisar academicamente sobre o projeto da autora, a vejo como uma amiga espectral, a qual faz parte de minhas memórias, de modo a moldar minhas *experivivências*¹³⁷. Entendo que Heloisa me permite como afirmou Bessa- Oliveira: *reconhecer como um corpo que compõe e é composto de suas histórias, memórias e lembranças e experivivências*¹³⁸

Nesse sentido, recordo de Outubro de 2017, como uma clássica menina vinda do interior desta fronteira que me atravessa, toda tímida tive a coragem e perguntei ao professor Edgar César Nolasco se poderia fazer parte de seu grupo de pesquisa. O NECC (Núcleo de estudos culturais comparados), não poderia ter tido hora melhor para tal questionamento, mesmo sem saber ali nasceria uma pesquisadora, é nesse sentido também não posso de deixar de frisar a importância do grupo de pesquisa para meu crescimento intelectual, as discussões evocadas ali naquele ambiente, me moldaram e moldam até hoje Perguntei pois após apresentar um seminário sobre o projeto intelectual de Heloisa Buarque de Hollanda, naquele momento nasceu uma identificação da ordem da vida. Uma vontade de investigar vidas alheias e tecer teorizações.

¹³⁶ NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira – Sul, p. 30.

¹³⁷ BESSA-OLIVEIRA. Pedagogias da diversalidade, p. 62

¹³⁸ BESSA-OLIVEIRA. Pedagogias da diversalidade, p. 78.



Figura 8 – Uma lembrança com meu orientador/aliado hospitaleiro, sem a figura de intelectual sensível possibilitada por Edgar Nolasco não seria um terço do que sou. Pensar na fronteira e para além delas também é ser grato e professor, o senhor tem a minha admiração e gratidão. Fonte: acervo pessoal

Dou um espaço de destaque para meu orientador por compreender a importância do fazer_comunal há muito evocado por Mignolo, as discussões dentro e fora do NECC contribuíram em muito para que minha teorização chegasse até aqui. Mais uma vez vejo a importância de nossos aliados em nossas *experivivências*, eu, felizmente conto com um díviduo hospitaleiro, orientador, intelectual. Edgar também me ensinou que toda leitura/teorização implica em escolhas, nesse sentido, juntos construímos memórias e teorizamos sobre nossa fronteira-Sul lugar onde escolhemos habitar.

Desde então, as escolhas de Heloisa vêm moldando minhas próprias escolhas, ao passo que somos aproximadas por nossas diferenças. Minhas memórias que emergem e existe entre-fronteiras são escritas a partir da exterioridade dos saberes, com base em uma epistemologia fronteiriça fundada de um lugar específico, a fronteira sul, como assevera Nolasco: *a possibilidade da escolha, assim como eu mesmo estou tendo agora quando leio, penso e escrevo que a exterioridade se converteu em numa questão para mim.*¹³⁹

¹³⁹ NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 49

Respalhada por Nolasco, compreendi que a exterioridade tanto se tornou uma questão para mim que sou capaz de afirmar que sem a consciência de meu corpo fronteiriço, minhas teorizações acerca do projeto de Heloisa não existiriam. A partir de minha concepção de mulher fronteiriça, entendo que só posso teorizar acerca de memórias por meio da exterioridade que habito, pela fronteira que me roça (Anzaldúa) e me atravessa. Memórias constituem o imaginário sensível do sujeito pesquisador, para tanto me lembro do celebre conceito de Boaventura de Sousa Santos, *corazonar*, o qual pressupõe a razão guiada pelo coração, pelas sensibilidades locais. Santos pondera:

Conceber o *corazonar* como uma emergência é vê-lo na expressão do híbrido alquímico emoções/afetos/razões, o sentir/pensar inscrito nas lutas sociais. Nessa perspectiva, o *corazonar* é muito semelhante à ideia de “sentipensar” [...] Significa o modo como ocorre a fusão das razões e emoções, dando origem a motivações e expectativas capacitadoras.¹⁴⁰

Quero ir além na proposição de Santos, por entender que ao *corazonar* as teorizações de Heloisa Buarque de Hollanda em minha própria vida, dou origem não só a motivações e expectativas, mas a memórias moldadas no interim de nossas semelhanças na diferença. Nolasco já afirmou que uma pesquisa tem alma, tanto tem que minhas memórias não se limitam somente ao campo das teorias, elas estão incrustadas em meu corpo fronteiriço, nesse alquímico do qual Boaventura fala. Por *corazonar* as minhas memórias e as de minha aliada, na esteira de Santos, Heloisa deixa de ser desconhecida, distante e se torna mais próxima de mim, possibilitando o compartilhamento e a *intercorporiedade* de nossas memórias e teorizações.

Onde quero chegar é na dimensão teórico- crítica - política do corpo e das memórias fronteiriças, escolhi Heloisa para poder teorizar acerca de sua vida como todo, exercendo desse modo o trabalho da crítica biográfica fronteiriça que se constrói como condição indispensável de minha atividade enquanto pesquisadora. Ao teorizar sobre as memórias que constroem a vida de minha aliada como intelectual, acabo demarcando com propriedade minhas memórias advindas de um lócus específico. De fato, *lugares fronterizos também produzem memórias outras e cuja epistemologia fronteriza para*

¹⁴⁰ SANTOS. Corpos, conhecimentos e corazonar, p. 153

*compreendê-las advém de seu próprio lócus ex-cêntrico.*¹⁴¹ A epistemologia elencada aqui para narrar minhas memórias e consequentemente as de minha aliada, advém da exterioridade, da razão subalterna e das experiências que vivo em minha fronteira. Em livro recentemente lançado, Heloisa afirma que:

A articulação das mulheres pela memória, através da qual se conectam, se identificam e produzem uma proposta de consciência diferencial que toma o lugar da consciência identitária. É nessa consciência diferencial que talvez tenhamos a chave para derrubar o muro entre mulheres das periferias[...] e aprofundar uma política do bem viver.¹⁴²

Há muito Heloisa vêm escrevendo sobre urgência de se pensar em uma articulação feminina pelo crivo da memória, posso afirmar que este é meu intento nesse trabalho. Estou articulando as falas, escritos e teorizações de Heloisa como um modo de se criar uma memória compartilhada por nós mulheres. Ao passo que possuo a consciência de que nossos loci são distantes geograficamente, mas é justamente nessa diferença que ganho e faço mais uma vez minha opção de vida em relação a exterioridade dos saberes.

Assim, ao me enveredar pela escrita das memórias compartilhadas por sujeitos femininos, antevejo o que Heloisa propôs como uma forma de *fazer comunal*, exposto antes por Walter Mignolo Fazer junto, o que possibilitaria uma melhor reinserção das histórias e memórias locais. Contudo, elencar a opção descolonial, bem como o fazer comunal como proposta para se pensar nas memórias da exterioridade não é tarefa fácil. A opção descolonial demanda desobediência, bem como um paradigma outro que não se assente nas noções modernas de se fazer teoria e exumar memórias. Como diria Pessanha, *meus livros guardam a memória*¹⁴³, é por meio da leitura de autores como Nolasco, Mignolo, Boaventura, que posso chegar ao esboço que se seguiu até aqui, uma teorização memorialista de cunho fronteiriço, a qual emaranha minhas vivências e as de Heloisa, articulando assim o que quero chamar de *memória comunal feminina*, assentada sobretudo na exterioridade dos saberes universais, na contramão do mundo moderno, como uma forma de re-existência de corpos femininos.

¹⁴¹ NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 68

¹⁴² HOLLANDA. Pensamento feminista, hoje: perspectivas decoloniais, p. 29 (grifos meus)

¹⁴³ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 19

Escrevo a partir de minha ferida, a fronteira-sul, escrevo como forma de sanar as eventuais dúvidas que possam aparecer acerca da epistemologia que elegi para teorizar sobre minhas memórias, o fio memorialístico que estou recendo é possibilitado pelo precipitado de meu encontro com textos e conceitos celebres para o fazer decolonial, por meio do *corazonar* de Santos e da *intercorporiedade* que grassa em Pessanha. Todos os autores lidos por mim até aqui se tornam aliados hospitaleiros de meus escritos e se fazem presente na forma de espectros, companhias e amizades eletivas nesta narrativa. É através da leitura que sou capaz de tecer minha escrita e de narrar minhas memórias e as de Heloisa, mesmo que de forma metafórica, espectral. Como dito por Juliano Garcia Pessanha: *“Se o um emerge do dois, e a própria interioridade humana é o precipitado de escavações e do mergulho de outros em mim, é mais apropriado não falar de indivíduo, mas de divíduos.”*¹⁴⁴.

Ainda na esteira dessa argumentação, mais do que antes, hoje compreendo que nos construímos no campo do outro, nas relações que mantemos entre si, nas política da amizade, da intelectualidade, a memória nos trai, as vezes é presença, por vezes ausência. Contudo, respaldada por Adriana Amaral, sei que as narrativas, bem como a escritura são um amontoados de traços e marcas que o outro deixa em nós. “Traços que marcam sua presença com uma ausência, a ausência do que já passou e com isso inauguram sempre, a toda hora, uma nova origem, em um presente que se renova a todo instante.”¹⁴⁵

De acordo com Amaral, infiro que os traços de Heloisa Buarque de Hollanda perpassam não só minha pesquisa, mas se projetam no campo da vida, essa teorização que emerge do dois, assenta-se no presente, contudo, narra feitos de minha aliada que ficaram em seu passado e para isso escrevo suas memórias como as minhas, pois se nos constituímos no campo no outro, o passado de Heloisa molda minha pesquisa, tornando-se memórias escavadas em direção ao futuro, pois, na ótica do fazer comunal

¹⁴⁴ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 114.

¹⁴⁵ AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 31

também são minhas memórias. E é justamente por isso que seus traços de vida e memórias são tão caros a minha pesquisa.

Adriana Amaral afirma que *a memória na verdade mostra que o passado falta e abre a possibilidade de repetição, sempre em diferença, no futuro*.¹⁴⁶ Dito isso, minha escrita corrobora para a possibilidade de repetição das memórias esquecidas de minha aliada, ressaltadas as diferenças, escrevo o que foi esquecido, o que falta em Heloisa Buarque de Hollanda, ao fazê-lo me constituo uma vez mais enquanto crítica biográfica fronteiriça, investigadora de vidas alheias.

Por conseguinte, escrever é uma forma de atualizar a memória, até aqui procurei expor a importância do projeto intelectual de Heloisa para minha teorização, bem como narrei memórias que fazem parte de minha vida como um todo e que há muitos estavam guardadas no espiral da memória. Pesquisar é fazer com que a memória seja reatualizada por meio da escrita do crítico, contudo, não pude deixar de lado que a crítica biográfica fronteiriça e a opção descolonial se constroem como opção única para meus escritos, afinal sou uma mulher fronteiriça, que vive com os pés enrustados nessa terra vermelha, terra de minha avó, terra terena, todas essas heranças se constroem como minhas sensibilidades biogeográficas, e mais, se tornam memórias exumadas do passado em direção ao presente. Nolasco afirma que *as narrativas não nascem apenas dos esquecimentos arquivados na consciência subalterna, como também das memórias outras enterradas vivas*.¹⁴⁷

Dito isso, a fronteira que habito possui memórias, corpos enterrados vivos e que necessitam ser exumados, para tanto os autores que chamei para essa conversa epistêmica contribuem para que essas memórias venham a superfície do presente. Tudo que leio, estudo e escrevo é hospedado em meu corpo por meio do *pacto pneumático*¹⁴⁸, *minha pesquisa se converte em uma opção de adentrar o mundo, adentrar as esferas fronteiriças que estão para além do lado escuro da colonialidade. Faço minhas mais uma*

¹⁴⁶ AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 32

¹⁴⁷ NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 69

¹⁴⁸ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 72

*vez as palavras de meu orientador, quando diz: “Tratar de memórias biográficas alheias e de arquivo da exterioridade, tratar de histórias locais, pode ser um meio de o crítico angariar um direito epistêmico de poder falar desse lócus do fora.”*¹⁴⁹

A guisa de conclusão, no início deste texto busquei mostrar o porque é imprescindível para meu trabalho tratar de memórias da exterioridade, tratar de memórias alheias. Ao tecer essa rede de relações ativadas por meio das memórias, as incluo como prática da razão subalterna que me atravessa, porque assim repenso minhas memórias e desaprendo o aprendido pelas grandes teorias memorialistas modernas que durante muito tempo foram hospedadas e aceitas como modo único de conhecimento intelectual. A crítica biográfica fronteiriça se fez presente neste texto corpo- política de modo a se consolidar como mais que um prática teórica, mas como uma opção de vida, uma escolha que fiz enquanto crítica biográfica, permitindo que eu me construa em ressonância com as vidas alheias que pesquiso, no caso, Heloisa Buarque de Hollanda, graças a província da intimidade, das memórias e das fronteiras, como dito outrora pelo filósofo *começo girando e me adensando sobre um outro que sou eu mesmo, então meu corpo se estende e se esparrama pelo mundo*¹⁵⁰.

Me esparro pelo meu mundo memorial-fronteiriço, através de meu corpo e de minha aliada, pelas conversas com grandes autores, moldo minha teorização e minhas memórias. Faço parte deste lugar, que me acolhe, me respalda e me insere no mundo por meio de minhas histórias locais, assim como Nolasco, esse chão latino *permite minha inscrição como sujeito da fronteira-sul da qual eternamente farei parte, mesmo depois de minha morte.*¹⁵¹

¹⁴⁹ NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira- Sul, p. 29

¹⁵⁰ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21.

¹⁵¹ NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 87

2.2 (Des)arquivar memórias aliadas da fronteira – sul

Começo pelo arquivo, pelo conceito e pela palavra, na tentativa de querer abrir o arquivo da exterioridade, se é que é possível abrir tal arquivo, falar dele, ou só se pode falar a partir dele, de-dentro dele, como assim o devemos fazer diante do próprio pensamento fronteiriço.

NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-Sul, p. 77

Se impõe a necessidade de um ou vários arquivos, acessíveis no espaço cibernético da memória literário-cultural do continente. Precisamos estabelecer as condições para elaborar um discurso sobre nós mesmos.

PIZARRO. A américa latina como arquivo literário, p. 357.

Escolhi fragmentos de meu arquivo literário propositalmente para teorizar sobre o conceito de arquiviolítico, proposto pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida, o arquivo é fundamental para a discussão que irá se seguir acerca da exumação das memórias subalternas latinas. Quero desarquivar minhas memórias e as de Heloisa Buarque de Hollanda, por compreender que nosso projeto intelectual está assentado na exterioridade do império cognitivo, para tanto, devo entender o que o arquivo significa e teorizá-lo de modo outro com base em meu corpo que vive nas fronteiras dos saberes

modernos , Derrida define o conceito como:

Não comecemos pelo começo nem mesmo pelo arquivo. Mas pela palavra "arquivo" — e pelo arquivo de uma palavra tão familiar. *Arkhe*, lembremos, designa ao mesmo tempo o começo e o comando. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, ali onde as coisas começam — princípio físico, histórico ou ontológico —, mas também o princípio da lei ali onde os homens e os deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada.¹⁵²

Estou trazendo a definição de arquivo por entender que a partir do conceito de Derrida posso pensar em meu arquivo da exterioridade. Porém, quero problematizar alguns aspectos do arquivo proposto inicialmente, por este se referir aos homens, brancos, europeus, homens/deuses, donos de tudo. O problema ainda se agrava quando penso na seguinte questão: ora se os donos de tudo detêm o arquivo, o qual detém memórias, eles detêm por consequência nossa vida? Haveria alguém pensado no arquivo dos sujeitos latino americanos? O arquivo ocidental de Jacques Derrida contempla a diferença colonial? São essas e outras indagações que irei buscar responder ao longo de minha escrita. Além disso quero pensar em arquivo da exterioridade, o qual irá em direção da opção descolonial e do pensamento_fronteiriço como forma de desarquivar nossas memórias soterradas pelo lado mais escuro da colonialidade.

O lócus enunciativo de Jacques Derrida, acaba por não encampar a discussão acerca do arquivo da exterioridade, haja vista que as memórias e sensibilidades locais da exterioridade foram encobertas pela colonização. Cito mais uma vez Derrida:

‘Arquivo’ é somente uma *noção*, uma impressão associada a uma palavra e para a qual Freud e nós não temos nenhum conceito. Temos apenas uma impressão, uma impressão que insiste através do sentimento instável de uma figura móbil, de um esquema ou de um processo in-finito ou indefinido.¹⁵³

Nesse sentido, se o arquivo se constrói somente como uma impressão, esta impressão a qual se refere o filósofo trabalha no campo de suas sensibilidades, modernas por excelência. Já o arquivo da exterioridade demanda um *paradigma outro* para referenciar Walter Mignolo, haja vista que nossas impressões estão crivadas pela diferença colonial e acabam por sofrer um mal de arquivo radical.

¹⁵² DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 11

¹⁵³ DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 44

Me assento na noção proposta por Mignolo por entender que o projeto de Heloisa Buarque de Hollanda, assim como minha pesquisa se constroem como *uma forma crítica de pensamento emergente na américa latina*¹⁵⁴, o qual não endossa o arquivo moderno, pelo contrário, propõe a exumação de memórias por meio de um arquivo outro que reúne os corpos e as histórias locais da exterioridade. Minha aliada, ao realizar projetos com os sujeitos marginais, colabora para a criação do arquivo da exterioridade, pois a produção da margem funciona como exumação das memórias subalternas latinas. Por outro lado, quando teorizo acerca do projeto de Heloisa Buarque, também exerço meu papel de arconte fronteira desarquivando minhas memórias latinas há muito oprimidas pela colonialidade, como afirma Nolasco: *abrir o arquivo oprimido para que tais memórias saiam de seu letárgico esquecimento e ocupem seu lugar de direito na cultura do presente.*¹⁵⁵

Dado o exposto, um arquivo moldado em uma impressão moderna não da conta de abarcar minhas sensibilidades e as de Heloisa, haja vista que trabalhamos com sujeitos da exterioridade, somos mulheres, pesquisadoras. Nossas histórias são crivadas pela diferença colonial, habitamos um país colonizado que sente e pensa a partir de fronteiras. O arquivo da exterioridade deve se abrir em direção *há vários futuros possíveis, há diversalidade como projeto universal*¹⁵⁶

Refletir acerca de um arquivo da exterioridade, demanda sobretudo desobediência epistêmica e desprendimento, uma vez que escolhemos desobedecer as impressões modernas em prol de um arquivo *não-moderno*. Nessa direção, a opção descolonial está diretamente atrelada a minha teorização acerca das impressões arquiviolíticas fronteiriças, haja vista que somente uma epistemologia crivada pela descolonialidade pode dar conta de minhas sensibilidades.

Argumentar o 'não-moderno' requer uma prática de desprendimento e do pensar fronteiro, para, assim, legitimar que outros futuros mais justos e igualitários possam ser pensados e construídos para além da lógica da colonialidade constitutiva da retórica da modernidade¹⁵⁷

¹⁵⁴ MIGNOLO. Um paradigma outro, p. 20 (tradução minha)

¹⁵⁵ NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p.142

¹⁵⁶ MIGNOLO. Um paradigma outro, p. 23

¹⁵⁷ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25

Reiterando Mignolo, pensar em um arquivo da exterioridade, que seja não moderno, demanda desprendimento, haja vista que este é o cerne da epistemologia fronteiriça, a retórica da modernidade onde se assenta teóricos como Jacques Derrida a exemplo não constitui um horizonte de expectativas para quem *ocupa a morada da exterioridade por excelência no mundo*¹⁵⁸. É no sentido de prezar pelos projetos intelectuais de autores como Heloisa Buarque de Hollanda que a criação de um arquivo da exterioridade se faz urgente, haja vista que a intelectual trabalha *a partir* das margens brasileiras e habita um lugar periférico por excelência, perante os grandes países hegemônicos, os quais concebem o Brasil como periférico, terceiro mundo e detentores de uma língua menor. Trazendo essa reflexão para o âmbito fronteiriço, Nolasco afirma que:

Pode não haver arquivo sem exterior, a partir do momento que a epistemologia fronteiriça, por exemplo, valer-se de uma opção descolonial e desobedecer epistemicamente a perspectiva moderna que teima em acreditar ainda como soberana diante das diferenças coloniais e dos discursos outros que grassam no mundo atual.¹⁵⁹

A afirmação de Nolasco me faz refletir que o arquivo da exterioridade é o lugar destinado a minhas memórias subalternas latinas, bem como as de Heloisa, ao desobedecer a impressão que moderna de arquivo criada pela interioridade, minhas memórias são exumadas em direção há um futuro justo e igualitário, o qual represente minha vida na fronteira que habito, meus projetos intelectuais e de minha aliada.

Pensando nisso, entendo que um arquivo da exterioridade precisa necessariamente estar assentado na diferença colonial, para parafrasear Heloisa o *confronto ou a percepção da diferença tem uma longa trajetória*¹⁶⁰, com certeza a trajetória para consolidar uma epistemologia é árdua e só pode ser realizada a partir de uma prática da *razão subalterna*, a qual está presente no bojo da teorização crítica biográfica fronteiriça pois é a partir de uma prática teórica outra que melhor me construo em quanto pesquisadora e investigadora de vidas alheias, para tanto, Nolasco infere que *a razão subalterna funciona como um reconceitualização dos conceitos, bem como as*

¹⁵⁸ NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira sul, p. 28

¹⁵⁹ NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira sul, p. 29

¹⁶⁰ HOLLANDA. *Onde é que eu estou?*, p. 157

*narrativas e as memórias históricas cristalizadas na cultura.*¹⁶¹

Sendo assim, a razão subalterna é cara a minha teorização, pois é a partir dela que consigo pensar em uma resposta as indagações feitas anteriormente neste subtítulo, bem como em uma resposta a hegemonia do império cognitivo. A partir de uma prática subalterna aquilatada pela desobediência e pelo desprendimento, posso inserir meu lócus enunciativo e melhor articular minha teorização fronteiriça. Além do mais, devo me reportar uma vez mais a Heloisa neste interim, por compreender que seus estudos com as comunidades do Rio de Janeiro, com os poetas marginais e sua condição de intelectual mulher brasileira, são características que demandam refletir acerca de uma epistemologia descolonial, como afirma Mignolo *a partir da fronteira e sobre a perspectiva de subalternidade*¹⁶²

A trilha seguida por Heloisa Buarque de Hollanda durante seus mais de 50 anos de carreira, trata de reiterar seu caráter de desobediência epistêmica, hoje, se inserem como memórias para um futuro igualitário, quando a autora pensa em trazer os corpos da exterioridade para dentro de suas teorizações através da criação da universidade das quebradas a exemplo, acaba por realizar um movimento de reflexão crítica periférica, a qual colabora para descentrar os saberes modernos e romper com os paradigmas conceituais totalizantes. Pensar nos projetos de Heloisa e elenca-los aqui faz toda a diferença para minha teorização, uma vez que os narro já fazem parte de minhas memórias e assim irão ressoar em direção a consolidação do arquivo da exterioridade.

Falar da carreira da intelectual paulistana é abrir um arquivo e construir meu próprio com base no descolonial, ativado e compartilhado por meio das leituras que venho desenvolvendo ao longo de quatro anos. Como afirmou Ana Pizarro: “Como uma evidência da necessidade de articular os arquivos na América Latina, permito-me transmitir minha experiência de pesquisa.”¹⁶³ As memórias, livros, projetos os quais estou narrando aqui e compartilhando com quem eventualmente irá se tornar meu leitor,

¹⁶¹ NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira sul, p. 31

¹⁶² MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.

¹⁶³ PIZARRO. A América Latina como arquivo literário, p. 359

se constituem como uma manifestação do exercício crítico biográfico fronteiriço na tentativa de exumar nosso arquivo da exterioridade.

Neste prisma, compreendo que narrar memórias contribui para exumação de meu arquivo da exterioridade, bem como valora minhas histórias locais. Tendo em vista o trabalho atribuído ao crítico biográfico de investigar outros mas vidas mas, sobretudo demarcar com propriedade o lócus enunciativo de quem se dispõe a pesquisar. Meu caso não difere dos demais, sou uma crítica biográfica fronteiriça vinda de uma cidade interiorana que talvez nunca ninguém tenha ouvido falar, contudo, este é o meu lugar por direito, e o chão onde piso e me construo enquanto intelectual. Recorrendo mais uma vez a Mignolo, este afirma que vivemos em um mundo em que: “a necessidade do desprendimento é urgente em suas múltiplas manifestações, arraigadas em históricas locais e na inevitável urgência de habitar e pensar nas fronteiras”¹⁶⁴

Mignolo tece o fio pra complementar minha teorização, pensar em uma prática arquiviolítica da/na fronteira urge, haja vista o tempo que nossas histórias ficaram escondidas em prol da hegemonia moderna. Desaprender conceitos para aprende-los a partir do ponto de vista de quem sofre e sente na exterioridade é a única condição para o intelectual fronteiriço de melhor se fazer crítica, teorização e pesquisa. Para que isso se realize, primeiro devemos reivindicar o direito epistêmico sobre nossas memórias latinas.

Como já mencionei anteriormente, realizar o desprendimento não se constrói enquanto tarefa fácil para quem se dispõe a elencar a opção descolonial como seu Sul. A urgência de que fala Mignolo só pode ser realizada por meio das histórias locais e das sensibilidades da exterioridade, as quais foram rechaçadas pelo projeto mundo colonial. E para que de fato se cumpra uma teorização de caráter fronteiriço, entendo minha pesquisa como parte das histórias, memórias e sensibilidades fronteiriças que complementam a opção descolonial. Haja vista que Heloisa re-existimos as feridas que

¹⁶⁴ MIGNOLO. *Podemos pensar los no-europeus?* , p. 21 (tradução minha)

nos ferem na pele por nossa condição de mulher brasileira. Entendo que a trajetória de Heloisa é carregada de sensibilidades que corroboram para a minha teorização acerca do arquivo da exterioridade.

Ainda na esteira dos pensamentos da memória, sinto a necessidade de trazer para este texto fronteiro algumas das memórias de Heloisa que estão guardadas em seu arquivo, mais precisamente no livro cerne de toda minha pesquisa, *Escolhas* (2009), o qual primeiramente foi escrito como memorial para um concurso público, o sucesso foi tanto que os amigos íntimos de Heloisa a convenceram a publicar na forma de autobiografia. Não seria a escrita da memória uma das maiores expressões da autobiografia ?

O fato é que desde a publicação de *Escolhas*, muita coisa mudou, minha aliada mudou, mas suas memórias de outrora estão muito bem representadas e arquivadas em sua autobiografia, e é nesse sentido que está teorização caminhará. Adentrar a dimensão das memórias de Heloisa, demanda um posicionamento crítico arquiviolítico por minha parte, porém só o posso fazer a partir da exterioridade que habito, por isso vim dissertando até aqui da urgência em se fazer teoria da fronteira-Sul. Ao passo que crio teorização, sei que as memórias aqui narradas ao serem postas no papel perdem o seu status de realidade, dando lugar a ficções, Como afirmou Heloisa:

Esta escrita, que começa com a pressuposição de autoconhecimento, termina na criação de uma ficção que cobre as premissas de sua construção. Toda a autobiografia é necessariamente ficcional. Este memorial não conseguirá ser uma exceção.¹⁶⁵

Toda boa escrita da memória acaba hora outra por cair na ficção, o fio entre realidade x ficção é tênue em se tratando de memórias. No meu caso, sou autorizada pela crítica biográfica a estabelecer estas pontes entre fato x ficção, minha aliada existe na dimensão sensível de minha pesquisa de minhas memórias, a valorizo, mas sei que se constrói enquanto amiga metafórica. Ao escrever sobre minhas fronteiras, insiro Heloisa que me dá o fio condutor da pesquisa e entendo de vez o que Eneida Maria de Souza quis dizer quando afirmou que *ao escrita do eu refere-se ao nós*¹⁶⁶

¹⁶⁵ HOLLANDA. *Escolhas*, p. 32

¹⁶⁶ SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 22

Por outro lado, sei que o resgate na memória não pode ser total, ela se constrói nesse espaço suscetível a ficções e fragilidades, na relação do eu com o outro. Por isso o arquivo é essencial no estudo da memória, através dele podemos ativar memórias do passado, e é justamente por este motivo que argumentei até aqui sobre a necessidade de se pensar em um arquivo da exterioridade. É claro que tentei ao máximo abrir meu arquivo, mas entendo que quando teorizo sobre a urgência de um pensamento fronteiriço já o faço. Também procurei denotar falas, escritos e aspectos importantes da vida de Heloisa Buarque de Hollanda, que me fazem pensar na indagação de Leonor Arfuch: *O que nos leva a nos apaixonar pelas vidas dos outros, a vislumbrar seus mínimos detalhes, através da escrita, da imagem, da tela, do arquivo?*¹⁶⁷

Devo dizer que não sei ao certo responder a pergunta deixada por Arfuch, contudo, arrisco dizer que ao compreender a vida do outro, compreendo a minha própria, o que colabora de forma fundamental para toda minha teorização crítico biográfica fronteiriça. Heloisa existe comigo em meu arquivo e na fronteira que habito, escrevo memórias como quem escreve sobre vidas, e as escreve sempre da exterioridade dos saberes. Crio uma paisagem fronteiriça onde nela habitam eu e minha amiga espectral Heloisa Buarque de Hollanda. Quero encerrar este texto com uma imagem de meu chão latino, o lugar que criei e que nele habitam todos meus aliados hospitaleiros, minhas memórias e minhas histórias.

¹⁶⁷ ARFUCH. A autobiografia como mal de arquivo, p. 375



Figura 9 – Uma foto tirada por mim, representando uma paisagem biogeográfica fronteiriça. Retiro esta imagem de meu arquivo, sob o céu azul de minha fronteira e sobre a vegetação rasteira, convivem de maneira sensível meus aliados hospitaleiros e minhas memórias. Fonte: Acervo pessoal

2.3 Por um arquivo deste chão latino que habito

TRAGO COMIGO um retrato
que me carrega com ele bem antes
de o possuir bem depois de o ter perdido.

Toda felicidade é memória e projeto

CACASO. *Lero-lero*, s/p

A escrita da memória é ardilosa.
HOLLANDA. *Escolhas*, p. 87

posso exumar memórias, reinventar histórias locais e revelar
identidades escondidas por trás da leitura moderna equivocada que
foi feita dos próprios Bugres.
NOLASCO. *Pântano*, p. 31

Escrever sobre memórias é como nas palavras de Heloisa, ardiloso, hoje sei muito bem disso. Mas estou bem amparada pelos autores que dividem comigo essa caminhada em direção ao Sul. Até aqui tentei teorizar não só sobre minhas memórias, mas sobre a urgência de se pensar em um arquivo advindo das fronteiras. Agora, desejo mostrar ao meu leitor como desarquivei minhas memórias por meio de retratos para parafrasear o poeminha do Cacaso. Irei apresentar a dimensão concreta de minhas memórias por meio de fotos que marcam minha existência enquanto mulher fronteira.

Atráves dos escritos de Heloisa chego a um ponto em que vida e obra se mesclam em um amontoado de lembranças ternas que compõem meu corpo, assim como Nolasco também sou bugra da fronteira, descende de indígenas, bugra do pé vermelho de tanto andar descalço pela terra vermelha de minha fronteira. E é justamente por isso que estou autorizada a reinventar e exumar memórias do meu Sul, e o faço porque compreendo na esteira de Nolasco que tudo isso é herança bugresca fronteira¹⁶⁸.

O retrato é uma das mais fiéis formas de rememoração, elenquei uma série de fotografias que representam minha herança materna e paterna enquanto mulher fronteira. Essas imagens irão se construir enquanto paisagens biogeográficas minhas, as quais contribuirão para o desarquivamento de minhas memórias. Quero intentar articular a presença e ausência, a lembrança e o esquecimento, para que eu possa montar um arquivo que irá culminar na pesquisadora que sou hoje. Eneida Maria de

¹⁶⁸ NOLASCO. *Pântano*, p. 57

Souza afirma em seu *Tempo de pós-crítica* que “o sujeito, na construção de um texto da memória, por constituir-se a meio caminho desse processo de conhecimento”¹⁶⁹. Me constituo neste meio caminho e me reconheço enquanto escrevo sobre a vida de outrem.

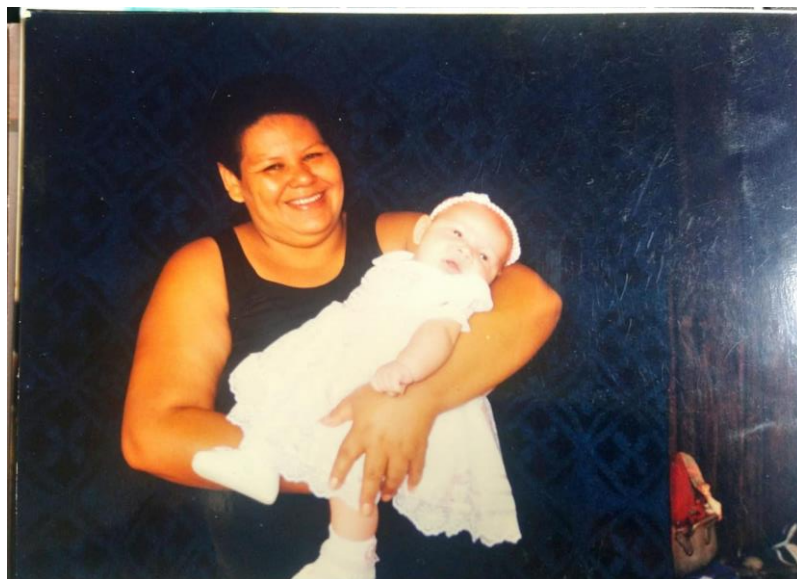


Figura 10 – Minha avó paterna e eu com alguns dias de vida. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 11 – Dona Maria Ignez, minha avó materna, também professora, me segurando na mesma semana em que vim ao mundo.

¹⁶⁹ SOUZA. *Tempo de pós crítica*, p. 37

Escolhi as imagens elencadas acima pois passei a maior parte de minha vida com minhas avós, meu orientador costuma dizer que a gratidão é um dos sentimentos mais bonitos do mundo, posto isso não poderia de deixar de incorporar em meu arquivo minhas avós, como uma forma de gratidão por tudo que me foi doado através dos anos, carinho, afeto, oportunidades e sobretudo amor. Essas fotografias denotam o que Arfuch definiu como *relação da vivência com o conhecimento e com a experiência*¹⁷⁰.

E relaciono a experiência com a vivência com propriedade, pois meu papel enquanto crítica biográfica fronteiriça me auxilia a inserir meu bios e minhas histórias locais no cerne da discussão. Não, não esqueci de falar de minha aliada sensível, Heloisa Buarque de Hollanda, contudo para chegar onde quero chegar devo apresentar quem sou desde os primórdios que ocupam minhas lembranças de menina-mulher-fronteira. Recorro a Nolasco, pois ao escrever minhas próprias memórias para teorizar sobre Heloisa, *acabo ensaiando uma teorização poética que ao fim e ao cabo me diz de minha específica condição e vida*.¹⁷¹

Bom, minha condição de vida é bem específica, assim como minha pesquisa, sou *bugra* da fronteira Sul, as lembranças que tenho vêm de um lugar real, povoado por sujeitos reais com histórias reais e justamente por isso que abro meu arquivo da exterioridade, demarcando meu lugar no mundo e aproximando mesmo que metaforicamente o meu corpo e o de Heloisa. Dito isso passo a mais uma série de foto-lembranças, as fotos que se seguem são de meu pai e minha mãe, ou melhor, dos *duetos formadores do eu*.¹⁷²

¹⁷⁰ ARFUCH. Autobiografia como mal de arquivo, p.377

¹⁷¹ NOLASCO. *Pântano*, p.69

¹⁷² PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71



Figura 11 – Minha primeira aliada hospitaleira, minha mãe, a que cedeu um pedaço do corpo para que eu pudesse crescer junto. Fonte: Acervo Pessoal



Figura 12 – Eu e meu pai, essa foto representa admiração. Meu pai é afeto encarnado num corpo de gente. Fonte: Acervo Pessoal

As fotos aqui postas são das pessoas que me concederam o sopro de vida, primeiro minha mãe, uma menina fronteira que foi mãe muito jovem. Minha mãe via a responsabilidade do mundo em suas costas ao ser mãe logo no início da maioridade. Meu pai em segundo, também jovem mas dono de uma responsabilidade imensa, o fato

é que como Pessanha assevera: o um emerge do dois¹⁷³. E eu nasço para o mundo através do precipitado do encontro de meu pai e minha mãe, meus primeiros aliados. Os quais hospedaram em seus corpos e vidas uma terceira pessoa, eu. Se meus genitores não tivessem a hospitalidade de me lançar no mundo, por mais que as vezes o mundo possa parecer cruel, hoje, eu não estaria aqui narrando memórias compartilhadas por nós três. Memórias arquivadas em meu coração e presas nessas fotografias.

Me detive até aqui a falar de como minha vida começa em consonância com figuras importantes. Tenho algumas lembranças mais que não deixam de ser essenciais para a exumação de meu arquivo. Ao realizar esse feito, contribuo para minha prática descolonial, fazendo com que eu possa aprender a desaprender a razão moderna e, em troca, me permite alcançar sua poética bugresca advinda de nossa fronteira-Sul¹⁷⁴

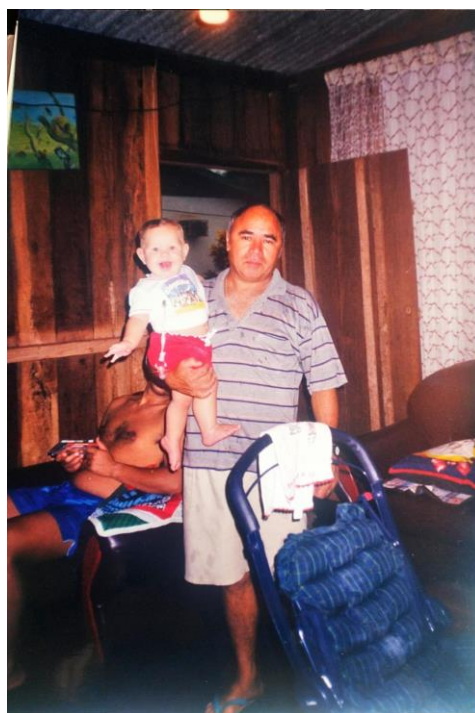


Figura 14 – Meu avô e eu, meu velho e invisível.

Fonte: acervo pessoal

De modo a finalizar a dimensão de meu arquivo familiar, essa *poética relevante ou mesmo compreensível*¹⁷⁵, deixo uma foto com meu avô como também uma forma de gratidão. Meu avô sempre esteve presente em minha vida e em todas minhas

¹⁷³ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.114

¹⁷⁴ NOLASCO. *Pântano*, p. 31

¹⁷⁵ NOLASCO. *Pântano*, p. 87

conquistas, vindo de uma cidade nos arrabaldes de Mato Grosso Do sul, de um “patrimônio” (patrimônio) como diz ele, chamado Bonfim, meu avô re-existe desde criança em meio aos escombros deixados pelas guerras de poder na fronteira. Estudou somente até a quarta série mas sempre buscou ler de tudo um pouco na biblioteca de minha avó, meu avô é símbolo de respeito e afeto. Como nunca teve muita oportunidade para estudar, em nossa família nunca mediu esforços para que pudéssemos ter acesso a educação. A memória me obriga a lembrar da felicidade de meu velho quando passei para cursar Letras na Universidade Federal, a alegria nos olhos dele me motiva até hoje a continuar trilhando o caminho dos estudos.

2.3.1 Da criança fronteira a mulher pesquisadora: meu Norte é o Sul

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia.

ANZALDÚA. Uma carta para as mulheres do terceiro mundo, p. 232

A passagem que abre este subtítulo me deixa sem fôlego, todo o mérito a chicana Glória Anzaldúa, também desarquivo minhas memórias por meio da escrita com o intuito de registrar o que a colonialidade apagou, com o intuito de prezar pela vida de Heloisa Buarque de Hollanda, no subtítulo anterior minha escrita construiu-se como uma tentativa de me deixar mais íntima comigo mesmo e de melhor compreender os caminhos que me levaram até aqui, a escrita de uma dissertação. Quero mostrar brevemente em algumas fotos meu arquivo de criança fronteira, porque entendo que o passado culmina no que sou no presente, crítica biográfica fronteira.

Entendo que ao pesquisar sobre o projeto de Heloisa, pela especificidade da discussão, sou possibilitada a me inserir como parte constituinte de sua vida, Ricardo Piglia certa vez disse que a crítica é uma forma de autobiografia. Para tanto, meus arquivos da exterioridade que antes eram secretos, estão aqui teorizados, escancarados, exumados, abertos. Compreender melhor quem sou, de onde venho e porque estou aqui investigando vidas alheias, contribui indiscutivelmente para minha teorização acerca das escolhas de Heloisa Buarque de Hollanda. Na esteira dessa afirmação, vejo minha discussão respaldada por Anzaldúa quando diz:

estamos buscando aquele eu, aquele “outro” e umas as outras. E em espirais que se alargam, nunca retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu, primeiro nas nossas famílias, com nossas mães, com nossos pais. A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver.¹⁷⁶

¹⁷⁶ANZALDÚA. Falando em línguas, p. 232

É exatamente isso que ensejo fazer aqui, tomo o distanciamento necessário de Heloisa para ir investigar minha própria vida, os mistérios que circundam minha infância, já falei de minha mãe e de meu pai. Agora me volto para o eu , protegida e ancorada pela escrita biográfica fronteiraça, volto para os lugares de minha infância, onde tudo começou. As fotos elencadas a baixo representam essa escolha.

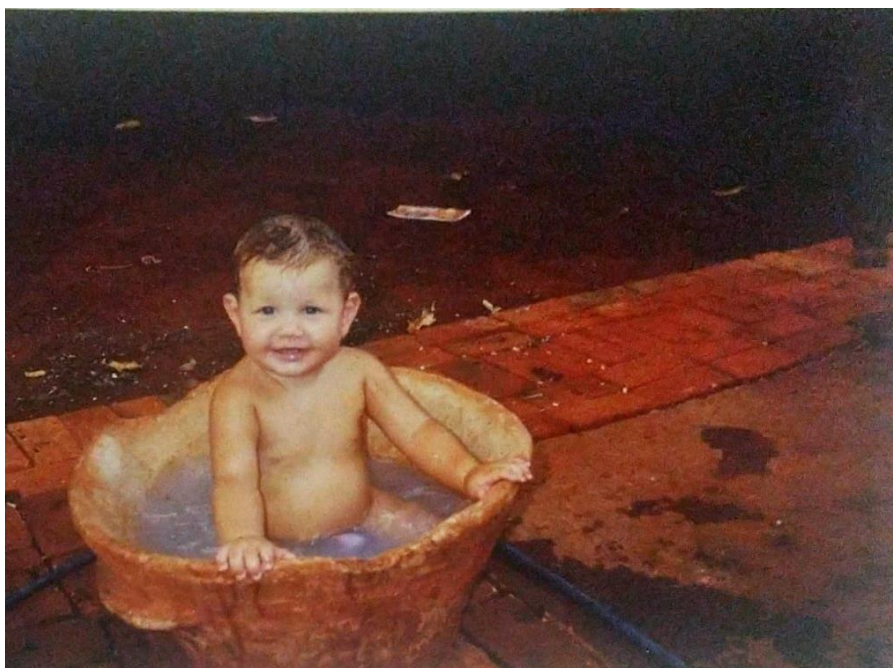


Figura 15 – Uma foto minha enquanto criança tomando banho em uma bacia de cimento, ao fundo vejo a terra vermelha da fronteira Sul, terra terena, a qual me constitui enquanto ser humano sensível. Fonte: acervo pessoal

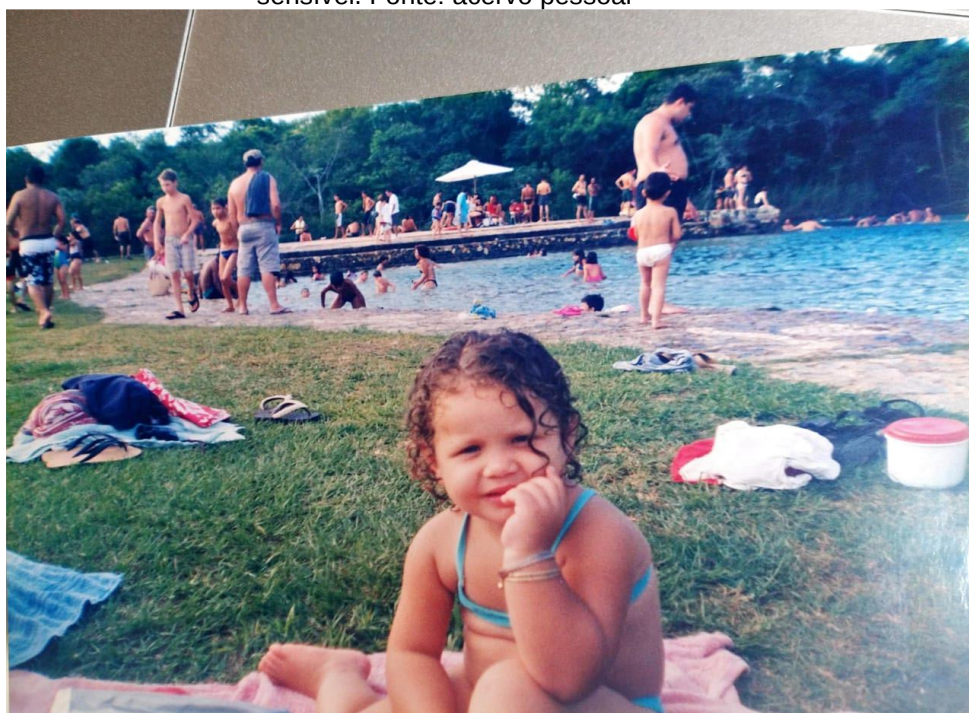


Figura 16 – Sentada a beira do rio formoso em Bonito – MS, ao me deparar com essa foto muitas memórias surgiram, há lugares que detêm mais lembranças que outros. Fonte: Acervo Pessoal.

As duas imagens aqui expostas são muito importantes para mim, como mencionei no começo deste capítulo, eu sempre viajei muito por essas paisagens sul mato-grossenses, ao rever essas infiro alguns aspectos importantes de minha constituição enquanto ser. Na primeira (figura 15) uma criança em meio a terra vermelha, não imaginava que a partir dessa foto nasceria uma teorização, vejo que essa imagem é crucial porque faz parte de minhas sensibilidades, afetos e memórias. As quais se constroem como prática da razão subalterna.

Já a segunda foto (figura 16) evoca para mim lembranças de uma criança viajante, sempre fiz a ponte Sidrolândia x Bonito, as vezes contrariada, mas tinha de ir, meus pais sempre foram separados. Aprendi a dividir o tempo desde muito jovem, me recordo que me divertia nas viagens observando as vegetações do cerrado e contava os quilômetros andados para chegar na serra de Maracaju e me deslumbrar observando a imensidão do cerrado. Ali, mesmo que criança crie minha paisagem biogeográfica, graças a isso hoje posso teorizar melhor acerca do lugar que vivo e posso afirmar eu conheço muito bem a estrada que corta Sidrolândia a Bonito.

Dado o exposto, devo me voltar para meu trabalho, para Heloisa, para a UFMS, para o NECC. Exumadas minhas memórias de criança, enquanto escrevo esse subtítulo me dou conta da grandiosidade de meu grupo de pesquisa, sempre guardado com um carinho especial na lembrança. Ressalvadas as diferenças, meu grupo de pesquisa muito se assemelha ao de Heloisa Buarque de Hollanda, o PACC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea) o qual inclusive, meu orientador faz parte. Eu não poderia deixar de teorizar sobre o NECC, até porque se estou escrevendo este trabalho experivente é graças as experiências compartilhadas.



Figura 17 – Um registro de uma reunião com Heloisa Buarque de Hollanda. Fonte: Flickr



Figura 18 – Um registro de uma reunião do NECC, com a presença ilustre de Eneida Maria de Souza. Escrever é desarquivar lembranças. Fonte: Acervo pessoal

Os registros elencados são ao seu modo diferentes, mas possuem suas semelhanças, são *histórias locais visíveis em diferentes espaços*¹⁷⁷, no primeiro vemos os intelectuais do PACC reunidos em conversa sobre seus respectivos projetos de pós doutorado. Na segunda vemos uma imagem do meu/nosso NECC, espaço de sensibilidades compartilhadas e não por coincidência escolhi uma foto em que Eneida Maria de Souza está presente. Trago esses registros porque entendo que juntos somos

¹⁷⁷ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 10

melhores, a opção descolonial demanda fazer junto, e no NECC buscamos sempre juntos tecer nossas teorizações, assim como no PACC. Ao abrir este arquivo de experiências e vivências, vejo que o futuro em direção a uma epistemologia descolonial só pode ser feito a partir dessas trocas efetivas de conhecimento. Uso as palavras de Mignolo uma vez mais para deixar registrado aqui meu agradecimento ao NECC e a todas as nossas conversas, *sou agradecido principalmente às pessoas que, com sua sabedoria, guiaram meu pensamento.*¹⁷⁸

Me encaminhando para o fim, deixarei registrado em imagem, já que como costumam dizer, essas valem mais que mil palavras, o motivo de ter escrito um pouco da minha vida até aqui. Procurei exumar meu arquivo da exterioridade porque é minha condição de existir no mundo. Ainda sou jovem mas sei que minhas memórias me ajudam a teorizar sobre a vida de Heloisa, na imagem que se segue tive esta constatação.

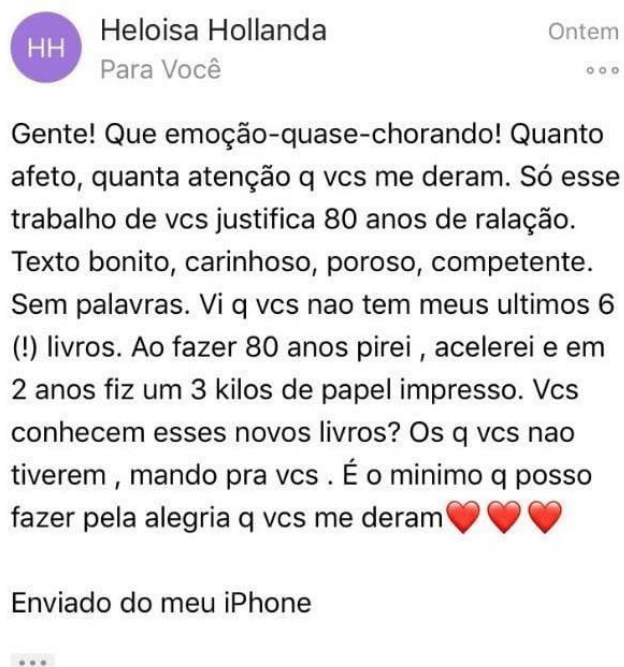


Figura 19 – E-mail recebido por Heloisa. Fonte: acervo pessoal

Em agosto de 2019, decidi mandar um e-mail para Heloisa Buarque de Hollanda,

¹⁷⁸ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 10

com um dos meus trabalhos e de meu orientador. A resposta que recebi foi essa, além disso, Heloisa me enviou um exemplar do livro *Explosão feminista* (2018). É nesse interim que quero encerrar nossa conversa, ao me deparar com esse e-mail vi minha própria aliada dizer que nosso trabalho feito e pensado a partir dos arrabaldes do Brasil, tinha feito com que os 80 anos de carreira de Heloisa valessem a pena. Este é o fazer comunal, esta é a opção descolonial, esta é a crítica biográfica fronteiriça. A vida de Heloisa Buarque também é minha e foi por isso que desarquivar minhas memórias foi tão importante, Heloisa e eu re-existimos no presente.

¹⁸² NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 38.

¹⁸³ DERRIDA. Estou em guerra contra mim mesmo, p. 17.

CAPÍTULO III -

UMA AULA DE ESCOLHAS: a desobediência epistêmica em Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Callado

Deus vai cuidar de você. Ele cuida de quem é da fronteira.
PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.164

3. 1- Uma aula de escolhas: uma proposta comparatista biográfica fronteiriça

a ideia de *semelhanças-na-diferença* evoca a recolocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas, não numa direção única (a da noção restrita dos processos civilizadores como a marcha triunfal da modernidade), mas em todas as direções e temporalidades regionais possíveis.

MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 278.

Repensar quaisquer dessas categorias, como a de sujeito subalterno, requer um posicionamento político-crítico próprio, bem como uma prática comparatista que saiba ler ambos os sujeitos nela implicados na *diferença*.

NOLASCO. *Comparativismo cultural hoje*, p. 69.

As passagens que elenquei a cima, tem como papel principal ilustrar a teorização que estou propondo. Me alicerçarei na *natureza errante do comparatista*¹⁷⁹, por compreender que no arraial das discussões sobre a literatura comparada nos deparamos com diversas possibilidades de teorização. O que quero propor está angariado pela ideia de um *paradigma outro*,¹⁸⁰ o qual se direciona para o Sul global e entende a opção descolonial como forma não só de fazer literatura comparada, mas como uma forma de *re-existência* de meu corpo fronteiriço.

Na esteira dessa afirmação, seguirei um paradigma outro quanto a natureza da literatura comparada, por compreender que as discussões que giram em torno da validação de um método adequado de se comparar, ficaram por muito tempo relegadas a um prisma cosmopolita e moderno. O qual se privilegiava o contato real entre autores e sobretudo a primazia das semelhanças em detrimento das diferenças.

Em meu caso específico enquanto mulher que escreve angariada por um lócus fronteiriço, devo me deter na opção descolonial e na desobediência epistêmica como forma de *aprender a teorizar para desteorizar, para, assim re-teorizar*¹⁸¹ o que estou entendendo como literatura comparada hoje. Por conseguinte, sei que conceber a literatura comparada na contemporaneidade demanda meu posicionamento político, cultural, biográfico, o qual está totalmente contaminado pelas fronteiras da exterioridade

¹⁷⁹ CARVALHAL. Sob a égide do cavaleiro errante, p. 17.

¹⁸⁰ MIGNOLO. Un paradigma outro, p. 19.

¹⁸¹ NOLASCO. Podemos fazer teori(a)ção da fronteira-sul? , p. 1.

dos saberes. Nesse sentido, a proposição de comparatismo cultural que aqui se seguirá versa sobre minha fronteira em movimento coletivo com as amigas autoras elencadas aqui, Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Callado.

Este trabalho emerge da diferença colonial, bem como, da exterioridade dos saberes. As obras elencadas constituem a paisagem fronteiriça que desenho em movimento com meu corpo. Não se trata de um trabalho moderno disciplinar erigido sob a forma de análise, trata-se da intercorporeidade, do habitar fronteiras e, sobretudo, teorizar sobre duas grandes obras por meio da adoção do fazer comunal e da indisciplina que esse me requer. Desse modo, o que estou dizendo com indisciplina está na contracorrente da conhecida e clássica disciplina de literatura comparada. Como expresso outrora por Walter Mignolo:

Algumas vezes, entretanto, as teorias não viajam. Ficam em casa. E quando isso acontece, a diferença colonial as torna invisíveis para as teorias dominantes e universais que podem viajar e têm passaportes para atravessar a diferença colonial.¹⁸²

Na esteira das proposições de Mignolo, posso inferir que a crítica comparatista biográfica fronteiriça aqui delineada está para a diferença colonial, contudo, para que eu possa atravessar essa diferença e fazer com que minha teorização não seja mais invisível, devo ser desobediente para com a práxis moderna, no caso específico deste capítulo, em sua concepção de literatura comparada.

A literatura comparada que há muito ficou conhecida e que versou no mundo, se constrói enquanto as grandes teorias modernas humanistas, afinal, a literatura comparada em sua gênese cosmopolita possui passaporte carimbado para viajar dentre os diversos universos teóricos que possam existir.

Dito isso, minha teorização move-se em direção ao Sul global. Através do fazer comunal com minhas aliadas, sou capaz de re-teorizar, fazer de modo outro a própria noção de comparatismo. Haja vista que, para realizar esta teorização, irei comparar fato

¹⁸² MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 236.

x ficção, com o auxílio proporcionado pelas pontes metafóricas da crítica biográfica fronteira. Este ensaio irá teorizar geopoliticamente e comparativamente a obra autobiográfica *Escolhas* (2009) de Heloisa Buarque de Hollanda, em contraste com a obra ficcionalizada. Uma *aula de matar* (2003) de Ana Callado.

No interim das discussões suscitadas pela comparação, entendo que o bom comparatista deve se inserir em suas teorizações, para tanto, a comparação a qual estou propondo contará inteiramente com minha inserção na tríade Heloisa/ Nathalia/ Ana Callado. Uma vez que meu *bios* se insere nesta teorização, posso melhor conduzir este trabalho. Tendo isso em vista, devo me voltar para a crítica comparatista biográfica fronteira, pela necessidade de se pensar uma teorização de caráter outro que possa abarcar as sensibilidades epistêmicas, biográficas e locais que tais obras evocam.

Argumentando a favor de uma epistemologia outra, a qual utilizarei para concretizar o proposto neste ensaio, se faz pertinente evocar para a discussão a rubrica crítica biográfica fronteira, por ser a que melhor me representa e por me possibilitar a aproximação necessária com minhas sensibilidades locais, utilizarei as teorizações críticas do professor Edgar César Nolasco no que convém a escolha acerca de uma teorização de fronteiras.

Nesse sentido, me remeto ao projeto intelectual de Nolasco por pensar nas questões acerca do *bios*, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2012) , explicita o motivo pelo qual sua teorização se assenta em conceitos de ordem crítico-biográficos. Norteados por Walter Mignolo e Eneida Maria de Souza, Nolasco se vale das sensibilidades *locales*¹⁸³ ou sensibilidades biográficas, as quais estão sempre envolvidas na produção dos saberes levando em consideração seu lócus de enunciação, o qual também é compartilhado por mim enquanto crítica biográfica fronteira. Desse modo, justifico a fronteira-Sul como condição *sine qua non* para o recorte epistemológico

¹⁸³ Conceito proposto por Walter Mignolo em seu livro: *Historias Locais/ Projetos Globais* datado de 2008.

que proponho aqui, bem como, para a consolidação da crítica biográfica fronteiriça comparatista.

Para um discurso crítico que se situa nas fronteiras dos saberes críticos conceitos dos centros como os que postulo aqui, saber que tal articulação periférica deve passar por fora de qualquer dualidade crítica redutora é tão importante quanto reconhecer que o surgimento e a articulação de uma crítica pós-colonial na fronteira passa pelas “sensibilidades locais” (MIGNOLO) ou sensibilidades biográficas de todos os envolvidos na ação. Foi por priorizar isso que procurei agregar, ao recorte epistemológico pós-colonial, uma abordagem crítica biográfica brasileira (Souza), bem como não descartar a importância de uma delimitação territorial: a fronteira-Sul, de onde erijo meu discurso, tem de fazer toda a diferença na articulação epistemológica defendida.¹⁸⁴

Posto isso, passo a questões de ordem metodológicas ao que cerne a rubrica crítica biográfica fronteiriça com ênfase na literatura comparada. Para tanto, dividirei este capítulo em quatro subtítulos. O primeiro versa sobre o compromisso do comparatista em assumir a diferença colonial como *lócus* por excelência. O segundo propõe uma relação de cunho textual entre as semelhanças na diferença, de modo a evidenciar como a literatura é capaz de ficcionalizar vida e obra por meio das pontes metafóricas possibilitadas pela crítica biográfica. O terceiro intenta denotar como o compromisso do comparatista que se move entre as fronteiras contribui para a teorização sobre *grafias de vida*. Por fim, o quarto subtítulo, diz respeito a como essas vidas comparadas, ficcionalizadas, teorizadas, se relacionam em contracorrente as epistemologias modernas.

¹⁸⁴ NOLASCO. A razão pós-subalterna da crítica latina, p. 15-16.

3.2 - Do compromisso com a literatura comparada: quando a realidade é ficcionalizada na/pela diferença

quando começamos a tomar contato com trabalhos classificados como "estudos literários comparados", percebemos que essa denominação acaba por rotular investigações bem variadas, que adotam diferentes metodologias, concedem a literatura comparada um vasto campo de atuação.

CARVALHAL, *Literatura comparada*, p.5

Aportada pelo título, bem como, pela passagem que o acompanha. O que quero teorizar versa sobre a ficcionalização da vida em obra, nesse sentido, estou adotando uma rubrica comparatista crítica biográfica fronteiriça, por entender que somente uma epistemologia de caráter outro, assentada na diferença dos saberes coloniais, pode acampar minha discussão sobre as obras elencadas de Ana Arruda Callado e Heloisa Buarque de Hollanda.

No entanto, compreendo que a literatura comparada desde sua fundação se ambienta no espaço de querelas, filiações e heranças ocidentais que não contemplam a rubrica que estou adotando. Contudo, Leyla Perrone-Moisés, ressalvadas as diferenças, me respalda em partes quando afirma a necessidade da criação de novas práticas que englobem a vasta gama de estudos comparados. Minha proposta de teorização se insere enquanto uma dessas atualizações práticas da literatura comparada, segundo Perrone-Moisés, a proposta que aqui se segue *não se trata de uma atualização superficial, reformista, dos conceitos e métodos de sua disciplina, mas uma transformação radical da mesma*.¹⁸⁵

Na esteira de Perrone-Moisés, não só infiro que minha teorização está para o prisma de uma transformação radical, como também decolonial, haja vista o histórico moderno ocidental em que a literatura comparada se construiu durante séculos desde sua formação. No texto citado, Leyla fala de propostas teóricas que contribuem para a atualização da velha doxa comparatista, práticas essas que vão na direção de *alterar a*

¹⁸⁵ PERRONE-MOISÉS. *Literatura, intertexto e antropofagia*, p. 92

Me embaso nesta afirmação, pois, a prática teórica realizada aqui está para uma perspectiva decolonial, assentada em um paradigma outro, definido por Mignolo como:

Este prefacio se ocupa de bosquejar «un paradigma otro» de pensamiento crítico, analítico y utopístico que contribuya a construir espacios de esperanzas en un mundo en el que prima la pérdida del sentido común, el egotismo ciego, los fundamentalismos religiosos y seculares, el pensamiento crítico que piensa los conceptos que piensan los conceptos y olvida la razón por la cual los conceptos fueron inventados, llegando a celebrar lo «cyborg», «la matriz», «la geonómica», etc., y a olvidar la mera cuestión de la generación y reproducción de la vida en el planeta; no sólo de la vida humana, sino de la vida simplemente.¹⁸⁷

Quando penso em estudar a relação de vida ficcionalizada nas obras de Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Callado em direção a este paradigma outro por compreender a necessidade de se emergirem teorizações, que prezem, não só pela rubrica conceitual da literatura comparada, mas pela vida de quem se dispõe a comparar e investigar vidas alheias.

Nesse sentido, um paradigma outro me é indispensável na teorização aqui proposta, pois, através dele vejo a expressão maior de minha comparada, haja vista que a vida de Heloisa foi ficcionalizada em um romance policial, para denunciar justamente a ganância presente nas academias¹⁸⁸ e a necessidade de se elaborar uma prática intelectual e teórica assentada em um paradigma outro o qual vá em contra todo o machismo presente nas academias brasileiras, que acaba por invalidar e colonizar mais uma vez os corpos femininos. Portanto, a teorização crítica comparatista de cunho fronteiriço se como corrobora Nolasco em:

um mundo das exterioridades no qual vozes, gentes, línguas, corpos que se incorporam e se interculturam, criando sentires, saberes e estarem-sendo que amalgamam um pensamento outro e, por conseguinte, uma epistemologia fronteiriça que se sustenta a partir de um paradigma-outro¹⁸⁹

A preposição de Nolasco me respalda para melhor entender e, por conseguinte

¹⁸⁶ PERRONE-MOISÉS. Literatura, intertexto e antropofagia, p. 93

¹⁸⁷ MIGNOLO. Paradigma otro, p. 19

¹⁸⁸ Ana Arruda Callado escreve o seu Uma Aula de matar (2009) com o intuito de denunciar a violência de gênero sofrida por Heloisa no concurso da ECO (UFRJ), Heloisa era a única mulher concorrendo ao cargo e teve sua candidatura cassada como forma de boicote, já que ela assumiria a concurso pelas bases legais da seleção. Trata-se de uma cena de machismo explícita nas academias, a qual acabou por motivar Ana Arruda a denunciar por meio da escrita ficcional.

¹⁸⁹ NOLASCO. Podemos fazer teori(a)ção da fronteira-sul? , p. 3

teorizar sobre o mundo em que vivo. Haja vista que toda a discussão aqui posta perpassa meu lócus, chego então à noção de que os textos aqui discutidos se inserem enquanto teorização pensante de minha própria vida. São escolhas que elenquei para a vida, Heloisa Buarque de Hollanda não só me sopra o fôlego necessário para denotar meu lugar enquanto crítica biográfica fronteira, como também me apresenta a outros aliados, como visto aqui, Ana Arruda Callado.

Falar de uma história de vida ficcionalizada em literatura, pelo prisma comparatista requer mudar o paradigma, deixar de lado a tradição ocidental e pensar na diferença da literatura em seus determinados loci. Nesse sentido, somente uma prática assentada na diferença colonial dos saberes me é interessante enquanto comparatista. Haja vista que para teorizar acerca das obras que proponho, devo pensar em primeira instancia que falo de um lugar específico, a fronteira-Sul de Mato Grosso do Sul.

Nesse interim, o próprio se transforma em alheio na comparação entre vida e obra a qual proponho. Justamente pela noção dialógica presente nos textos. Ou melhor dizendo, pela forma como as histórias locais são aproximadas pela diferença que as molda. Dito isso, recorro uma vez mais a Leyla Perrone-Moisés quando a mesma afirma que:

a literatura nasce da literatura, cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea.¹⁹⁰

Ainda na esteira da autora, o que me interessa são esses *encontros produtivos com o outro*¹⁹¹, os quais versam sobre a habilidade da literatura se ficcionalizar, se transformar, sem deixar de lado a dimensão vida/obra. A fonte (Heloisa Buarque de Hollanda) é interessante para Callado, pois, suas memórias servem para denunciar a opressão patriarcal presente nas academias. O que de fato, Ana Callado faz com excelência ao escrever uma Aula de matar.

¹⁹⁰ PERRONE-MOISÉS. Literatura, intertexto e antropofagia, p. 94

¹⁹¹ PERRONE-MOISÉS. Literatura, intertexto e antropofagia, p. 94

Posso inferir que a escrita de Ana Callado só é permitida por seu olhar observador, atravessado pela diferença. Do mesmo modo, minha teorização fronteiriça só pode estar assentada na exterioridade dos saberes, como um modo de paradigma outro o qual se refere Mignolo. Uma vez que como o argentino afirma: *A defesa tradicional de tradições, deve ser constantemente contestada em todos os níveis, incluindo as culturas do conhecimento acadêmicas*¹⁹²

O que busco em minha teorização é justamente contestar a tradição em que a literatura comparada foi moldada, trazendo a tona uma teorização que seja erigida a partir deste lado da linha¹⁹³, feita por sujeitos subalternos sensíveis, assentada na exterioridade dos saberes hegemônicos. De modo a valorizar as vidas que se roçam nessas fronteiras do conhecimento.

Compreendo, porém, que desprender-se das amarras coloniais que ainda grassam em nossa volta, se constitui enquanto uma luta de resistência em o intelectual deve travar para conseguir sua autonomia perante os legados ocidentais. Ancorada nas palavras de Nolasco, *cabe na luta do intelectual fronteiriço desprender-se das regras hierárquicas da teoria moderna*¹⁹⁴. Minha luta assim como a de Heloisa e Ana Callado, continuam existindo em um mundo em que insiste em nos deixar do outro lado da linha.

Quando me proponho a comparar as duas obras aqui elencadas, sei que contribuo de forma sensível para a luta do intelectual que sente, sofre e habita a fronteira. Escolho como norte desta teorização comparatista, a crítica biográfica fronteiriça, por se preocupar com relatos de vida (*bios*) além de demarcar lócus enunciativo do discurso, a utilizo na tentativa de estabelecer uma crítica comparada entre as obras de Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Arruda Callado.

Para tanto, evoco o conceito de crítica biográfica proposto por Eneida Maria de Souza:

A crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa

¹⁹² MIGNOLO. *Histórias locais / projetos globais*, p.271.

¹⁹³ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 33.

¹⁹⁴ NOLASCO. Podemos fazer teorização da fronteira- sul? , p.3

entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre fato e ficção.”¹⁹⁵

Compreendo quando Souza diz que a crítica biográfica possui natureza compósita fato esse que me permite criticar, investigar e comparar vidas alheias, dessa forma, me valho das duas obras cernes deste trabalho, para elucidar a amplitude da crítica biográfica, bem como da literatura comparada.

Uma aula de matar, romance policial de Ana Arruda Callado se trata de uma ficção acerca da polêmica envolta no concurso para titular de teoria crítica da cultura da ECO/UFRJ, realizado em 1993 e tendo como destaque a figura de Heloisa Buarque de Hollanda, acusada de comprar a banca avaliadora.

Desse modo, como me são necessárias comparações de fins textuais que possam elucidar as semelhanças na diferença, utilizo a autobiografia *Escolhas* de Heloisa Buarque de Hollanda, no capítulo em que a intelectual narra o episódio do concurso e escreve sobre o livro supracitado de Callado.

A crítica biográfica atual tenta, por meio de pontes metafóricas, extinguir o limite que existe entre ficção e realidade e, por extensão, entre vida/obra, na condição de comparatista e autorizada pela crítica biográfica, trago a escrita autobiográfica, bem como a ficcional para engendrar minha comparação. Na esteira da teorização de Eneida, a professora afirma:

A crítica biográfica se apropria da metodologia comparativa ao processar a relação ente obra e vida dos escritores pela mediação de temas comuns, como a morte a doença, o amor, o suicídio, a traição, o ódio, relações familiares, como o tema dos irmãos inimigos, da busca do pai, da bastardia, do filho pródigo, e assim por diante.¹⁹⁶

Visto que a crítica biográfica se vale também da metodologia comparatista, a entendo como fio norteador deste trabalho, me possibilitando a liberdade para criar e estabelecer minha própria teorização de cunho comparatista, tendo isso em mente, vejo que é fator imprescindível me inscrever como crítica responsável por essa comparação, para tanto, necessito demarcar meu lócus geográfico e epistemológico, a fronteira-Sul

¹⁹⁵ SOUZA. *Crítica Cult*, p.105.

¹⁹⁶ SOUZA. *Crítica biográfica*, ainda, p.53.

de Mato Grosso do Sul, lugar esse alocado em uma exterioridade, nesse sentido, só uma epistemologia de caráter outro pode representar minhas sensibilidades e meu projeto intelectual proposto até aqui.

Ao demarcar meu lócus enunciativo, na tentativa de me aproximar das autoras utilizadas para minha comparação e na esteira das discussões propostas pelo professor, é necessário pontuar que a discussão teórica a qual proponho aqui está diretamente vinculada a uma opção descolonial, bem como, à noção de desobediência epistêmica.

Existe um pensamento à luz de uma teorização outra, não maniqueísta ou hegemônica, mas agora pautada em meu local de fala, abarcando minhas *sensibilidades locais*, influenciando no caráter transdisciplinar da literatura e se inserindo em mais um dos vastos campos de comparação literária. Como afirma a crítica biográfica Eneida Maria de Souza:

[...] os rumos da teoria se transformaram e tendem a embaralhar cada vez, aos a suposta pureza de um pensamento único. Guardadas as devidas ressalvas, não resta dúvida que a crítica comparada e a cultural resultam da ampliação e abertura dos estudos da Teoria e da Literatura, considerando ter sido ela que rompeu, na prática, os limites territoriais das disciplinas e contribuiu para o questionamento das regras impostas pelos distintos espaços do saber [...]¹⁹⁷

Como exposto por Souza e tendo em vista o que proponho, sinto me autorizada a trazer minhas sensibilidades à tona e dizer que produzo meus saberes partir de uma fronteira, geoistórica e epistemológica, contando com a influência e orientação de Edgar Cézar Nolasco, o qual pensa e erige uma crítica a partir dessa mesma fronteira.

Trata-se do que passa a denominar de (*bios*=vida + lócus = lugar) *biolócus*. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do *bios* (quer seja do “objeto” em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta). Nessa direção, pensar a partir da fronteira-Sul faz, sim, toda a diferença colonial.¹⁹⁸

Desse modo, tenho plena consciência de minha condição e de meu *biolócus*, essa teorização de cunho comparatista a ser elucidada aqui, revela a importância da abertura dos saberes para consolidação de uma opção descolonial. Devo dizer que o proposto pela crítica biográfica se constitui como item fundamental, não só para

¹⁹⁷ SOUZA. Teorizar é metaforizar, p.219.

¹⁹⁸ NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça, p.50.

compreender melhor o meu *bios* , mas também, o das autoras aqui utilizadas por mim.

Meu discurso crítico é construído a partir de um *lócus* epistemológico fronteiriço, portanto, ao falar das autoras em questão, falo de mim enquanto crítica biográfica fronteiriça. Com isso torna-se indispensável atribuir esse viés literário à teorização comparada referente as escritoras, Heloísa e Ana Callado escrevem dos grandes eixos, porém dialogam com o marginal (não) pertencente a esse *lócus*, além de denunciar as vaidades presentes no âmbito acadêmico e a disputa de ego, tornando-se intelectuais desobedientes.

3.3 – Semelhanças na diferença: obras ficcionalizadas em vidas

O gesto de teorizar alimenta-se de outros, como o de ficcionalizar, vivenciar e metaforizar.

SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 218.

Pensando em uma teorização de caráter fronteiriço, a qual leve em conta as semelhanças, mas, sobretudo, as diferenças. Compreendo que minha teorização é erigida do *lado mais escuro da colonialidade*¹⁹⁹. Minha escolha pauta-se em uma crítica biográfica fronteiriça como forma de consolidar a comparação. Entendendo que pela natureza compósita da crítica biográfica, estou autorizada a mesclar fato e ficção. Tendo isso em mente, opto por contextualizar o enredo das obras elegidas para realizar minha teorização comparatista.

De antemão deixei claro minha escolha pelo *bios* e pelo corpo, demarcando sempre meu local por excelência, a fronteira-Sul, de onde emerge essa comparação. Nesse sentido, a articulação que se segue, trata de reiterar a vida de três mulheres, Heloisa, Nathalia e Ana. Um trabalho que se inscreve no corpo e que se grava na paisagem fronteiriça, meu desejo é *forma subalterna de pensar outra* a fim de não incorrer na *reinscrição das estratégias de subalternização*²⁰⁰

Na esteira dessas proposições, entendo que a teorização comparatista demanda estabelecer algumas relações de fins textuais para que o fio biográfico seja melhor amarrado pelo comparatista-fazedor. Desse modo, começo discorrendo sobre o enredo do livro *Uma aula de matar* (2003), de Ana Arruda Callado, a narrativa é construída a partir da ocorrência de um crime ambientado em meio as vaidades do âmbito acadêmico. Às vésperas de um concurso para professor titular de um dos institutos da universidade, o concorrente mais apto à vaga aparece morto no condomínio onde mora. Levando em conta o ocorrido, a maior suspeita é a única concorrente mulher, chamada Helena Bernardes²⁰¹ a qual possui no passado, uma prisão política por ser acusada de guerrilha

¹⁹⁹ MIGNOLO. Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade, s/p.

²⁰⁰ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 12.

²⁰¹ A escolha quanto ao nome da personagem será explicada mais adiante neste subtítulo.

na época da ditadura militar.

O livro de Callado constitui parte de uma coleção lançada pela editora Rocco, intitulada: “Elas são de morte” a qual é composta por uma série de 20 romances policiais escritos exclusivamente por mulheres, com o intuito de demonstrar as sensibilidades suscitadas pelas autoras brasileiras acerca das narrativas policiais.

Tendo em mente o abordado por Ana Arruda em sua obra, me volto agora para a segunda obra, a autobiografia *Escolhas* (2009) de Heloisa Buarque de Hollanda, o livro consiste em um memorial/relato acadêmico apresentado pela professora para concorrer ao concurso, me deterei especificadamente ao capítulo intitulado: “Um concurso acadêmico” que versa sobre a polêmica que envolvia Heloisa no concurso para professor titular da UFRJ em 1993.

O relato da trajetória duma vida intelectual bem sucedida sempre causa alvoroço no arraial dos sentimentos. A leitura do relato desperta tanto os sentimentos mais amorosos e sublimes, quanto os mais mesquinhos e vis, a que, por pudor, não gostamos de nomear.²⁰²

Utilizo das palavras do professor mineiro Silviano Santiago para iniciar minha teorização comparatista. O que está em jogo é a velha doxa colonizante que ainda graça no meio acadêmico, a qual foi responsável por entender que Heloisa Buarque não era merecedora da cadeira de professora da UFRJ, a qual desconsiderou toda a trajetória de sua vida intelectual. É justamente desses sentimentos vis e mesquinhos que quero me desprender, minha teorização comparatista visa validar a atuação tanto da vida de Heloisa quanto da obra de Ana Callado, de modo a “[...] não aceitar as opções que lhe brindam”²⁰³

Não ao acaso escolho as obras comparadas neste subtítulo, me deterei ao nome da personagem de Callado e a sua representação na narrativa, ao passo que a autobiografia de Heloisa Buarque de Hollanda me possibilita estabelecer as pontes metafóricas entre fato e ficção. As pontes aqui construídas estão angariadas na exterioridade dos saberes, para tanto, a epistemologia fronteira é o conceito maior

²⁰² SANTIAGO. Algumas palavras desnecessárias, p.7.

²⁰³ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 19.

adotado nesta comparação, haja vista que, *pensar (n)a exterioridade requer e exige uma epistemologia fronteiriça*²⁰⁴.

Nesse sentido, nos constituímos enquanto três mulheres intelectuais que resistem para além da lógica patriarcal falocêntrica da modernidade. Somente uma epistemologia fronteiriça dá conta de abarcar a dimensão desta comparação, de modo que não caia em mera análise textual. Dito isso, e assumindo a figura de crítica biográfica, se faz pertinente trazer as palavras de Eneida Maria de Souza como minha aliada nesta teorização, a professora pondera “A literatura provoca o enredo de histórias reais que prolongam seu texto sob a forma de um complô criminoso”²⁰⁵.

Conforme o elucidado por Eneida, consigo estabelecer relações ao que cerne a escolha entre fato e ficção, Callado, colega de Heloisa na escola de comunicação da UFRJ, acompanhou toda a polêmica do citado concurso acadêmico de 1993, e, dessa forma, incorpora em sua narrativa policial semelhanças com os fatos da realidade, alguns explícitos e outros ficcionalizados.

Nesse sentido, já que a literatura é capaz de provocar o enredo de histórias reais, trago uma imagem (figura xx) dos jornais da época em que vemos o nome e o rosto de Heloisa estampados, como uma ameaça a ética, como uma polêmica. Vejo que muito da discussão em torno da candidatura de Heloisa no concurso versa sobre o machismo presente na academia, como nas palavras de Edgar Nolasco *o preconceito interno apenas reforça uma dominação epistemológica existente*²⁰⁶

²⁰⁴ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 29.

²⁰⁵ SOUZA. *Tempo de pós- crítica*, p.116.

²⁰⁶ NOLASCO. Paisagens ao Sul, p. 29



Figura 20 - Jornais que circulavam no Rio de Janeiro em 1993. Muitos foram expostos nos murais na UFRJ. Ressaltando o machismo presente na academia.

Na verdade factual Heloisa foi acusada de comprar a banca que iria avaliar os candidatos do concurso, sofre uma perseguição no meio acadêmico da época, por ser a única mulher a participar, notas maldosas foram publicadas em toda a imprensa a seu respeito. Antevejo mais uma vez a necessidade de se teorizar acerca de uma epistemologia que preze pela vida de mulheres, que escreva sobre mulheres e sobretudo, como nas palavras da chicana Glória Anzáldua: *para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim.*²⁰⁷

De fato, a comparação que estou fazendo não trata somente das obras elencadas, mas também das sensibilidades contidas nas entrelinhas dos textos. Procuro os caminhos necessários para teorizar de modo a não invalidar as memórias narradas e ficcionalizadas das duas obras. Há muito mais ganho nas diferenças do que nas semelhanças, nesse sentido, vejo que o trabalho da crítica biográfica comparatista atualmente fala mais sobre como relacionar vidas engastadas nas fronteiras, do que meramente analisá-las do ponto de vista binário (semelhanças e diferenças).

O que de fato está envolto em minha discussão comparatista implica ler na *diferença*²⁰⁸. Meu posicionamento para com as mulheres/amigas aqui teorizadas denota meu compromisso enquanto comparatista com a exterioridade dos saberes. Nesse

²⁰⁷ ANZALDÚA. Falando em línguas, p. 232

²⁰⁸ NOLASCO. Comparativismo cultural hoje, p. 69

sentido, do mesmo modo que Ana Callado outrora denunciou a repressão sofrida por Heloisa por meio da ficção, denuncio eu agora por meio da teorização comparatista fronteiriça.

A modernidade atribuiu a nós mulheres um papel, fez com que nós acreditássemos que estávamos fadadas a um só destino em sociedade. O projeto moderno cria uma política identitária a qual privilegia homens, fazendo com que durante muito tempo se pensasse que essa era a aparência natural do mundo²⁰⁹. E o que estou querendo dizer com isso é que, no momento em que mulheres como Heloisa Buarque de Hollanda, Ana Arruda Callado se levantam frente ao falocentrismo, as coisas começam a caminhar rumo ao desprendimento e desobediência, de modo a *mostrar que há epistemologias outras que nos ensinam outros modos de compreender o próprio pensamento humano*²¹⁰.

Talvez não cheguemos a compreender todo o pensamento humano, mas podemos em partes contribuir para o melhor entendimento das sensibilidades. Nesse sentido, voltando as sensibilidades evocadas pelo exercício comparatista em entrevista para revista Piauí no ano de 2019, Heloisa relembra a polêmica:

Alô é do bordel da professora Helô?”, perguntou alguém pelo telefone à secretária do centro interdisciplinar que a pesquisadora coordenava na época. “Fui atacada de formas tão violentas e baixas que não podia desistir do concurso. Ganhei a vaga, mas não consegui engolir a situação. Passei a dar aula para os alunos da ECO em outro edifício.”²¹¹

O curioso nesta entrevista de Heloisa é o fato de que os estigmas da mulher que se rebela contra o sistema são sempre os mesmos, a dona do bordel, a cafetina, penso que devemos fazer como Anzaldúa, nos revoltar perante a política de identidade moderna e utilizar em resposta para a lógica patriarcal: *Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios*²¹². O fato é que não estou comparando somente vida e obra ficcionalizadas, as entrelinhas destas obras revelam profundezas da ordem do bios e da vida. E meu

²⁰⁹ Cf. MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289

²¹⁰ NOLASCO. Paisagens ao Sul, p. 36

²¹¹ HOLLANDA. As Phodonas: Uma trincheira feminista na UFRJ, s/p.

²¹² ANZALDÚA. Falando em línguas, p. 231

compromisso é com o bios, minha pesquisa se lança sobre minha vida e sobre o por do sol de minha fronteira.

Ao final do episódio, Heloisa consegue passar no concurso para titular e sua inocência é comprovada, como mencionado anteriormente, Ana Arruda acompanhou toda a trama, baseado nisso em 2003 resolve lançar *Uma aula de Matar*, como exposto o enredo é baseado na morte de um dos concorrentes e tendo como suspeita maior a professora Helena Bernardes, uma metáfora para as iniciais do nome de Heloisa Buarque, *HB*, além de ser suspeita da morte do professor Borges, já havia sido acusada anteriormente de comprar a banca avaliadora do concurso, Callado ficcionaliza a realidade, como mostra a passagem a seguir:

Não por causa do Borges, embora a opinião de todo mundo é a de que ele é imbatível. E isso não existe. Mas tudo indica que a direção do Instituto está armando para a professora Helena Bernardes ganhar. É um escândalo. A imprensa tem que divulgar essas coisas. Afinal, é o povo que paga a universidade pública; tem que saber o que se passa lá dentro.²¹³

Trago elementos dos textos pois antevejo a necessidade de relacionar como a vida está ficcionalizada na obra. Na passagem á cima, percebo e trago para essa teorização a mescla entre fato e ficção e a capacidade da literatura de se adaptar e ao mesmo tempo denunciar questões que são da ordem da vida, sendo capaz de representar o outro, nesse caso Heloisa Buarque de Hollanda.

Pautada nas diferenças, percebo também que o livro de Callado se insere em uma tradução não só da ordem da vida para o ficcional, mas também como forma de sair do meio das vaidades do âmbito acadêmico e transpô-las, denuncia-las para ficção, revelando assim o vasto campo que a literatura oferece, como exposto por Souza: “Traduzir e comparar, práticas nem tão inocentes e descompromissadas, explodem em crimes e mobilizam leitores.”²¹⁴

A prática proposta aqui por mim e com o auxílio de todos os teóricos e com as duas obras alvos de minha comparação, a escrita do romance policial de Callado, explode e denúncia o crime que ocorre no ambiente acadêmico, ambiente esse pautado

²¹³ CALLADO. *Uma aula de matar*, p.55.

²¹⁴ SOUZA. O exercício da literatura comparada, p. 115

por excelência em uma lógica moderna e homogeneizante, lugar em que uma mulher com o conhecimento de Heloisa Buarque de Hollanda, sofre preconceito por ser a única mulher concorrente, justamente pela academia ainda possuir um caráter machista e excludente.

Ademais a crítica biográfica me possibilita melhor comparar as obras elencadas pois, *um dos méritos da teorização fronteiriça é que ela traz para o plano da discussão teórica as sensibilidades locais e biográficas do crítico e do sujeito do lugar*²¹⁵. Por compartilhar e inserir minhas sensibilidades nessa teorização, entendo que contribuo para um re-teorizar da literatura comparada, que é indisciplinado e desaprende o imposto pela modernidade. De modo que sinto em meu próprio corpo a repressão sofrida por Heloisa no episódio em questão. O importante é que a partir disto, a autora re-existe em meio as vaidades acadêmicas e acaba por fundar o que Mignolo entende como identidade em política:

A identidade **em** política, em suma, é a única maneira de pensar descolonialmente (o que significa pensar politicamente em termos e projetos de descolonização). Todas as outras formas de pensar (ou seja, que interferem com a organização do conhecimento e da compreensão) e de agir politicamente, ou seja, formas que não são descoloniais, significam permanecer na razão imperial; ou seja, dentro da política imperial de identidades.²¹⁶

Na esteira do que propõe Mignolo, infiro que Heloisa cria uma identidade em política como maneira de substituir a velha política identitária a qual foi responsável por estigmatizar as mulheres na sociedade. Isso é, age politicamente no meio universitário de forma a resistir, em partes, Ana Callado mostra isso em sua obra, mesmo que de maneira ficcional. Ora, se a única maneira de se pensar descolonialmente é por meio de uma identidade em política, vejo que as intelectuais aqui teorizadas contribuem para mudar o paradigma das relações políticas dentro e fora do ambiente universitário. O que quero deixar evidente nesta teorização é o fato de que Heloisa Buarque e Ana Callado fundam para si uma forma de re-existência, para utilizar termos descoloniais com base em uma identidade que vai na direção de agir ao invés de simplesmente reagir ao

²¹⁵ NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-Sul, p. 45

²¹⁶ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

machismo imperial universitário.

Além disso, narra também em seu livro o preconceito sofrido por Heloisa quando a autora decide incorporar ao seu projeto intelectual o feminismo, com isso, a perseguição em torno de Buarque de Hollanda aumenta cada vez mais na academia, o que faz com que seja ainda mais suspeita de eleger a banca.

[...] Ficou insuportável! Essa doença do feminismo, que com certeza ela pegou no Canadá, é que a estragou. Reconheço que é boa professora, mas concorrer para titular, francamente! Não deveria ter se candidatado...essa campanha contra ela, e que já se espalhou também entre os alunos, é bem merecida. O jornal-mural dos estudantes usou as matérias que saíram na imprensa sobre o concurso.²¹⁷

Nessa passagem, pode-se observar claramente o machismo presente no ambiente acadêmico, quando digo que a academia é pautada em uma retórica moderna, é por conta desses elementos que fazem questão de retirar professoras mulheres do ritual acadêmico e alocá-las em um lugar de exclusão perante o eixo hegemônico da produção de conhecimento. Não levando em consideração as semelhanças e excluindo as diferenças. Ana Callado tenta mostrar em sua ficção como Heloisa utiliza recursos de resistência para fazer com que suas sensibilidades sejam valorizadas no meio acadêmicos, bem como, elege o feminismo como opção de vida para evidenciar tais preconceitos sofridos ao longo de sua carreira intelectual.

Ao observar tamanha força de Heloisa para lidar com esse acontecimento em sua vida, me recordo uma vez mais das palavras da chicana Glória Anzaldúa, ao ver que minha aliada *enfrenta uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma guerra interior*.²¹⁸ Compreender as lutas travadas por mulheres no meio acadêmico me aproxima um pouco mais de minhas aliadas nesta teorização, haja vista que entendo nossa luta contra os ditames patriarcais modernos como um meio de *se mover constantemente para fora das formações cristalizadas*²¹⁹. Mover-se para além das cristalizações identitárias, falocêntricas, patriarcais. Me insiro na tríade Heloisa/Nathalia/Ana pois, também possuo minhas lutas, minha luta de fronteira, minha luta contra a modernidade que me cala e

²¹⁷ CALLADO. *Uma aula de matar*, p.13.

²¹⁸ ANZALDÚA. *La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência*, p. 324.

²¹⁹ ANZALDÚA. *La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência*, p. 325.

me encarcera na margem. A fronteira em que vivemos nesta tríade é real e é logo aqui, no Sul de Mato Grosso do Sul.

Entendo, que os projetos intelectuais de Ana Arruda Callado e Heloisa Buarque de Hollanda, também se pautam sob o prisma da diferença, por denunciar os acontecimentos do meio acadêmico, as vaidades e os preconceitos. Voltando a pensar na potência da literatura em revelar metaforicamente os acontecimentos da ordem da vida, bem como é capaz de suscitar os mais variados sentimentos, a escrita da ficção de Callado acerca do acontecido com Heloisa, revela que a escrita feminina é capaz de expressar os sentimentos e compartilhar uma identidade plural. Ao ler a obra de Callado Heloisa declara:

[...] Ganhei o também o dia, ao ler, algum tempo depois, o livro de Ana Arruda Callado, minha companheira de Escola de Comunicação. O livro se chama Uma aula de matar, uma história policial, baseada no sinistro concurso para titular de Teoria Crítica da Cultura da ECO/UFRJ de 1993.²²⁰

Com base no exposto, reitero o potencial da literatura de compartilhar sensibilidades, experiências e vivências. Os textos aqui estudados tratam de evidenciar essa característica da literatura. A vida se dá nas fronteiras, na desobediência e na exterioridade dos saberes. Tento trilhar por meio da tríade aqui elencada uma perspectiva mais ampla, *que inclui em vez de excluir*²²¹, inclui os corpos femininos, valoriza o trabalho e o compromisso da intelectual da mulher para além das barras rígidas da modernidade/colonialidade do saber.

Este trabalho corpo-político erigido á partir de minha fronteira- Sul, se inscreve como oposição aos legados patriarcais e sexistas do mundo moderno. Na busca de validar as experiências sensíveis e intelectuais das mulheres do terceiro mundo. Há uma opção que me respalda enquanto crítica biográfica comparatista, uma opção de vida, a qual preza pela minha vida e evidencia produções políticas, culturais e artistas de intelectuais como Heloisa Buarque e Ana Callado. A descolonialidade se constrói em meus escritos como uma forma de liberdade, como uma resposta às amarras

²²⁰ HOLLANDA. *Escolhas*, p.102.

²²¹ ANZALDÚA. *La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência*, p. 325.

colonizantes. O Sul é minha rota, meu território, o lugar onde as ambiguidades, dualismos e estigmas são rechaçados em prol de minha própria existência enquanto mulher no mundo.

Recorro uma vez mais a Glória Anzaldúa, quero entender que o que aqui estou chamando de crítica biográfica fronteira/pensamento fronteiro, bebe em partes da *consciência mestiza*²²² da qual fala a chicana. Meu objetivo neste trabalho comparatista fronteiro também se inseriu como uma forma de:

desmontar a dualidade sujeito objeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida [...] reside na cicatrização da divisão que se origina nos próprios fundamentos de nossas vidas, nossa cultura, nossas línguas, nossos pensamentos. Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta²²³

Conforme o exposto pela citação e pelo o que venho propondo na execução desse trabalho, desvendo o enigma policial presente no livro de Ana Callado com base no relato de vida de Heloisa Buarque de Hollanda, desempenho assim meu papel de crítica biográfica fronteira, como dito nas palavras de Ricardo Piglia²²⁴:

Interessam muito os elementos narrativos que existem na crítica: a crítica como forma de ficção; vejo frequentemente a crítica como uma variante do gênero policial. O crítico como detetive que tenta decifrar um enigma, ainda que não haja enigma. O grande crítico é um aventureiro que se move entre os textos em busca de um segredo que, às vezes, não existe." No mesmo depoimento, ao ser inquirido acerca de *Nome falso*, responde que "em mais de um sentido o crítico é o investigador e o escritor é o criminoso. Pode-se pensar que o romance policial é a grande forma ficcional da crítica literária."²²⁵

Sou como nas palavras de Piglia, uma aventureira, busco estabelecer as pontes entre fato e ficção, articulo enquanto critica os duos históricos, faço de Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Arruda Callado minhas aliadas, ao investigar vidas alheias, me construo enquanto crítica biográfica fronteira, incorporo esses relatos nas entrelinhas de minha teorização.

²²² Faço alusão ao conceito proposto por Anzaldúa por enxergar um compartilhamento de sensibilidades entre minha teorização e o conceito elaborado pela autora. Haja vista que nossas teorias são construídas com base nas epistemologias de fronteiras. Tomo para minha teorização o exposto por Anzaldúa de modo a contribuir para o fazer comunal das epistemologias que se projetam em direção ao Sul.

²²³ ANZALDÚA. *La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência*, p. 326.

²²⁴ Ricardo Emilio Piglia Renzi foi um escritor argentino. Publicou, entre os textos de ficção, *La invasión*, *Nombre falso*, *Respiración artificial*, *Prisión perpetua*, *La ciudad ausente* e *Plata quemada*. Os livros de não-ficção são *Crítica y ficción*, *Formas breves*, *Tres propuestas para el próximo milenio* e *El último lector*.

²²⁵ PIGLIA. *O laboratório do escritor*, s/p.

3.4- Fisiologia da comparação: por grafias de vidas da fronteira- Sul.

A semelhança entre as duas obras está (1) em esforço estilístico idêntico e (2) no efeito de composição com uma mesma e única grafia-de-vida, ressalta-se: de obras literárias de diferente autoria. SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 18

Toda biografia contém em si elementos da autobiografia do autor. No entanto, uma teoria geral das biografias é impossível. Toda literatura é grafia de vida.

MORICONI. *35 ensaios de Silviano Santiago*, p. 19

A teorização que irá seguir está embasada nos postulados de um dos maiores críticos literários do Brasil, Silviano Santiago. A proposta aqui delineada versa sobre as elucubrações teóricas presente em seu livro *Fisiologia da Composição* (2020). Obra a qual se constrói como um dos tesouros da crítica atual, nela Silviano versa sobre a natureza das composições literárias, tendo como representante maior o corpo. Ressalvadas as diferenças de lócus enunciativo, uma vez que Silviano escreve sobre os processos de gênese e criação em autores como Machado de Assis e Graciliano Ramos, me voltaria para duas obras já analisadas neste trabalho, *Escolhas* (2006) e *Uma aula de matar* (2009), o faço por entender na esteira de Silviano que a comparação elencada até aqui nada mais é que uma expressão concreta do que o crítico vem chamando de grafia-de-vida.

Nesse interim, evoco as palavras expostas por Ítalo Moriconi na esteira de Santiago, *toda a literatura é grafia-de-vida*. No tocante ao meu caso específico, vejo que Ana Arruda Callado ao transformar a vida de Heloisa Buarque de Hollanda em ficção corrobora para o ideal proposto pelo mineiro. *Uma aula de matar* reside no efeito de composição com uma mesma e única grafia-de-vida²²⁶. A grafia aqui é a própria vida de Heloisa ficcionalizada em romance policial, consolidando assim seu estatuto de *manifestação literária concreta, variada e violenta*²²⁷. Entendo desse modo pois é por meio da ficção e da criação literária que Ana Arruda Callado busca denunciar a violência de gênero sofrida por Heloisa.

Na esteira dessa afirmação, compreendo que denunciar a repressão e ficcionalizar o alheio em próprio, se insere em um prisma composicional do corpo, da

²²⁶ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 18.

²²⁷ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 21.

denúncia de memórias/hospedeiras do corpo de Heloisa Buarque. Aguçando o que Santiago definiu como: “*o corpo do autor se abre à curiosidade intelectual e ao interesse analítico do leitor.*”²²⁸ A importância do corpo é debatida por Silviano de maneira a validar sua importância no corpus literário, bem como, em sua gênese. Não há literatura sem corpo, não há escritor sem corpo. O corpo é uma das maiores expressões da literatura.

Tendo por base o exposto, compreendo de forma mais nítida agora o cerne da composição em Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Arruda Callado, uma vez que o *corpo é parte escritural do texto*²²⁹, a comparação que se segue das duas obras se torna além de composição ficcional, uma forma de grafia-de-vida. Nesse sentido, Ana Callado assume a responsabilidade de narrar memórias da vida de outrem, memórias guardadas no corpo vivo da personagem Helena Bernardes (representação de Heloisa Buarque na obra ficcional). O fato é que do um emerge o dois, emerge a ficção.

Desse modo, entendo que Callado ganha na diferença em detrimento das semelhanças, tendo em mente que a autora não faz em momento algum uma biografia de Escolhas, mas usa partes significativas da vida de Heloisa e de si mesma para elaborar um texto novo, inédito, ficcional. Nesse caso em específico, me valho das palavras de Silviano por entender que:

caso as duas obras tivessem tramas que transcorressem em idêntico espaço/tempo, a segunda seria repetição silenciosa (às vezes, irônica, como no caso da paródia). Por mais criativa que fosse, a obra hóspede não passaria de mera leitura pouco ou em nada criativa da primeira.²³⁰

Dito isso, a ficção de Callado é valiosa para minha teorização, pois, compreendo que se trata de um romance assentado na diferença, as semelhanças pairam nas entrelinhas, mas não me interessam mais no prisma da teorização crítica, percorrer as diferenças me possibilita estudar a grafia de vidas alheias. Teorizar o não dito, comparar a liberdade de viver, de denunciar e principalmente, de se criar literatura.

Com base nos escritos em *Fisiologia da composição*, teorizar á luz de um prisma que preze pelo corpo e pela liberdade individual da criação autoral, me faz uma vez mais compreender que a ficção de Ana Callado *se responsabiliza não só pelo estilo literário*

²²⁸ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 12.

²²⁹ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 13.

²³⁰ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 19.

do hospedeiro como também pela sua grafia-de-vida.²³¹ Haja vista que foi escrito como forma de denúncia política sobre a vida de uma única pessoa, Heloisa Buarque. O fato é que ao hospedar as memórias de Buarque de Hollanda, a autora em questão inaugura o que Santiago vem defendendo como uma nova metodologia composicional da literatura, em que o interessante está em:

Há o desejo de oferecer compreensão e metodologia de leitura de obras que se distanciam do estilo documental [...] jogar luz sobre obras literárias que se autoafirmam com eficiência e rigor pela composição inusitada, que dificulta, ou evita, a naturalização fácil de sua significação.²³²

O desejo desencadeado pela obra ficcional da vida do outro, versa sobre o entendimento da realidade que paira no interim da comunidade acadêmica, por muitas vezes machista, a composição de Callado é diferente da de Heloisa, na medida em que *Escolhas* foi escrito na forma documental do memorial acadêmico. É nessa diferença que reside o esforço criativo, bem como, *a justeza na composição e a credibilidade da despersonalização do sujeito escritor*.²³³

Ao falar da composição em Machado de Assis, Silviano Santiago mais uma vez corrobora para meu entendimento teórico acerca das grafias-de-vida, ao afirmar de forma magistral que:

Em Machado, a grafia de vida do personagem é a do indivíduo, referendada pelo nome próprio, certo, mas é também, pela sua compreensão da perspectiva das hospedagens em que se instala, a grafia-de-vida de um grupo, do grupo a que o indivíduo pertence e passa a representar, significar ou simbolizar.²³⁴

Ressalvadas as diferenças existentes ente Ana Callado e Machado de Assis, aproveito os postulados de Silviano porque me contemplam em partes. A grafia de vida do personagem de Callado, nada mais é que a vida de Heloisa. Percebo também que a denuncia presente na obra, versa sobre um grupo específico, a academia, na medida em que representa e simboliza toda a misoginia que ainda existe nas universidades brasileiras. O nome próprio de Heloisa aparece no jogo estilístico criado por Callado, comprovando mais uma vez que se trata da criação de uma narrativa ficcional verossímil.

Procurei até aqui demonstrar como a obra de Silviano se constrói como uma nova

²³¹ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 18.

²³² SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 19.

²³³ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 57.

²³⁴ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 101.

metodologia para se pensar a literatura brasileira, para tanto, me vali da gênese da criação proporcionada pela obra de Ana Callado. Através da obra do mineiro, posso entender que um texto é feito de vários compostos, tendo como expressão maior o corpo. O livro de Santiago elucida que um livro é mais que um mero construto imaginário no papel, tem todo um aparato de vida, ideológico e estilístico. Silviano se faz necessário para aquele pesquisador que se dispõe a investigar a literatura pelo prisma crítico biográfico. Se faz necessário para minhas teorizações, e me mostra mais uma vez o potencial ideológico não só da literatura, mas do corpo. A tríade Heloisa/Nathalia/Ana é modificada, uma vez que compreendo a escrita literária como *textos sempre em estado de construção*²³⁵

²³⁵ SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 88.

3.5- Por uma crítica comparatista indisciplinada

se faz teoria para viver e não se vive para fazer teoria: não vivo para escrever teorias, meus caros que aqui me assistem; faço teorização para viver

NOLASCO. Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?, p.2.

Porque apostamos nossa vida em alguns pensamentos, e alguns pensamentos se lançam na vida.

Giuliano. ¿Podemos pensar los no-europeos?, p. 18.

Aportada pela epígrafe que abre esta conclusão, tentei até aqui fazer com minha opção de vida em conjunto com meu compromisso intelectual denotassem meu caminho em direção ao Sul global. Ancorada nas palavras de Edgar Nolasco, vejo que a fronteira Sul vive em mim e o trabalho que realizo enquanto pesquisadora se roça nas bordas pantaneiras do Mato Grosso do Sul. Escrever sobre Heloisa Buarque e Ana Arruda denotam não só as grafias de vidas delas, mas sobretudo, a minha. Haja vista que o ato de teorizar indisciplinadamente no tempo presente é grafar vidas.

É nesse sentido que minha concepção de comparar subverte o modelo clássico e o re-teoriza, minha maior intenção é *escavar formas de um viver melhor para todos*²³⁶, viver melhor no tempo presente, sanar as feridas coloniais, fazer com que o projeto de minhas aliadas se dissemine para além das bordas e possa ganhar passaporte para além da diferença colonial que ainda nos assola. Por conseguinte, este trabalho está contaminado com meu corpo e com minha paisagem biográfica fronteiriça. As obras *Escolhas* e *Uma aula de matar* me possibilitam *com-viver* com minhas sensibilidades biogeográficas, e assim, melhor grafar outras vidas alheias como as de minhas amigas autoras aqui postas.

Assim, fazer teoria da fronteira Sul é um constante ato indisciplinado e desobediente, pois ao fazê-lo me *desprendo das amarras de uma única*

²³⁶ NOLASCO. Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?, p.2.

*epistemologia*²³⁷. Desprender-me da tradição imposta pelo lado mais escuro da colonialidade me faz olhar para a própria concepção de literatura comparada e a re-teorizar. Por meio da negação das teorias modernas que viajam até minha borda e que foram aceitas como única verdade/método de se comparar durante muito tempo, sou capaz de propor uma *teorização que se alevanta das bordas da exterioridade*.²³⁸

Como exposto neste trabalho temos os dois lados da esfera da vida humana, um memorial para um concurso (Escolhas) o qual versa sobre a vida cotidiana de uma professora universitária, e um romance policial (Uma aula de matar) grafado com base em uma vida cotidiana real, em que o enredo é escrito sob a forma da mais pacata rotina humana. O fato e a ficção são as formas pelas quais o intelectual se vale para pensar sua própria vida, ou seja, uma prática que preze pelas grafias de vida e que *se convoca a presença do bios de todos os envolvidos na ação*.²³⁹

Dito isso, este ensaio denotou minha forma não só de pensar teoricamente, mas, de viver. Eu vivo no movimento de meu corpo em consonância com minhas aliadas e com minha fronteira. É desse lugar que sou, que falo, que sofro. E por ser da fronteira devo pensar na fronteira e teorizar sobre ela. Simplesmente não posso aceitar o velho modo de se fazer literatura comparada, pois, esse não contempla meu lócus sensível e teórico. Desobedeço a disciplina comparatista clássica em prol de meu corpo e do meu lugar no mundo, o Sul. Não posso somente importar as teorias e consumi-las, elas não se encaixam ao meu corpo, como uma roupa há muito guardada no armário e que já não nos serve mais. Por fim, sou desobediente, a minha opção de vida é descolonial. Afinal, *aquilo que é importante para a minha teorização deve ser indispensável para a minha vida*.²⁴⁰

²³⁷ NOLASCO. Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?, p.2.

²³⁸ NOLASCO. Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?, p.4.

²³⁹ NOLASCO. Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?, p.4.

²⁴⁰ NOLASCO. Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?, p.7.

**CONCLUSÃO –
A FRONTEIRA SUL É MINHA ESCOLHA**

Nasci na fronteira-Sul;
Cresci na fronteira-Sul;
Parti da fronteira-Sul;

Trouxe a fronteira-Sul dentro de mim:
– Um grande sertão epistemológico.

Aprendi a desaprender a cor sanguinolenta da fronteira.
NOLASCO. *Pântano*, p. 13.

Uma nova história, novas solidariedades, novos territórios epistêmicos impõem urgência em ser sonhados.

HOLLANDA. *Pensamento feminista hoje*, p.12

Calculou então que a vida devia ser vivida e que essa hipótese ousada o remetia ao seu velho sonho de obtenção de um sentimento de existir.

PESSANHA. *Testemunho transiente*, p. 13

Aportada pelas epígrafes de meus amigos/autores aliados nesta teorização, devo dizer que esta pesquisa também nasce de um sonho, um sonho em existir, um sonho em ser pesquisadora. A epistemologia que aqui se delineou a partir e sobre minha fronteira, trata de reiterar meu território epistêmico enquanto uma urgência. Minha vida é vivida e sonhada a partir da rachadura do talhão²⁴¹ de minha paisagem fronteira. Lugar onde dormitam por excelência meus sonhos e anseios. O sonho de escrever sobre futuros igualitários e mais justos, os quais tratem das vidas de mulheres como Heloisa Buarque de Hollanda. Foi motivada por esse sonho que redigi este trabalho até aqui.

Sempre acreditei que encerrar ciclos é uma das tarefas mais complexas da vida. Acredito que encerrar uma teorização que me acompanha há quase cinco anos é quase como um processo de dizer adeus a um amigo amado. Contudo, o adeus que digo agora á Heloisa Buarque de Hollanda é cercado de uma gratidão e comprometimento que ao longo desses anos de escrita atravessaram e atravessarão para sempre minha vida. Me constitui enquanto pesquisadora por intermédio das conversas que tive com meus amigos aliados, ou melhor *aqueles que me tocaram ao longo da vida e que me ajudaram a formular as questões mais importantes*.²⁴²

Fui tocada pelo movimento contínuo de minha teorização, tocada em minhas sensibilidades pela escrita de autores que me acompanharam até o gran finale. Autores esses que me possibilitaram dar um fim a cegueira moderna e colonizante que grassa no mundo, foi através da escrita de minha dissertação que pude melhor compreender minha fronteira, meu corpo e minha aliada Heloisa Buarque. Tomei *conhecimento da*

²⁴¹ NOLASCO. *Ignorância da revolta*, p. 13.

²⁴² PESSANHA. *Instabilidade Perpétua*, p. 287.

*contribuição de outras histórias locais do planeta*²⁴³. As quais incluem meu trabalho acerca de uma intelectual mulher, professora do terceiro mundo.

Penso, vivo, escrevo e sonho á partir do *oráculo da fronteira* o qual me acompanha desde o nascimento, toda a discussão aqui passa pelo *meu fazer desteórico fronteiro*²⁴⁴. O começo e o fim deste trabalho tratam de reiterar as escolhas que fiz acerca da exterioridade que me circunda, dos corpos exilados do centro, da diferença colonial. Aprendi que *há outras formas de viver, há outras formas de pensar e, por extensão, de teorizar e filosofar*.²⁴⁵

É na esteira desta afirmação que escrevi esta dissertação, toda discussão angariada aqui passa pelo corpo e pelo lugar, constituindo-se como formas de pensar/viver na fronteira Sul, haja vista que *meu corpo-teorização se move na encosta da fronteira- Sul*²⁴⁶. Se moveu até o lugar complexo da conclusão de um trabalho que se metamorfoseou em minha vida. Escrever é o esforço que move todo intelectual da exterioridade a cumprir com o máximo rigor o compromisso de se teorizar sobre a ferida causada pela diferença colonial. Ao escrever este trabalho me descobri tanto enquanto pesquisadora, tanto enquanto ser humano que habita a exterioridade das fronteiras. Uma vez que descobri meu lugar no mundo, compreendi melhor o projeto de minha aliada Heloisa Buarque de Hollanda, como bem salientou Nolasco:

Há um mundo das exterioridades no qual vozes, gentes, línguas, corpos que se incorporam e se interculturam, criando sentires, saberes e *estarem-sendo* que amalgamam um pensamento outro e, por conseguinte, uma epistemologia fronteira que se sustenta a partir de um paradigma-outro.²⁴⁷

Este mundo que fala Nolasco e o meu, sinto em meu corpo. As teorizações aqui presentes se intercorporificaram em meu estilo de escrita, bem como, em minha vida como um todo. A epistemologia fronteira é minha única condição de pensar/fazer teoria, pois, abarca em sua gênese todas as minhas sensibilidades de mulher/pesquisadora.

Desse modo, no capítulo I optei por teorizar acerca dos conceitos que moldam a

²⁴³ MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p. 418.

²⁴⁴ NOLASCO. Podemos fazer teorização da fronteira- sul?, p. 3

²⁴⁵ NOLASCO. Podemos fazer teorização da fronteira- sul?, p. 3

²⁴⁶ NOLASCO. Podemos fazer teorização da fronteira- sul?, p. 4

²⁴⁷ NOLASCO. Podemos fazer teorização da fronteira- sul?, p. 3

epistemologia fronteiriça, sob o viés da crítica biográfica intentei demonstrar como minha vida e o projeto de Heloisa estão atrelados e compartilham de sensibilidades similares ao que convém o gênero feminino. Ademais, procurei ressaltar como minha aliada cria para si uma identidade em política a fim de melhor teorizar sobre as margens do Rio de Janeiro e, claro, demonstrei como essa identidade criada por Heloisa se insere em um prisma de desobediência e re-existência.

Optei também neste primeiro capítulo por demarcar os conceitos que me respaldam enquanto sujeito fronteiriço, denotando á partir deles a necessidade e a importância de se pensar para além da diferença colonial. Toda a densidade teórica presente no primeiro capítulo funcionou como uma justificativa para minhas escolhas acerca do projeto intelectual de Heloisa. De modo que não poderia deixar de marcar o porque uma teorização erigida á partir da fronteira-Sul me é cara em termos epistemológicos.

Por conseguinte, no capítulo II procurei elaborar um arquivo de minha fronteira, arquivo este no qual convivem sensivelmente todos meus aliados, amigos, escritores. Mostrei também como o arquivo moderno ocidental foi prejudicial ao sujeitos da exterioridade, os quais tiveram suas memórias soterradas em prol das memórias narradas pelo projeto colonial. Nesse sentido, o arquivo outro o qual defendi acerca de minhas memórias subalternas latinas e consequentemente, as de Heloisa. Memórias essas que moldam a pesquisadora que sou e que me facilitam no entendimento de minha escrita. Tenho sempre em mente que escrever é desarquivar memórias, seja de momentos vividos e principalmente, de livros lidos e teorizados a partir da exterioridade do arquivo ocidental. Á partir da teorização e da abertura de meu arquivo fronteira descobri que escrever *não é composto apenas de outras obras, mas, sim, de encontros com lugares, doenças e pessoas atravessadas por uma verdade, pessoas que são livros não escritos*²⁴⁸.

Por fim, o capítulo III se constitui do atravessamento das idas e vindas das pessoas que compõe nossa teorização. O que demonstrei neste capítulo versa sobre a

²⁴⁸ PESSANHA. *Instabilidade Perpétua*, p. 287.

literatura comparada nos dias atuais, por meio de uma teorização comparatista biográfica fronteira fui possibilitada a criar uma tríade em que ao passo que me assumo enquanto comparatista, descubro as várias grafias de vida que perpassam o fazer teórico. Para fazer jus à rubrica crítica comparatista biográfica fronteira busquei comparar fato x ficção por meio das pontes metáforicas de minha epistemologia descolonial. Elenquei o livro *Escolhas* (2006) e *Uma aula de matar* (2009) para realizar a comparação. Contudo, meu intuito foi demonstrar como as grafias de vida perpassam e moldam minha vida, de modo a propor uma literatura comparada que seja assentada na diferença e que se oponha aos binarismos clássicos cosmopolitas. Propus uma literatura comparada que privilegie as diferenças em detrimento das semelhanças, e que desobedece o rigor disciplinar com base na exterioridade dos saberes.

Busquei me desprender, desobedecer, prezar por vidas outras. Minha aliada me acompanhou mesmo como um espectro durante toda esta trajetória de escrita. Hoje, posso dizer que concluo uma parte importante de minha vida, uma parte que se tornou quase o todo em que existo. Sou pesquisadora, sou da fronteira. Habito a diferença colonial, sinto a ferida aberta em meu corpo. De modo que *eu atravesso esta fronteira-sul. A fronteira-sul atravessou meu corpo, atravessou meu pensamento, atravessou minha vida e virou só sentimento teórico.*²⁴⁹

Meu sentimento teórico neste momento de conclusão é de gratidão, gratidão aos que porventura possam me ler, gratidão a Heloisa Buarque de Hollanda. Escrevi minha vida nesta páginas, Heloisa irá sempre me acompanhar por entre as fronteiras do conhecimento que se interculturam. Os sonhos, pensamentos que circundam este trabalho por mais que encerrado, agora, continuam vivos em meu corpo. Este foi um sonho que sonhei à partir do lugar em que me cerca, a partir da paisagem que me constrói enquanto ser humano. As escolhas de Heloisa me auxiliaram neste processo, como *uma forma de construir uma outra história, nascida nas frestas dos discursos coloniais.*²⁵⁰ Sigamos tentando, Heloisa, nossa descolonização está em meus sonhos, constituiremos uma outra história que preze por nossas vidas, afinal, somos marginais,

²⁴⁹ NOLASCO. Podemos fazer teorização da fronteira- sul?, p. 3

²⁵⁰ HOLLANDA. *Pensamento feminista hoje*, p. 15.

somos heroínas.



Figura 21 – Minha aliada/heroina/marginal, Heloisa.
Fonte: Pinterest

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Paisagens biográficas pós-coloniais: retratos da cultura local sul-mato-grossense*. Campo Grande: Life Editora, 2018.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. PAISAGENS BIOGRÁFICAS DESCOLONIAIS. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/2562/1615>>. 2013. Acesso em: 18 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS – ESTÉTICA BUGRESCA COMO OPÇÃO DESCOLONIAL DA ARTE. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/9474>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)bordar corpos em artes da cena. 2018b. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648471>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Différences Coloniales – Fronteiras Culturais – Biogeografias e Exterioridades dos Saberes*. 2019a. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2583>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O CORPO DAS ARTES (CÊNICAS) LATINAS AINDA É RAZÃO E EMOÇÃO! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!”. 2019b. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/563>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BOTELHO, André; COSTA, Cristiane; COELHO, Eduardo; STROZENBERG, Llana. *Onde é que eu estou?*. Rio de Janeiro, 2019. Editora: bazar e tempo.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491..

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Escolhas: uma autobiografia intelectual*. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2009.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2020.

MENESES, Maria Paula. SANTOS, Boaventura de Sousa. Prefácio. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 11-13.

MENESES, Maria Paula. SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27.

MIGNOLO, Walter. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (org.). *Teorías sin disciplina*. México: Miguel Ángel Porrúa, 1988, s/p.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

MIGNOLO, Walter. *El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2011.

MIGNOLO, Walter. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento: sobre

descolonialidad, pensamiento fronterizo y desobediencia epistémica. In: MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (antología, 1999-2014). Barcelona: CIDOB, 2015, p. 173-189.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso: 20 abr. 2020.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>>. Acesso: 20 abr. 2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica (II), pensamiento independiente y libertad de-colonial. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/Revistas/0001/Mignolo.pdf>>. Acesso: 20 abr. 2020.

NOLASCO, Edgar César. Memórias subalternas latinas. In: NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013, p. 131-159.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe: entrelugares epistemológicos ao sul da fronteira-sul. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Silviano Santiago: uma homenagem*. v. 6, n. 11. Campo Grande: Editora UFMS, 2014, p. 17-29.

NOLASCO, Edgar César. *Pântano*. São Paulo: Intermeios, 2014.

NOLASCO, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NOLASCO, Edgar César. Habitar a exterioridade da fronteira-sul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7771>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NOLASCO, Edgar Cézar. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 261-290.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: UBU Editora, 2018.

POSSO, Karl. *Artimanhas da seduc  o: homossexualidade e exílio*. Tradu  o de Marie-Annie Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SAID, Edward. Israel está mais seguro?. 2002. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/margens_margenes/article/view/10687 >. Acesso: 20 abr. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montivideo: Ediciones Trilce, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirma  o das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.